



**JOANA DOS SANTOS  
TAVARES**

**CRESCER COMIGO E COM OS OUTROS –  
DESENVOLVENDO COMPETÊNCIAS SOCIAIS**



**JOANA DOS SANTOS  
TAVARES**

**CRESCER COMIGO E COM OS OUTROS –  
DESENVOLVENDO COMPETÊNCIAS SOCIAIS**

Relatório de Estágio apresentado à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, realizado sob a orientação científica da Professora Doutora Maria Gabriela Correia de Castro Portugal, Professora Associada do Departamento de Educação da Universidade de Aveiro.

Dedico este trabalho aos meus pais e irmão por todo o apoio e amor incondicional.

## **O júri**

Presidente

Professora Doutora Ana Carlota Teixeira de Vasconcelos Lloyd Braga  
Fernandes Tomaz  
Professora Auxiliar do Departamento de Educação da Universidade de Aveiro

Vogais

Professora Doutora Vera Maria Silverio do Vale  
Professora Adjunta da Escola Superior de Educação de Coimbra

Professora Doutora Maria Gabriela Correia de Castro Portugal  
Professora Associada do Departamento de Educação da Universidade de Aveiro (Orientadora)

## **Agradecimentos**

À Professora Gabriela Portugal, pela sua orientação, disponibilidade e incentivo, que me fizeram querer chegar mais longe.

À Educadora Laura Abade, à Professora Patrícia Simões e às restantes Professoras e Assistentes Operacionais, por todo o apoio, confiança e encorajamento.

A todas as crianças que participaram neste projeto e às restantes que me fizeram crescer, por todo o carinho e dedicação. Sem elas nada disto seria possível!

À minha amiga Rita, pela verdadeira amizade, ajuda, incentivo...enfim, por tornar tudo muito mais fácil.

Aos meus amigos por se terem feito sentir sempre presentes.

Ao Miguel, por ter estado sempre ao meu lado, pelo carinho, compreensão e paciência.

À minha querida família, por todos os sacrifícios e amor incondicional, que sempre revelaram ao longo de todo o meu percurso.

## **Palavras-chave**

Competência social, desenvolvimento pessoal, social e moral, filosofia para crianças, papel do educador/professor, projeto, sistema de acompanhamento das crianças.

## **Resumo**

O presente trabalho reflete a experiência de um estudo de caso desenvolvido no âmbito de um projeto, que denominámos “CRESCER...Comigo e com os Outros!”, e que visou a promoção de competência social das crianças envolvidas. Pretendeu-se motivar as crianças para o desenvolvimento de atitudes de empatia, de respeito pelo outro e de ajuda. O projeto foi realizado num contexto de 1.º ciclo, com uma turma de 21 crianças, com idades compreendidas entre os 7 e os 9 anos, durante o período de estágio curricular do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico da Universidade de Aveiro (1.º semestre de 2011-12). A observação e análise centraram-se particularmente nas crianças que revelaram baixos níveis de implicação e de bem-estar nas atividades propostas, aquando da primeira caracterização do grupo. Ao longo deste estudo, foram realizadas sessões com a turma, adotando maioritariamente a abordagem Filosofia para Crianças, de forma a estimular o pensamento crítico das crianças em torno das relações sociais. Também se desenvolveram diversas abordagens promotoras de trabalho colaborativo e de escuta dos colegas ao longo das diversas atividades escolares. A análise do processo e efeitos da intervenção revelam a importância do trabalho em torno da competência social, com o objetivo de facilitar as relações e comportamentos entre alunos e professor, bem como um meio de reflexão de situações quotidianas em ambiente escolar. Concluiu-se que, apesar de algumas melhorias, as crianças, continuam a revelar alguma dificuldade em se relacionarem entre si de forma harmoniosa. Ainda, evidenciaram apetência para mobilização do seu pensamento crítico, o que se demonstrou uma mais-valia na interação ao longo das sessões. Assim, será determinante a continuidade do projeto iniciado, para a obtenção de resultados mais duradouros ao nível da melhoria dos comportamentos sociais.

**Keywords**

Social competence, personal, social and moral development, Philosophy for Children, role of the educator/teacher, project, monitoring system of children.

**Abstract**

This study reflects the experience of a case study developed within a project, labeled "GROW ... Me and the Others", which aimed to promote social competence of children involved. It was intended to motivate children to develop attitudes of empathy, respect for others and mutual support. The project was conducted in a context of first cycle, with a group of 21 children, aged 7 and 9 years, during the period of probation the Masters in Preschool Education and Teaching first cycle Basic Education at the University of Aveiro (first half of 2011-12). The observation and analysis focused particularly on children who showed low levels of involvement and welfare in the proposed activities at the first characterization of the group. Throughout this study, sessions were held with the group, largely adopting the Philosophy for Children approach in order to stimulate critical thinking about children's social relationships. It has also developed several approaches that promote collaborative working and listening to colleagues throughout the various school activities. The analysis of the effects of the intervention process reveal the importance of the work around social competence, in order to facilitate relations and behavior between students and teacher as well as a means of reflection of everyday situations in a school environment. It was concluded that, despite some improvements, children continue to have some difficulty relate to each other smoothly. Still, showed readiness for mobilization of critical thinking, which showed a surplus value in the interaction during the sessions. So, will determine the continuity of the project started, to obtain longer-lasting results in terms of improvement of social behavior.

# ÍNDICE

	<i>Páginas</i>
1. INTRODUÇÃO.....	1
2. DA ANÁLISE DA REALIDADE À CONCEÇÃO DO PROJETO.....	3
2.1. Caracterização do Contexto e do Meio.....	3
2.2. Competência Social vista nos Documentos Oficiais.....	4
2.2.1. Currículo Nacional do Ensino Básico.....	4
2.2.2. Perfil Geral de Desempenho Profissional do Educador de Infância e dos Professores dos Ensinos Básicos e Secundários.....	6
2.2.3. Perfis Específicos de Desempenho Profissional do Educador de Infância e do Professor do 1.º Ciclo do Ensino Básico.....	7
2.3. Caracterização da Turma.....	7
2.4. Contextualização do Projeto.....	12
3. ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	15
3.1. Competência Social.....	15
3.1.1. Indicadores de Competência Social.....	17
3.1.2. Desenvolvimento Moral.....	20
3.1.3. Desenvolvimento Pessoal e Social e Emocional e Comportamento no Grupo.....	23
3.2. Filosofia para Crianças.....	28
3.2.1. Funcionamento das Sessões de Filosofia para Crianças.....	31
3.2.2. Principais Vantagens da Filosofia para Crianças.....	33
4. ESTUDO EMPÍRICO.....	35
4.1. Metodologia de Investigação.....	35
4.2. Descrição dos Procedimentos.....	37
4.2.1. Sujeitos do Estudo.....	37
4.2.2. Seleção das Estratégias.....	41
4.2.3. Objetivos Operacionais.....	43
4.2.4. Calendarização e Objetivos de Cada Sessão.....	43
4.2.5. Avaliação da Intervenção.....	49
5. ANÁLISE DE RESULTADOS.....	51
5.1. Sessão n.º 1 – Quem sou eu?.....	52



5.1.1.	Análise de Resultados da Sessão n.º 1.....	52
5.1.2.	Balanço Geral da Sessão n.º 1.....	58
5.2.	Sessão n.º 2 – A Caixa das Emoções.....	60
5.2.1.	Análise de Resultados da Sessão n.º 2.....	60
5.2.2.	Balanço Geral da Sessão n.º 2.....	62
5.3.	Sessão n.º 3 – O que são os sentimentos?.....	63
5.3.1.	Análise de Resultados da Sessão n.º 3.....	63
5.3.2.	Balanço Geral da Sessão n.º 3.....	68
5.4.	Sessão n.º 4 – O que são o bem e o mal?.....	69
5.4.1.	Análise de Resultados da Sessão n.º 4.....	69
5.4.2.	Balanço Geral da Sessão n.º 4.....	72
5.5.	Sessão n.º 5 – O que é viver em sociedade?.....	74
5.5.1.	Análise de Resultados da Sessão n.º 5.....	74
5.5.2.	Balanço Geral da Sessão n.º 5.....	77
5.6.	Sessão n.º 6 – Relembrar o que aprendi.....	79
5.6.1.	Análise de Resultados da Sessão n.º 6.....	79
5.6.2.	Balanço Geral da Sessão n.º 6.....	81
5.7.	Conclusões.....	82
6.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	87
7.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	89
7.1.	Bibliografia.....	89
7.2.	Documentos Oficiais.....	90
7.3.	Webgrafia.....	91
8.	ANEXOS.....	95
8.1.	Anexo 1 – Conceitos de implicação e bem-estar e respetivas escalas de avaliação (SAC – Portugal e Laevers, 2010).....	95
8.2.	Anexo 2 – Descritivo Sessão n.º 1 – Quem sou eu?.....	97
8.3.	Anexo 3 – PowerPoint Sessão n.º 1.....	100
8.4.	Anexo 4 – Descritivo Sessão n.º 2 – A caixa das emoções.....	103
8.5.	Anexo 5 – Descritivo Sessão n.º 3 – O que são os sentimentos?.....	104
8.6.	Anexo 6 – PowerPoint Sessão n.º 3.....	106
8.7.	Anexo 7 – Descritivo Sessão n.º 4 – O que são o bem e o mal?.....	109
8.8.	Anexo 8 – PowerPoint Sessão n.º 4.....	112
8.9.	Anexo 9 – Descritivo Sessão n.º 5 – O que é viver em sociedade?.....	114
8.10.	Anexo 10 – PowerPoint Sessão n.º 5.....	117
8.11.	Anexo 11 – Descritivo Sessão n.º 6 – O que é viver em Sociedade?/ Relembrar o que aprendi.....	119
8.12.	Anexo 12 – PowerPoint Sessão n.º 6.....	121
8.13.	Anexo 13 - Convite de divulgação do blog para encarregados de educação.....	122
8.14.	Anexo 14 - Questionário Final entregue às crianças.....	123

## ÍNDICE DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> – What Personal, Social and Emotional Development means for children.....	24
<b>Figura 2</b> – Areas of learning and development for Personal, Social and Emotional Development.....	25
<b>Figura 3</b> – Children philosophise, Unesco.....	29
<b>Figura 4</b> – Sessão n.º 1: Respostas crianças com níveis baixos de bem-estar e Implicação.....	59
<b>Figura 5</b> – Sessão n.º 1: Respostas crianças com níveis altos de bem-estar e implicação.....	59
<b>Figura 6</b> – Sessão n.º 1: Respostas crianças com níveis baixos de bem-estar e Implicação.....	59
<b>Figura 7</b> – Sessão n.º 1: Respostas crianças com níveis altos de bem-estar e Implicação.....	59
<b>Figura 8</b> – Sessão n.º 3: Respostas crianças com níveis baixos de bem-estar e Implicação.....	69
<b>Figura 9</b> – Sessão n.º 3: Respostas crianças com níveis altos de bem-estar e Implicação.....	69
<b>Figura 10</b> – Sessão n.º 4: Respostas crianças com níveis baixos de bem-estar e Implicação.....	73
<b>Figura 11</b> – Sessão n.º 4: Respostas crianças com níveis altos de bem-estar e Implicação.....	73
<b>Figura 12</b> – Sessão n.º 5: Respostas crianças com níveis baixos de bem-estar e Implicação.....	78
<b>Figura 13</b> – Sessão n.º 5: Respostas crianças com níveis altos de bem-estar e Implicação.....	78
<b>Figura 14</b> – Sessão n.º 6: Respostas crianças com níveis baixos de bem-estar e Implicação.....	81
<b>Figura 13</b> – Sessão n.º 6: Respostas crianças com níveis altos de bem-estar e Implicação.....	81

## ÍNDICE DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> – Caraterização Geral do Grupo.....	9
<b>Quadro 2</b> – Calendarização das sessões gerais realizadas.....	44

## **ÍNDICE DE GRÁFICOS**

<b>Gráfico 1 – Balanço Geral da Sessão n.º 1 – Pergunta: Quem sou eu?.....</b>	<b>58</b>
--	-----------

## **SIGLAS E ABREVIATURAS**

**1.º CEB** – Primeiro Ciclo do Ensino Básico

**SAC** – Sistema de Acompanhamento de Crianças

**PPS** – Prática Pedagógica Supervisionada

**SIE** – Seminário de Investigação Educacional

**UA** – Universidade de Aveiro

## 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho foi desenvolvido no âmbito do Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, da Universidade de Aveiro (UA). Em articulação com as unidades curriculares de Prática Pedagógica Supervisionada (PPS) e Seminário de Investigação Educacional (SIE), foi desenvolvido um projeto junto das crianças, tendo como objetivo a promoção de competências sociais.

Assumindo que pesquisar e trabalhar as competências sociais é importante considerando o seu caráter decisivo no sucesso dos indivíduos, quer seja escolar, profissional, familiar ou social; assumindo ainda que as competências sociais podem ser ensinadas, lembradas e trabalhadas a qualquer momento, de forma sistemática e intencional, na ação quotidiana dos educadores/professores, elegemos o estudo desta temática como importante no nosso desenvolvimento pessoal e profissional.

Inicialmente, o interesse pela temática envolveu uma pesquisa bibliográfica, ainda no contexto do primeiro estágio em jardim-de-infância e, depois, já em contexto de 1.º Ciclo, foi realizado um estudo de caso, com o objetivo de compreender o processo e possíveis efeitos de uma intervenção intencional visando a promoção de competências sociais, junto de um grupo de crianças de uma turma do 1º CEB.

Realizando-se o estágio em grupos de duas mestrandas, toda a conceção e desenvolvimento do projeto aconteceu em parceria, mas a atenção de cada uma de nós, durante o processo, focalizou-se em grupos distintos de crianças, estando a minha observação focalizada num grupo de 8 crianças cujos níveis de implicação e bem-estar nas diferentes atividades escolares se revelaram mais preocupantes. Este estágio de Prática Pedagógica Supervisionada decorreu junto de uma turma do 3.º ano do Ensino Básico, ao longo de cerca de três meses, sob supervisão da docente titular e da orientadora da UA.

Numa primeira parte deste relatório, apresenta-se uma breve análise da realidade do contexto de estágio, procurando evidenciar a forma como a temática se insere nos objetivos da escola e se articula com os vários documentos oficiais que

enquadram a ação do professor. Caracterizamos o grupo de crianças da nossa turma e fazemos uma breve apresentação do projeto e seus objetivos mais genéricos.

Na segunda parte, segue-se um enquadramento teórico em torno da competência social e da abordagem filosofia para crianças, abordagem que esteve na base da concepção e organização da intervenção.

Passando ao estudo empírico, apresenta-se de forma sucinta o enquadramento metodológico subjacente ao nosso estudo e à apresentação da intervenção, referindo os objetivos, as atividades realizadas e a sua avaliação. Finalmente, são apresentadas conclusões e considerações finais, salientando implicações para o desenvolvimento pessoal e trabalho futuro como educadora/professora.

## **2. DA ANÁLISE DA REALIDADE À CONCEÇÃO DO PROJETO**

### **2.1. CARATERIZAÇÃO DO CONTEXTO E DO MEIO**

A escola onde foi realizado o estágio a que se reporta este relatório está localizada numa zona calma e próxima do centro de Aveiro.

É um estabelecimento privado de ensino Pré-Escolar, Básico e Secundário, com paralelismo e autonomia pedagógica, tendo entrado em funcionamento no ano letivo de 1997/1998. Atualmente, o contexto continua a crescer e a progredir no caminho inicialmente definido, por forma a responder às necessidades do concelho e de uma freguesia relativamente recente e, igualmente, em crescimento.

Segundo o Projeto Educativo (2008/2011, p. 22), esta escola defende vários valores, entre os quais, a verdade e a justiça, a liberdade e a responsabilidade, a criatividade, participação e autonomia, o respeito por si e pelo próximo e, também, a solidariedade, amizade e amor. Pretende proporcionar aos seus alunos, por meio de práticas, conceitos e exemplos trabalhados através do desenvolvimento do currículo, o desenvolvimento de capacidades que permitam intervir na sociedade para a transformar.

A escola assume vários objetivos (Projeto Educativo, p. 23), de entre os quais se destacam os seguintes:

- Promover o desenvolvimento de um conjunto de princípios, valores e normas que tornem o aluno um cidadão pleno no que respeita à sua integração social e ao seu relacionamento com os outros;
- Propiciar fatores de mudança que permitam preparar os alunos para o desenvolvimento das competências necessárias para se adequarem às exigências da sociedade em geral, através do desenvolvimento nos alunos de uma formação de cidadania, capaz de fomentar os valores da pessoa humana, da democracia e do exercício responsável da liberdade individual, adequada a uma intervenção consciente e responsável no contexto e na sociedade;

- Perspetivar a avaliação como um elemento fundamental na promoção do sucesso;
- Promover a construção de projetos escolares e profissionais;
- Criar hábitos de trabalho, individual e em grupo e favorecer o desenvolvimento de atitudes de reflexão metódica.

Acresce referir que todas as atividades realizadas no âmbito do projeto enquadravam-se nas diretrizes pedagógicas oficiais que norteiam o trabalho na escola.

## **2.2. A COMPETÊNCIA SOCIAL VISTA NOS DOCUMENTOS OFICIAIS**

### **2.2.1. CURRÍCULO NACIONAL DO ENSINO BÁSICO, CNEB (2001)**

Uma leitura do Currículo Nacional do Ensino Básico, que na altura ainda vigorava como documento oficial enquadrador do ensino do 1º CEB, procurando perceber a forma como a competência social era considerada neste documento, evidenciou a pertinência do nosso projeto.

A clarificação das competências a alcançar no final da educação básica toma como referentes os pressupostos da lei de bases do sistema educativo, sustentando-se num conjunto de valores e de princípios que a seguir se enunciam (CNEB, p. 15):

- A construção e a tomada de consciência da identidade pessoal e social;
- A participação na vida cívica de forma livre, responsável, solidária e crítica;
- O respeito e a valorização da diversidade dos indivíduos e dos grupos quanto às suas pertenças e opções;
- O desenvolvimento do sentido de apreciação estética do mundo;
- A valorização das dimensões relacionais da aprendizagem e dos princípios éticos que regulam o relacionamento com o saber e com os outros.

Da análise destes princípios, destaca-se desde logo uma preocupação com o desenvolvimento social das crianças, referindo o mesmo documento que à saída da educação básica, o aluno deverá ser capaz de identificar situações problemáticas em termos de levantamento de questões; selecionar informação e organizar estratégias criativas face às questões colocadas por um problema; debater a pertinência das estratégias adotadas em função de um problema; confrontar diferentes perspetivas face a um problema, de modo a tomar decisões adequadas e propor situações de intervenção, individual e, ou coletiva, que constituam tomadas de decisão face a um problema, em contexto.

Refere-se ainda neste documento, que o aluno deve participar em atividades interpessoais e de grupo, respeitando normas, regras e critérios de atuação, de convivência e de trabalho em vários contextos; manifestar sentido de responsabilidade, de flexibilidade e de respeito pelo seu trabalho e pelo dos outros; comunicar, discutir e defender descobertas e ideias próprias, dando espaços de intervenção aos seus parceiros e avaliar e ajustar os métodos de trabalho à sua forma de aprender, às necessidades do grupo e aos objetivos visados.

Consequente a estes princípios e objetivos, o professor deve promover intencionalmente, na sala de aula e fora dela, atividades que permitam ao aluno fazer escolhas, confrontar pontos de vista e resolver problemas; promover atividades de simulação e jogos de papéis que permitam a perceção de diferentes pontos de vista e promover a realização de projetos que envolvam a resolução de problemas e a tomada de decisões.

Ainda, salienta o CNEB que o professor deve organizar o ensino prevendo e orientando a execução de atividades individuais, a pares, em grupos e coletivas; promover intencionalmente, na sala de aula e fora dela, atividades dirigidas para o trabalho cooperativo, desde a sua conceção à sua avaliação e comunicação aos outros; propiciar situações de aprendizagem conducentes à promoção da auto-estima e da autoconfiança; fomentar atividades cooperativas de aprendizagem com explicitação de papéis e responsabilidades; organizar o ensino com base em materiais e recursos diversificados adequados a formas de trabalho cooperativo; apoiar o aluno na descoberta das diversas formas de organização da sua



aprendizagem em interação com outros e desenvolver a realização cooperativa de projetos.

#### **2.2.2. PERFIL GERAL DE DESEMPENHO PROFISSIONAL DO EDUCADOR DE INFÂNCIA E DOS PROFESSORES DOS ENSINOS BÁSICOS E SECUNDÁRIOS (2001)**

Na mesma linha do enunciado no CNEB, o Decreto-Lei n.º 241/2001, refere que os educadores e professores devem (artigo n.º 4, p. 5571) promover a qualidade dos contextos de inserção do processo educativo, de modo a garantir o bem-estar dos alunos e o desenvolvimento de todas as componentes da sua identidade individual e cultural; identificar ponderadamente e respeitar as diferenças culturais e pessoais dos alunos, valorizando os diferentes saberes e culturas e combatendo processos de exclusão e discriminação, perspetivando a escola e a comunidade como espaços de educação inclusiva e de intervenção social no quadro de uma formação integral dos alunos para a cidadania democrática.

Ainda segundo o mesmo documento, os educadores/professores deverão promover nos alunos aprendizagens significativas no âmbito dos objetivos do projeto curricular de turma, desenvolvendo competências essenciais e estruturantes que o integram; promover a aprendizagem sistemática dos processos de trabalho intelectual e das formas de o organizar e comunicar, bem como o envolvimento ativo dos alunos nos processos de aprendizagem e na gestão do currículo, desenvolvendo estratégias diferenciadas, conducentes ao sucesso e realização de cada aluno no quadro sociocultural da diversidade das sociedades e da heterogeneidade dos sujeitos, mobilizando valores, saberes, experiências e outras componentes dos contextos e percursos pessoais, culturais e sociais dos alunos, para desta forma desenvolver nos alunos as competências pessoais, sociais e profissionais, numa perspetiva de formação ao longo da vida.

### **2.2.3. PERFIS ESPECÍFICOS DE DESEMPENHO PROFISSIONAL DO EDUCADOR DE INFÂNCIA E DO PROFESSOR DO 1.º CICLO DO ENSINO BÁSICO (2001)**

Atendendo a estas ideias, e de acordo com o Decreto-Lei n.º 241/2001 (perfis específicos de desempenho profissional do educador de infância e do professor do 1.º ciclo do ensino básico) será importante fomentar a cooperação entre as crianças, garantindo que todas se sintam valorizadas e integradas no grupo; apoiar e fomentar o desenvolvimento afetivo, emocional e social de cada criança e do grupo; estimular a curiosidade da criança pelo que a rodeia, promovendo a sua capacidade de identificação e resolução de problemas; e promover o desenvolvimento pessoal, social e cívico numa perspetiva de educação para a cidadania.

Ainda segundo o Decreto-Lei n.º 241/2001, seja no âmbito da educação em Língua Portuguesa, Ciências Sociais e da Natureza ou mesmo em Educação Física, o professor do 1.º Ciclo deverá fomentar nos alunos hábitos de reflexão, de interação comunicativa, curiosidade, gosto de saber e conhecimento sobre a realidade social procurando a construção de uma cidadania responsável, respeitadora da diferença e convivência democrática. Nesse sentido, a organização de situações de aprendizagem que favoreçam o envolvimento lúdico e o desenvolvimento de atitudes responsáveis e de respeito pelas diferenças individuais é muito importante.

### **2.3. CARATERIZAÇÃO DA TURMA**

A turma do 3.º ano do contexto cooperante é constituída por vinte e uma crianças, cujas idades se situam entre os sete e os oito anos, exceptuando uma criança que tem nove anos. Assim, até à data de *términus* do estágio a turma era constituída por 8 meninas e 13 meninos.

Desde logo, o que mais nos agradou no grupo foi a relação que as crianças estabeleceram connosco, que se revelou muito positiva. As crianças evidenciavam uma grande energia e grande implicação na maioria das tarefas. No entanto, o grupo era bastante heterogéneo, exigindo uma grande capacidade de escuta e disponibilidade, por parte do adulto, para atender às necessidades de todos.

No geral, o grupo demonstrou-se bastante desenvolvido e dinâmico, com grande interesse por desafios, surpresas e experiências novas que lhes estimulassem a curiosidade.

Dentro do grupo o que mais nos preocupou foi a relação entre as crianças. Alguns demonstraram ser bastante competitivos e muitas vezes pouco compreensivos com os colegas. Existiam muitas situações em que não se respeitavam, não respeitavam as diferentes opiniões e tinham uma grande dificuldade em aceitar as diferenças dos outros e em aceitar perder. São crianças com muito medo de falhar e, por isso mesmo, tentam ser as melhores em tudo, tornando-se competitivas entre si. Contudo, não deixam de gostar, de se ajudar uns aos outros nas diversas tarefas.

Quando questionamos o grupo sobre os aspetos positivos que eram importantes referir acerca do seu contexto, as crianças destacaram as aulas de Matemática, as professoras, o recreio, os amigos, as aulas de Estudo de Meio, o “aprender”, as atividades realizadas pela escola. Como aspetos negativos destacaram essencialmente, o facto de a sala ser pequena, as discussões entre as crianças, o excesso de aulas por dia e a falta de respeito entre eles.

Numa perspetiva geral, cerca de metade dos familiares deste grupo possui um nível de escolaridade inferior ao 12.º ano de escolaridade. Os restantes possuem o 12.º ano completo ou licenciatura.

As expectativas das famílias são no geral bastante altas, os pais depositando bastante confiança na qualidade dos serviços prestados pelo colégio. Alguns encarregados de educação referem a qualidade do ensino e dos professores, o dinamismo, as boas instalações, a alegria e a interação positiva no relacionamento com os pais. Outros referem como razão de escolha desta instituição, a proximidade das suas residências e o facto dos restantes irmãos frequentarem também o colégio.

Os alunos frequentam a escola em actividades curriculares e em actividades de enriquecimento curricular, das 9.00 às 15.00 horas, com intervalo entre as 10h30 e as 11h, as 12.00 e as 13.00 horas para almoço. Alguns alunos praticam actividades recreativas e desportivas, no contexto, em horário extra-escolar.

O quadro seguinte pretende dar uma perspetiva geral do grupo de crianças, atendendo aos níveis de bem-estar e de implicação das crianças, na linha do proposto por Portugal e Laevers (2010), numa fase inicial do estágio (4/10/2011). Em anexo, apresenta-se informação relativa ao sentido e escala de bem-estar e de implicação das crianças (Anexo I).

**Quadro 1 – Caracterização Geral do Grupo**

Crianças	Nível geral de bem-estar						Nível geral de Implicação						Comentários
	1	2	3	4	5	?	1	2	3	4	5	?	
Nomes *													
1. BG					X						X		Muito perfeccionista com o seu trabalho. É responsável, trabalhadora e empenhada. O seu comportamento é exemplar e tem um ótimo ritmo de aprendizagem.
2. BP					X					X			Grande à vontade. Bastante confiante no seu discurso. Ainda revela alguma dificuldade no cumprimento de algumas regras da sala de aula.
3. CV			X						X				Irmão do MV. Tem apoio escolar fora do colégio. Grandes dificuldades na comunicação/uso da língua portuguesa. No entanto, revela capacidades e demonstra interesse.
4. CG				X						X			Reservada. Primeiro ano nesta instituição.
5. CM			X						X				Alguma dificuldade de concentração e de relação com alguns colegas.
6. CO				X						X			Inteligente, mas um pouco conflituoso com os colegas. No entanto, já começa a melhorar as suas atitudes.
7. DS				X					X				Apresenta comportamentos muito imaturos e infantis e pouco interesse ou motivação por aprender. Frequenta a psicóloga.
8. EC					X						X		Este demonstra grande

Crescer comigo e com os outros  
Desenvolvendo competências Sociais

																		facilidade na aprendizagem, um bom ritmo de trabalho e interesse por descobrir coisas novas. Relaciona-se de forma cordial com os colegas, mas tem muita dificuldade em comunicar o que sente com os adultos, especialmente se algo o perturba.
9. FA				X										X				É uma criança muito interessada e empenhada, mas igualmente insegura, requerendo sistematicamente o apoio do adulto e reforço positivo na realização das tarefas. É cumpridor das regras de sala de aula e mantém um ótimo relacionamento com os colegas e adultos.
10. FM			X										X					Muito irrequieto. Distrai-se com facilidade. Por vezes, gera situações de conflito com os colegas. Tem muitas capacidades.
11. GC				X										X				O aluno demonstra um bom ritmo de trabalho e está a desenvolver as aprendizagens propostas com sucesso. Demonstra alguma imaturidade nas suas atitudes e comportamentos.
12. GO			X									X						Demonstra alguma dificuldade em manter-se atento por períodos mais longos.
13. JC				X									X					Revela bastantes capacidades. No entanto, distrai-se com alguma facilidade.
14. JS				X										X				Muito aplicado e revela facilidade na resolução das tarefas. É muito curioso e tem uma vontade enorme de aprender e descobrir.
15. MV				X										X				Irmão do CV. Já adquiriu bastante vocabulário em português e consegue comunicar com facilidade em Língua Portuguesa. Revela interesse e entusiasmo pela aprendizagem e boa interação com os

															colegas.
16. MT			X						X						É muito reservada. No entanto, distrai-se com facilidade.
17. MM				X						X					Muito popular na turma. Acarinhada pelos colegas. Revela grande à vontade na resolução das tarefas. É muito viva, interessada a curiosa.
18. MN			X							X					É muito reservada e muito atenta. Demonstra uma grande curiosidade por aprender. Bastante madura.
19. RD			X					X							Dificuldades em acompanhar a dinâmica da turma. Tem muita dificuldade em cumprir as regras de sala de aula. Tem uma boa relação com os colegas.
20. RP			X						X						Muito irrequieto, espontâneo e comunicativo. Revela dificuldades na resolução de algumas tarefas.
21. SS			X					X							É muito reservada e demonstra muita insegurança no trabalho que realiza. Apresenta dificuldades em expressar-se.

- **Laranja:** Assinala as crianças que parecem funcionar em níveis médios, tendencialmente baixos, ou crianças que suscitam dúvidas.
- **Verde:** Assinala as crianças que, claramente, parecem usufruir bem da sua permanência na escola (níveis altos).

Analisando o quadro acima exposto, pode observar-se que foram indicadas 8 crianças com um nível médio, tendencialmente baixo, de bem-estar e implicação; e 13 crianças que, claramente, usufruem bem da sua permanência na escola, revelando um nível bastante elevado de bem-estar e de implicação.

Desta caracterização inicial do grupo, foram definidos dois grupos de observação, sendo que eu analisei as atitudes e respostas das crianças assinaladas a laranja, que revelaram níveis médios ou baixos de implicação e bem-estar nas atividades proporcionadas pela escola, num total de 8 crianças. A minha parceira de estágio, analisou o grupo de 13 crianças, que se encontram assinalados a verde no

quadro de avaliação inicial do grupo, demonstrando usufruir bem da sua permanência na escola.

Neste contexto, o desenvolvimento de um projeto em torno de questões relativas ao trabalho em torno de competências sociais das crianças afigurou-se muito pertinente, por um lado devido aos comportamentos preocupantes de algumas das crianças do grupo e ainda, porque se trata de uma temática que vai ao encontro das finalidades que constam do projeto educativo da instituição e dos normativos oficiais que enquadram a ação do professor/educador.

#### **2.4. CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROJETO**

Pela observação do grupo, logo nas primeiras semanas, tornou-se claro que as crianças, na generalidade, tinham uma relação um pouco conflituosa entre elas, sendo bastante competitivas e demonstrando pouco espírito de união e de entreaajuda.

Assumindo a ideia de competência social encontrada em Portugal e Laevers (2010) segundo a qual, “a competência social refere-se à capacidade de compreender os sentimentos, intenções, perceções e pensamentos de outras pessoas, bem como os próprios. Inclui a capacidade para compreender interações em diversas situações, um vasto repertório de interagir com os outros e a capacidade de perceber qual o comportamento mais adequado em determinada situação” (p. 49), neste trabalho procurou-se desenvolver em cada criança um interesse pelas pessoas, o reconhecimento dos seus próprios sentimentos e dos outros, das suas características pessoais, das diferentes formas de relação com o outro e a sensibilização para com as necessidades, perspetivas e sentimentos do outro.

Para isso, procurou-se criar ambientes propícios ao desenvolvimento de competências sociais no grupo, considerando duas abordagens. Uma trabalhada em sessões criadas para o efeito, dirigidas à turma e outra abordagem que podemos denominar de “continuada” e mais próxima de cada criança em particular em que se

procurou a transferência e concretização das temáticas trabalhadas nas sessões gerais, no dia-a-dia das crianças, dos professores e dos pais.

Ainda que a promoção da competência social fosse o nosso principal objetivo, a adoção de uma abordagem Filosofia para Crianças no âmbito das sessões desenvolvidas, levou a que considerássemos também como objetivo o estimular a reflexão e questionamento das crianças em torno das temáticas escolhidas.

Ainda, procurou-se chegar aos pais e a toda a comunidade escolar através do blog: <http://crescercomigoecomososoutros.blogspot.com/>, como via para a partilha de ideias, comentários e sugestões.

De forma sintética, definimos como objetivos do projeto que denominamos “CRESCER...Comigo e com os Outros!”, os seguintes:

- Dinamizar junto das crianças uma reflexão continuada em torno de várias temáticas relacionadas com a Competência Social, procurando o desenvolvimento de atitudes de respeito pelo outro, de entreajuda e de confiança;
- Explorar o contributo da abordagem filosofia para crianças num processo de promoção de competências sociais, através do questionamento e reflexão partilhada;
- Potenciar o envolvimento de crianças, pais e professores em torno de um mesmo projeto.





### **3. ENQUADRAMENTO TEÓRICO**

#### **3.1. COMPETÊNCIA SOCIAL**

A competência social desempenha um papel fundamental no desenvolvimento humano em geral e no contexto escolar, em particular, afectando as relações com os professores, a aceitação pelos pares e a realização académica.

Como já referido, Portugal & Laevers (2010, p. 49) afirmam que a competência social se refere à capacidade de compreender os sentimentos, intenções, percepções e pensamentos de outras pessoas, bem como os próprios. Inclui a capacidade para compreender interacções em diversas situações, considerando o contexto social, cultural, características pessoais (idade, género, temperamento, ...). Envolve, assim, um vasto reportório de formas de interagir com os outros e a capacidade de perceber qual a abordagem ou comportamento mais adequado em determinada situação.

Outros autores referem que uma boa competência social permite interacções eficazes com os outros e previne relações socialmente inaceitáveis (Gresham & Elliott, 1984, cit. in Lopes et. al., 2006). As crianças capazes de partilhar, iniciar interacções positivas, ajudar, pedir ajuda quando precisam, pedir por favor e agradecer, reúnem as melhores condições para serem bem sucedidas nas suas relações, o que constitui uma das mais importantes tarefas do desenvolvimento. Em contrapartida, segundo os mesmos autores, défices na competência social relacionam-se com baixa realização académica e podem levar a problemas de adaptação futura.

As capacidades sociais são complexas e podem ser descritas como os comportamentos sociais que os indivíduos exibem como resposta às tarefas sociais do dia-a-dia. Este conjunto de comportamentos, quando utilizado adequadamente, permite que o indivíduo inicie e mantenha relações sociais positivas, contribui para a aceitação pelos pares e para uma adaptação satisfatória à escola e permite ao sujeito lidar de forma eficaz e adaptativa com o contexto social alargado.

A competência social na escola tem sido alvo de uma atenção especial. A investigação nesta área tem mostrado que a competência social se relaciona fortemente com a realização académica. Os alunos com dificuldades de aprendizagem e os alunos com um rendimento normal apresentam enormes diferenças na competência social. Comparadas com as crianças sem dificuldades, as primeiras são menos aceites ou mais rejeitadas pelos pares, revelam dificuldades em demonstrar comportamentos sociais positivos e demonstram níveis mais elevados de comportamento social negativo. (Lemos e Menezes, 2002, p. 269)

A investigação evidencia também que os alunos com diferentes níveis de competência social se distinguem significativamente em comportamentos relevantes para a realização de tarefas em ambiente de sala de aula, tais como na exatidão das respostas que dão, o comportamento de escuta, a capacidade de levar a cabo uma tarefa, de seguir instruções e o tempo dispendido na realização das mesmas (Gresham & Reschly, 1986, cit in. Lemos e Menezes, 2002, p. 269).

Estas capacidades sociais, em conjunto, constituem a competência social, algo que é avaliado pelos agentes sociais significativos na vida da pessoa que, para as crianças e jovens, incluem pares, professores e pais.

Analisando a diversidade de definições de competência social, Dodge (1985, cit. in Lopes et. al., 2006) identificou dois factores comuns: a receptividade e disposição para responder aos estímulos do ambiente (por exemplo, a atenção, a sensibilidade e a adequação das reacções próprias às circunstâncias) e a eficácia social (por exemplo, a habilidade de interagir eficazmente no ambiente social, especialmente com os pares, por exemplo através de estratégias de resolução de problemas e habilidades socio-cognitivas).

Estes aspectos comuns e outros componentes específicos são vistos como interagindo na produção do comportamento socialmente competente. A competência social não decorre da simples presença dos seus componentes, mas também das interações entre eles. Trata-se portanto de um constructo multidimensional, que inclui factores sociais/interpessoais, cognitivos e emocionais. Por exemplo, um dos modelos mais referidos e estudados (Vaughn & Hogan, 1990, cit. in. Lopes et. al., 2006) acentua que o comportamento socialmente competente resulta da integração de quatro componentes: relações positivas com os pares, cognição social adequada,

ausência de comportamentos inadaptados e habilidades sociais eficazes. A capacidade com que os comportamentos produzem resultados sociais positivos constitui a base para julgar a competência social.

### **3.1.1. INDICADORES DE COMPETÊNCIA SOCIAL**

A avaliação da competência social requer múltiplos informadores e diferentes indicadores, adequados às tarefas de desenvolvimento e características de processamento cognitivo típicos de cada idade.

De acordo com Lopes et. al (2006), um só instrumento não fornece a informação necessária para detectar défices de habilidades sociais específicas ou para avaliar de forma precisa os resultados de programas de treino de competência social.

Dada a complexidade de indicar o que constitui a competência social, é muito importante para os professores determinar objectivamente o nível de competência social dos seus alunos.

Os procedimentos frequentemente utilizados na avaliação da competência social incluem: a sociometria; a avaliação do comportamento social através de critérios pré-estabelecidos; e o desempenho relativamente a um padrão normativo.

A sociometria consiste em questionar agentes sociais chave, como os pais, professores e os pares, acerca da forma como avaliam os comportamentos sociais do indivíduo. Se todos esses agentes considerarem que o comportamento do indivíduo é problemático, então poderemos estar perante um défice.

Relativamente ao método da avaliação do comportamento social através de critérios pré-estabelecidos, este consiste em observar e avaliar alunos com comportamentos assertivos, de modo a determinar o que é um “padrão” apropriado de desempenho social.

Os padrões normativos devem ser relativizados, pois só serão apropriados se o seu processo de aferição tiver incluído pessoas com experiências culturais, linguísticas, ou étnicas, semelhantes às do aluno(a) em questão.

Uma vez apurado que o indivíduo tem dificuldades ao nível da competência social, é importante identificar quais as capacidades sociais que o aluno possui e quais as que devem ser ensinadas. Candarella e Merrel (1997, cit. in. Lopes et. al., 2006) sintetizaram um conjunto de trabalhos investigativos em que foram utilizadas escalas de classificação e intervenção nas competências sociais, tendo criado a partir deles uma taxonomia que inclui os seguintes factores:

- Relações com pares
  - Interacção Social
  - Comportamento pró-social
  - Capacidades Sociais preferidas pelos pares
  - Empatia
  - Participação Social
- Auto-gestão
  - Auto-Controlo
  - Convenção Social
  - Independência Social
  - Responsabilidade
  - Conformidade
- Académico
  - Adaptação à escola
  - Respeito pelas regras sociais na escola
  - Orientação para a tarefa
  - Responsabilidade académica
- Conformidade
  - Cooperação Social
  - Competência
  - Cooperação

- Afirmação
  - Assertividade
  - Iniciativa Social
  - Activador Social

Esta taxonomia fornece aos professores uma ferramenta para desenvolverem um perfil dos pontos fortes e fracos do aluno para identificarem défices nas competências sociais de sujeitos, de pequenos grupos de indivíduos, ou de toda a turma.

Segundo Portugal & Laevers (2010, p. 49), o nível de competência social da criança pode ser apreciado em situações de interacção e cooperação com outras crianças e adultos, implicando, para além de competências comunicacionais, o reconhecimento de diferentes papéis sociais, respeito pelas regras e princípios de vida em comum, controlo de impulsos e expressão adequada de emoções.

Assim, uma criança com um elevado nível de competência social, tem uma forte e diferenciada consciência dos próprios sentimentos e percepções. Evidencia muito interesse nas pessoas e na realidade social. Tem uma boa capacidade de se colocar no papel do outro, compreendendo os seus sentimentos, necessidades e pensamentos, e tendo-os em consideração na acção que toma. Domina um leque alargado de comportamentos e estratégias sociais e sabe como os utilizar adequadamente. Consequentemente, podemos apreciar a competência social da criança atendendo aos seguintes indicadores:

- Gosta de explorar o mundo dos sentimentos e dos comportamentos e tem um interesse espontâneo pelas pessoas; gosta de as observar, procura o contato, inicia interações e estabelece relações positivas;
- Reconhece e identifica os seus próprios sentimentos, sendo capaz de os expressar e de os comunicar aos outros;
- Tem consciência crescente das suas características pessoais, capacidades e talentos;
- É capaz de se colocar na perspetiva dos outros e de reconhecer os seus sentimentos, percepções e pensamentos;

- Reconhece diferentes formas de relação com o outro em situações concretas e fala sobre elas;
- Faz boas interpretações de interações sociais em diferentes tipos de situação e antecipa e prediz o comportamento, considerando o contexto social e cultural e características pessoais, como idade ou temperamento;
- É sensível às necessidades, perspectivas e sentimentos dos outros e dispõe de um vasto repertório comportamental para responder adequadamente em situações sociais, procurando contribuir para o bem-estar de todos.

Na parte empírica deste relatório, iremos tecer algumas considerações acerca do comportamento social das crianças que acompanhámos neste trabalho (as crianças que suscitavam mais preocupação).

### **3.1.2. DESENVOLVIMENTO MORAL**

A socialização ocorre ao longo do desenvolvimento humano e constitui um processo gradual e cumulativo.

A “moralidade” de crianças e jovens é uma preocupação marcante dos adultos em geral. Os pais, em especial, preocupam-se com os seus filhos, desejando que estes evitem a violação de regras e que apresentem comportamentos considerados adequados, mesmo quando se encontram afastados do seu alcance.

No estudo do desenvolvimento moral, as pesquisas de Piaget permitiram-lhe concluir que existem diferenças no que diz respeito à implementação de regras em crianças de idades diferentes, distinguindo-se as fases de anomia, heteronomia e autonomia moral.

Na fase de heteronomia moral (até aos 7 anos de idade), a criança percebe as regras como absolutas, imutáveis, intangíveis. Nesta fase a criança julga a sua ação como boa ou não com base nas consequências dos seus atos, sem uma análise mais ampla e sem considerar as intenções do autor da ação. A criança considera que

se um indivíduo foi punido por uma determinada ação, esta ação é errada, assumindo uma conexão absoluta entre a punição e o erro.

Piaget percebeu que as crianças mais pequenas têm dificuldade em encontrar circunstâncias atenuantes enquanto um adolescente já faz julgamentos com base na equidade, sendo capaz de pensar em termos de possibilidades e de um número maior de alternativas.

Na fase da autonomia moral (entre os 8 e os 12 anos de idade) o propósito e as consequências das regras são consideradas pelas crianças, sendo a obrigação baseada na reciprocidade. A criança caracteriza-se pela moral da igualdade ou de reciprocidade, percebe as regras como estabelecidas e mantidas pelo consenso social.

Assim, Piaget constatou que por volta dos 10 anos de idade a criança passa a perceber as regras como resultado da livre decisão, podendo ser modificadas, respeitando-as desde que mutuamente consentidas.

Utilizando as mesmas linhas metodológicas adotadas por Piaget, Kohlberg tentou compreender o desenvolvimento moral nas crianças e jovens, apresentando-lhes dilemas morais hipotéticos.

O estudo realizado por Kohlberg permitiu-lhe concluir que existem tendências etárias quanto ao uso de diferentes tipos de raciocínio moral exibido nas respostas dos entrevistados.

A partir da análise das respostas e dos raciocínios apresentados pelos sujeitos, Kohlberg definiu estádios de desenvolvimento moral e aspetos do julgamento moral das crianças.

Para isso, apresentava aos sujeitos da pesquisa uma sequência de histórias ou dilemas morais hipotéticos destinados a colocar o indivíduo perante um conflito entre a conformidade habitual de regras ou da autoridade. Os dilemas apresentavam conflitos entre padrões simultaneamente aceites por grande parte da comunidade.

Com base nestas questões e dilemas, Kohlberg definiu três níveis de raciocínio moral, cada um deles subdividido em dois estádios.



**Nível 1 - Moralidade Pré-Convencional (dos 2 aos 6 anos de idade):** Neste nível, o indivíduo raciocina em relação a si mesmo e ainda não compreendeu ou integrou totalmente as regras e expectativas sociais.

- Estádio do castigo e da obediência: A criança evita infringir as regras que acarretam punições, revela obediência em si mesma, e evita danos físicos a pessoas e bens.
- Estádio do objetivo instrumental individual e da troca: A criança segue as regras apenas quando se trata do interesse imediato de alguém; age por forma a satisfazer os próprios interesses ou necessidades e deixa os outros fazerem o mesmo.

**Nível 2 – Moralidade Convencional (idade escolar):** Neste nível o indivíduo considera correto aquilo que está conforme e que respeita as regras, as expectativas e as convenções da sociedade.

- Estádio das expectativas interpessoais mútuas, dos relacionamentos e da conformidade: Corresponder às expectativas das pessoas mais próximas ou àquilo que as pessoas geralmente esperam dos indivíduos na sua posição. “Ser bom” é importante e significa ter boas intenções, mostrar interesse pelos outros e estabelecer relações recíprocas como a confiança, a lealdade, o respeito e a gratidão.
- Estádio da preservação do sistema social e da consciência: Cumprir os deveres com os quais concordam. As leis são para serem cumpridas, exceto em casos extremos, em que entrem em conflito com outros deveres sociais estabelecidos.

**Nível 3 – Moralidade Pós-Convencional (adolescência):** Um indivíduo situado neste nível compreende e aceita as regras da sociedade na sua globalidade, mas apenas porque primeiramente aceita determinados princípios morais gerais que lhes estão subjacentes. No caso de um desses princípios entrar em conflito com as regras

da sociedade, o indivíduo julgará com base nesse princípio e não na convenção social.

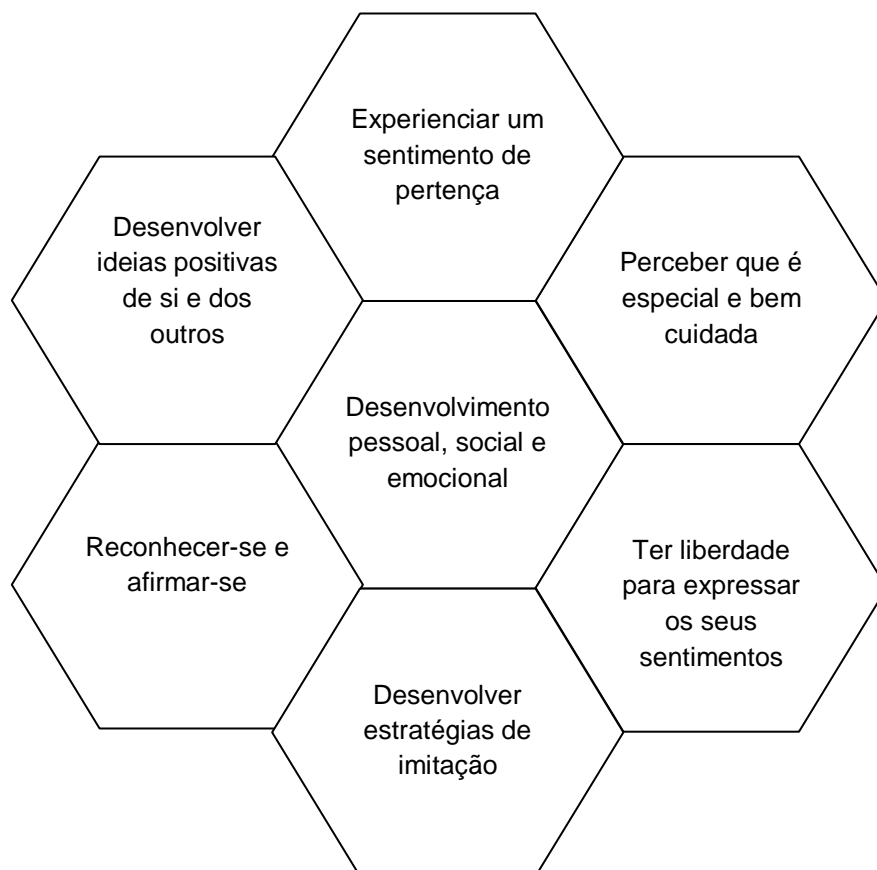
- Estádio dos direitos originários, do contrato social ou da utilidade: Ter consciência de que as pessoas defendem diferentes valores e opiniões, de que grande parte dos valores e das regras são específicos de determinado grupo, embora devam ser normalmente respeitados a fim de garantir a imparcialidade ou isenção, até porque fazem parte do contrato social. Determinados valores direitos não específicos como a vida e a liberdade, porém, têm de ser forçosamente defendidos em qualquer sociedade, independentemente da opinião da maioria.
- Estádio dos princípios éticos universais: Seguir princípios éticos escolhidos. As leis particulares ou os acordos sociais são normalmente válidos porque se baseiam nesses princípios. Quando as leis violam esses princípios, agem de acordo com o princípio. Os princípios são premissas universais de justiça: igualdade dos direitos humanos e igualdade do ser humano enquanto indivíduo.

### **3.1.3. DESENVOLVIMENTO PESSOAL, SOCIAL E EMOCIONAL E COMPORTAMENTO NO GRUPO**

O desenvolvimento pessoal e social e de uma criança tem implicações no desenvolvimento do respeito por si própria e pelos outros, nas atitudes de aceitação e respeito pela diversidade étnica, cultural, religiosa, linguística, familiar, bem como perante as dificuldades de aprendizagem, incapacidades ou talentos das crianças.

Como princípio geral, as crianças precisam de se sentir bem com elas próprias, para lidarem bem com os seus sentimentos, para se relacionarem com os outros com respeito e compreensão e para estabelecerem laços de amizade.

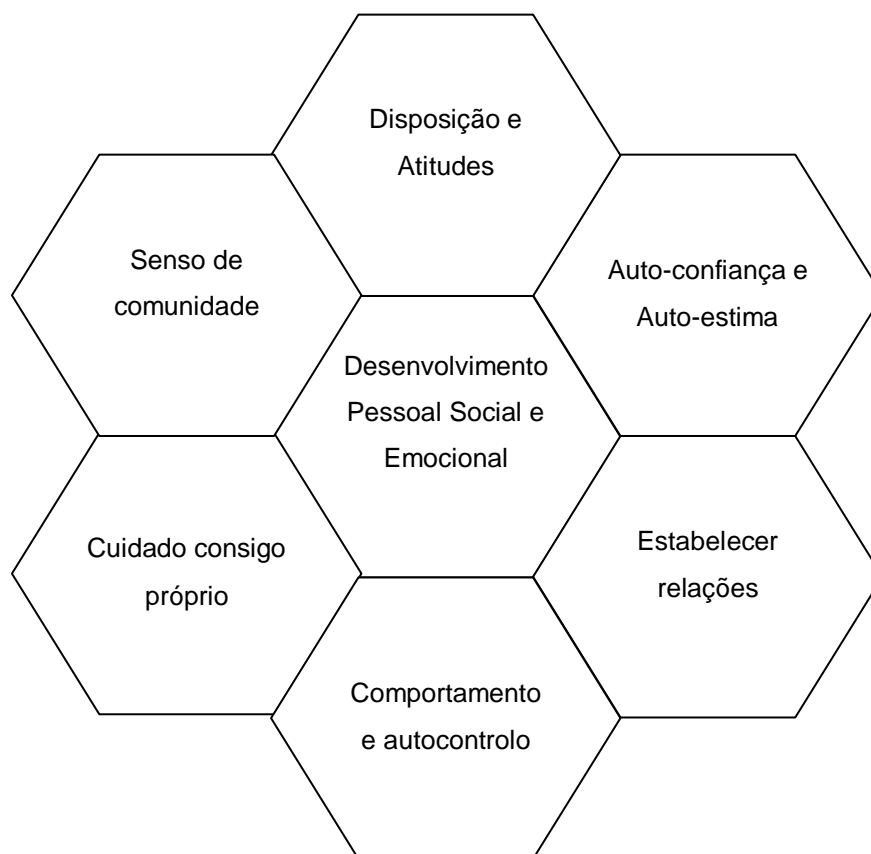
A seguinte figura ilustra o que significa o desenvolvimento pessoal, social e emocional para as crianças:



**Figura 1 – *What Personal, Social and Emotional Development means for children.***  
**Source: DfES, 2007b, cit. in. Sheppy, 2010, p. 2).**

Para que a criança desenvolva mecanismos adequados que possibilitem a aquisição de competências pessoais, sociais e emocionais é necessária a reunião de diversos fatores. A forma como essas emoções são geridas, têm profundas consequências para o desenvolvimento pessoal, social e emocional da criança.

A figura seguinte ilustra as áreas de aprendizagem e desenvolvimento pessoal, social e emocional nas crianças:



**Figura 2 – Areas of learning and development for Personal, Social and Emotional Development. (Source: DfES, 2007b, cit. in. Sheppy, 2010, p. 2).**

O desenvolvimento pessoal caracteriza-se pela confiança de uma criança e Dowling (2005, cit. in. Sheppy, 2010, p. 6) identifica três fatores que o determinam:

- Auto-conceito: Á medida que uma criança se desenvolve precisa de se separar do principal cuidador e desenvolver um conceito de si própria. É através deste processo que a criança começa a identificar-se como um ser único e individual, com identidade própria. Na idade pré-escolar, outras pessoas irão contribuir para o seu auto-conceito, mas a criança irá adaptar o seu comportamento ao ambiente que a rodeia.
- Auto-estima: está relacionada com julgamentos de valor em relação a nós próprios. O nível de auto-estima de uma criança vai depender de como as suas necessidades são satisfeitas. Se as crianças se sentirem amadas incondicionalmente, então irão sentir-se mais

confiantes para arriscar e explorar novos ambientes, grupos sociais e de ajudar alguém que dela necessite. É vital que as crianças com baixa auto-estima, ou com uma ideia demasiado elevada da sua superioridade, sejam ajudadas a ver o seu verdadeiro valor.

- Auto-conhecimento: À medida que as crianças experimentam um interesse genuíno em si próprios como pessoas e recebem uma avaliação realista de suas realizações, elas vão começar a crescer com confiança e a fazer julgamentos deliberados, que lhes permitam obter um verdadeiro conhecimento do seu próprio valor e dos outros. Assim, as crianças aprenderão igualmente o que é considerado um comportamento apropriado em determinado contexto social.

O desenvolvimento social depende da confiança que a criança sente em relação ao principal adulto da sua vida. Com o tempo, os momentos passados com outros indivíduos irão aumentar à medida que a criança se tornar mais independente. Os familiares e os professores e educadores têm um papel importante na ajuda dispendida às crianças, para que desta forma elas se comecem a separar do adulto principal e criem laços saudáveis com outras crianças e adultos que a rodeiem.

As crianças copiam os comportamentos observados e usam esses modelos à medida que desenvolvem as suas interações com os outros, iniciando a aquisição de estratégias de segurança, para se escaparem de castigos ou de outras circunstâncias menos agradáveis começando a construir mecanismos de defesa.

É fundamental que os educadores e professores sejam verdadeiros modelos sociais e que ajudem as crianças a conversarem sobre as suas emoções e preocupações.

Através das brincadeiras das crianças os educadores podem observar e monitorizar os comportamentos sociais da criança, desde o brincar com os seus colegas até à sua cooperação com os outros.

Assim, as crianças irão tornar-se capazes de praticar as suas capacidades de amizade, refletindo sobre o seu próprio comportamento em relação aos outros e, eventualmente, serão capazes de se tornarem um membro responsável da

sociedade. A forma como eles se tornarão bem sucedidos socialmente vai depender muito do seu bem-estar emocional.

O bem-estar emocional da criança afeta os seus níveis de motivação, de persistência e vontade de mudar, de se adaptar às circunstâncias e de aprender.

Os educadores/professores devem ajudar as crianças a refletirem sobre os seus comportamentos e emoções, pois só assim, elas começam a ter controlo sobre estas.

Pela participação em sessões de discussão, as crianças podem ser encorajadas a expressar as suas emoções, a criar empatia com os outros e a resolver os seus problemas. Estes métodos são vitais para o seu bem-estar emocional, porque quanto mais as crianças estiverem familiarizadas com as suas emoções, maior será a probabilidade de estas conseguirem controlar o seu comportamento. As crianças precisam de aprender que é importante perceberem e respeitarem os sentimentos e opiniões dos outros.

As crianças que são incentivadas a expressar livremente os seus sentimentos e ideias, como a alegria, tristeza, frustração e medo, podem desenvolver estratégias que lhes permitam lidar eficazmente com situações novas, desafiadoras ou de *stress*.

No que se refere ao comportamento da criança no grupo, será necessário que esta seja capaz de se integrar no quotidiano do grupo, o que tem a ver com a capacidade de ligação a outros, baseada no sentimento de respeito e compreensão mútua, conjugando-se necessidades individuais com as de outros, permitindo o desenvolvimento de comportamentos de cooperação. Estes pressupõem a adopção de um comportamento individual que tem em conta a vida em grupo, o reconhecimento de diferentes papéis sociais e o respeito pelas regras e princípios de vida em comum. (Sheppy, 2010)

### 3.2. FILOSOFIA PARA CRIANÇAS

A Filosofia para Crianças é uma abordagem pedagógica que visa desenvolver as capacidades de raciocínio e do pensamento em geral, assim como as capacidades de verbalização do pensamento e aspectos cruciais da construção da comunicação, pelo confronto de ideias e a reflexão em grupo.

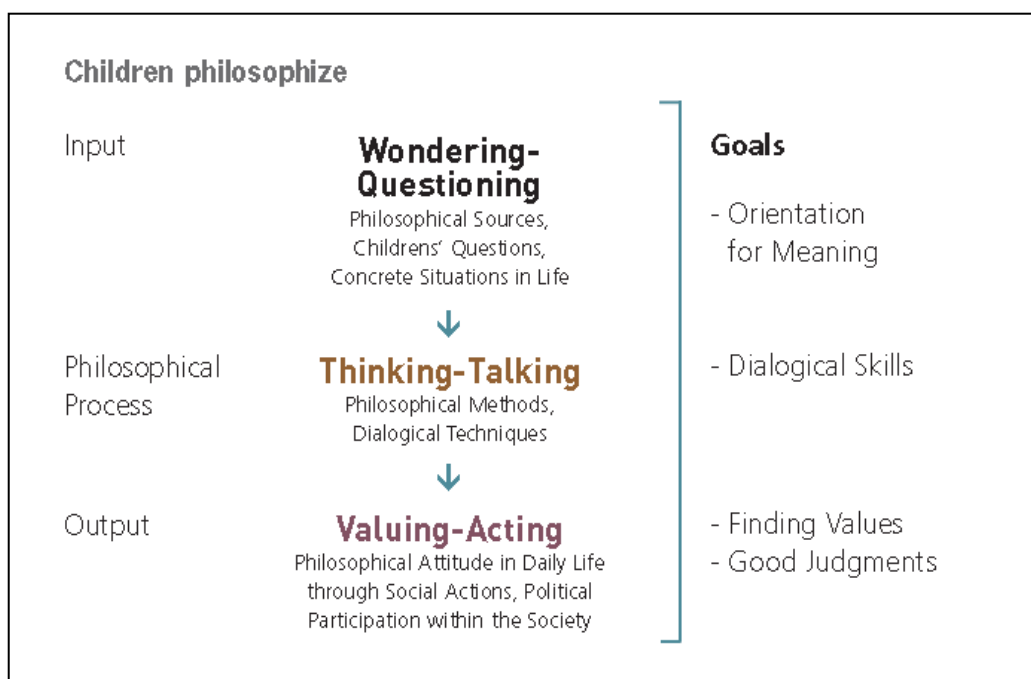
Esta aprendizagem multifacetada da actividade do pensar é feita através da criação de um diálogo, tem como fim promover o pensamento através de uma comunidade de investigação na sala de aula, onde as crianças são encorajadas a falar e a ouvir-se umas às outras e assim discutir ideias filosóficas na presença de um facilitador.

O seguinte quadro (fig. 3) representa resumidamente o funcionamento deste método, considerando o *input* como o processo inicial, que ocorre com o questionamento acerca de questões filosóficas, de questões propostas pelas crianças ou o questionamento acerca de situações concretas do dia-a-dia.

Realizada a questão inicial (*input*), segue-se o processo filosófico, que engloba métodos filosóficos e técnicas de diálogo, que proporcionem e fomentem o pensamento e o diálogo.

Por fim, o *output* culmina na valorização dos atos, ou seja, compreende uma atitude filosófica no dia-a-dia em ações sociais no seio da sociedade.

As metas a atingir com este método são primordialmente a orientação para um objetivo e com o decorrer do processo filosófico, prevê-se a aquisição de competências dialógicas, bem como encontrar valores e a realização de bons julgamentos face aos outros.



**Figura 3 – *Children philosophise*. Unesco (2007), p. 31.**

O objectivo pedagógico é o de contribuir para o desenvolvimento e compreensão da linguagem e das capacidades críticas e criativas das crianças de modo a promover o seu pensamento autónomo.

A Filosofia para Crianças foi originalmente desenvolvida por Matthew Lipman e Anne Sharp nos Estados Unidos da América no fim dos anos sessenta. Ao dar aulas na universidade de Columbia, Matthew Lipman apercebeu-se que os seus alunos não tinham adquirido a capacidade de pensar por si próprios. Lipman concluiu que era preciso fornecer aos alunos modos de desenvolver a capacidade de pensar antes de os alunos chegarem ao nível universitário. Podemos identificar como influências teóricas de Lipman a tradição filosófica no seu conjunto começando pelo método socrático e a forma de diálogo das obras platónicas, e mais especificamente a tradição pragmatista que realça a importância da investigação em comunidade e da importância do processo de conhecimento (UNESCO, 2007, p. 34).

Consequentemente Lipman desenha o seu programa considerando que já que pensar é, até certo ponto, assimilar a linguagem dos outros que nos rodeiam para aprender a falar connosco próprios, é necessário cuidar atentamente desse processo de aprendizagem. Lipman dá extrema importância aos processos de questionamento no desenvolvimento das capacidades de raciocínio.



A partir desta visão sobre a educação do pensar, Lipman criou um modelo pedagógico baseado no conceito de comunidade de investigação onde tanto os alunos como o professor colaboram uns com os outros na reflexão sobre o mundo que os rodeia (Gonçalves e Azevedo, p. 109).

Assim, a abordagem Filosofia para Crianças proposta por Lipman prevê:

- A pergunta como modo de abrir, problematizar e construir saberes;
- A investigação criativa como modo de pensar nossa realidade individual e social;
- O debate participativo, aberto e fundamentado como prática de conhecimento;
- A democracia como forma de respeitar e valorizar nossas diferenças;
- O trabalho solidário e colaborativo como modo de agir em educação;
- A resistência crítica frente a toda forma de imposição.

O estudo sobre o efeito do programa Filosofia para Crianças feito nos Estados Unidos da América nos anos 80 mostrou que as crianças não só melhoravam as suas capacidades de raciocínio mas também que os participantes aumentavam as suas capacidades de leitura e as capacidades matemáticas. Além disso, os professores que trabalham com a metodologia testemunham frequentemente que a Filosofia para Crianças é um momento da sala de aula que permite um espaço onde se promove a auto-estima e a capacidade de comunicação em geral (Mendonça, 2008).

A Unesco (2007, p. 45) conclui que:

“The pre-school and primary levels of education are determinant, because these are the years in which habits of creative and critical thinking are instilled in children. Encouraged by the body of research related to this area, especially in the fields of developmental cognitive and social psychology, and in the language and education sciences, the analysis of philosophy for children presented here is based on the presumption that it is possible to learn to philosophize from a very young age, and that this is, in fact, strongly desirable for philosophical, political, ethical and educational reasons.” (UNESCO, 2007, p. 45)

As sessões de Filosofia para Crianças oferecem um espaço e modo de aprender a ouvir os outros, de praticar a verbalização ou explicitação do pensamento, a expressão das convicções dos participantes, permitindo um espaço para descobrir o prazer de brincar com ideias e conceitos, assim como aprender a identificar várias perspectivas (oferecendo um espaço onde se pode mudar de opinião à luz de novas razões e discussão sobre a sua validade) o que ajuda a ganhar autonomia de pensamento e a desenvolver capacidades para refletir sobre questões éticas e sociais.

Ao desenvolver a capacidade de concordar ou discordar, de pensar com os outros e de descobrir a reflexão cooperativa, os participantes intensificam a sua identidade permitindo um crescimento saudável da autoestima, ao mesmo tempo que descobrem relações entre pensar, falar e fazer.

Temos tendência a pensar que perguntar vem com a capacidade natural de querer saber mais coisas. Por isso não encontramos na escolaridade em geral nenhum momento, espaço ou reflexão para treinar o fazer perguntas e perceber as perguntas. A Filosofia para Crianças mostra que fazer perguntas nos ajuda a melhor formular as nossas perguntas tornando-as mais incisivas, mais pertinentes, mais claras e mais dialogantes.

### **3.2.1. FUNCIONAMENTO DAS SESSÕES DE FILOSOFIA PARA CRIANÇAS**

As sessões iniciam-se com o relato de um pequeno episódio ou com uma questão sobre situações do quotidiano. Estas situações têm como objetivo suscitar perguntas e muitas vezes as personagens são crianças que fazem perguntas e conversam sobre esses mesmos assuntos.

De seguida os participantes da sessão colocam perguntas ou manifestam as suas ideias. Entretanto vão surgindo novas questões, que apoiam ou contradizem as suas ideias iniciais, o que promove o seu pensamento sobre as temáticas. O papel do facilitador aqui aparece como crucial, porque é da sua responsabilidade apontar contradições que apareçam na conversa, assim como ajudar a aprofundar o diálogo entre os participantes.

É frequente, com a prática das sessões, os participantes ajudarem-se uns aos outros a pensar. Antes de finalizar a sessão, é importante fazer um resumo do que aconteceu na sessão apontando para uma possível sessão de continuidade temática se necessário. O ponto final da sessão é dado ao pedir à pessoa que colocou a pergunta e provocou a reflexão, que retorne à sua pergunta fazendo uma avaliação do modo como a conversa contribuiu ou não para a sua resposta.

Os participantes têm que partilhar as suas diferentes perspectivas sem se acomodarem simplesmente ao facto de aceitarem que existem opiniões diferentes mas procurando ouvir-se uns aos outros, compreender as suas discórdias, desafiando-se uns aos outros apontando falhas de raciocínio e reconstruindo as suas próprias ideias face ao diálogo.

O objectivo final das sessões de filosofia não é o de encontrar respostas conclusivas e finais para as perguntas levantadas, nem o de alcançar um consenso confortável entre os membros da comunidade. As sessões guiam-se por duas linhas condutoras: por um lado aprender a conviver com as perguntas filosóficas (clarificando as questões, revendo crenças, levantando novas hipóteses para futuras verificações, etc.) e, por outro lado, desenvolver as capacidades cognitivas e sociais que o processo de reflexão exige.

Mendonça (2008) explica que quando se implementa a Filosofia para Crianças procura-se dinamizar uma comunidade de investigação de modo que:

- Se pratique o fazer perguntas e a sua explicação;
- Se aprenda a ouvir as perguntas e comentários dos outros participantes;
- Se aprenda a identificar contradições, consequências e coerências das ideias expostas;
- Se aprenda a saber enunciar o tipo de intervenção que se faz no diálogo;
- Se saiba concretizar o que se diz através de um exemplo e se cultive a procura de contra-exemplos;
- Se aprenda a fazer relações entre ideias (de sessão para sessão, e de uns participantes para outros);

- Se aprenda a respeitar a diferença sem indiferença.

### **3.2.2. PRINCIPAIS VANTAGENS DA FILOSOFIA PARA CRIANÇAS**

As sessões de Filosofia para Crianças oferecem um espaço e modo de aprender a ouvir os outros, de praticar a contínua aprendizagem de verbalizar o pensamento ao promover modos de ultrapassar confusões e ambiguidades, ao promover a expressão das convicções dos participantes de modo a torna-las explícitas, permitindo um espaço para descobrir o prazer de brincar com ideias e conceitos, assim como aprender a identificar várias perspectivas sem cair no relativismo de opiniões (oferecendo um espaço onde se pode mudar de opinião à luz de novas razões e discussão sobre a sua validade) o que ajuda a ganhar autonomia de pensamento e a desenvolver capacidades para reflectir sobre questões éticas e sociais, como a identificação de critérios de juízos, identificação da relevância ou não dos detalhes contextuais.

Ao desenvolver a capacidade de concordar ou discordar, de pensar com os outros e de descobrir a reflexão cooperativa, os participantes intensificam a sua identidade permitindo um crescimento saudável da auto-estima, ao mesmo tempo que descobrem relações entre pensar, falar e fazer.

A atividade de bem questionar é por excelência uma virtude filosófica que se revela na prática como uma das contribuições decisivas e importantes da Filosofia para Crianças. Temos tendência a pensar que perguntar vem com a capacidade natural de querer saber mais coisas. Por isso não encontramos na escolaridade em geral nenhum momento, espaço ou reflexão para treinar o fazer perguntas e perceber as perguntas. A Filosofia para Crianças mostra que fazer perguntas ao longo de um ano letivo nos ajuda a melhor formular as nossas perguntas tornando-as mais incisivas, mais pertinentes, mais claras e mais dialogantes.



## 4. ESTUDO EMPÍRICO

### 4.1. METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

O estudo de caso trata-se de uma abordagem metodológica de investigação especialmente adequada quando procuramos compreender, explorar ou descrever acontecimentos e contextos complexos, nos quais estão simultaneamente envolvidos diversos factores.

Este método aplica-se quando o investigador pretende apreender a dinâmica do fenómeno ou do processo em estudo, analisando-o e descrevendo-o, encontrando interações entre factores relevantes próprios dessa entidade.

Ponte (2006) considera que o estudo de caso:

“É uma investigação que se assume como particularística, isto é, que se debruça deliberadamente sobre uma situação específica que se supõe ser única ou especial, pelo menos em certos aspectos, procurando descobrir o que há nela de mais essencial e característico e, desse modo, contribuir para a compreensão global de um certo fenómeno de interesse.” (Ponte, 2006, p. 2)

O estudo de caso consiste, assim, na observação detalhada de um contexto, ou indivíduo, de uma única fonte de documentos ou de um acontecimento específico. (Merriam, 1988, cit. in Bodgan e Biklen, 1994, p. 89).

Os estudos de caso podem ter diversos propósitos. Como trabalhos de investigação, podem ser essencialmente *exploratórios*, servindo para obter informação preliminar acerca do respectivo objecto de interesse. Podem ser fundamentalmente *descritivos*, tendo como propósito essencial descrever, isto é, dizer simplesmente “como é” o caso em apreço. E, finalmente, podem ser *analíticos*, procurando problematizar o seu objecto, construir ou desenvolver nova teoria ou confrontá-la com teoria já existente (Yin, 1984 cit. in. Pontes, 2006, p. 6).

Em síntese, o objectivo é compreender o evento em estudo e ao mesmo tempo proporcionar conhecimento acerca do fenómeno estudado descrevendo-o e analisando-o.

Apesar de a observação e as entrevistas serem os métodos mais frequentemente utilizados nesta abordagem, nenhum método é excluído. As técnicas de recolha de informação são aquelas que se adequam à tarefa. No nosso caso, e considerando as possibilidades descritas por Martins (2006, p.23), a nossa recolha de dados, de uma forma muito exploratória e humilde, recorreu essencialmente à observação participante, envolvendo conversas e análise de discursos e de comportamentos e ainda um pequeno questionário:

- Questionários: O questionário é um importante instrumento de recolha de dados. É constituído por uma lista de perguntas que dizem respeito a situações ou varáveis que se desejam medir.

Bassey (1981, p. 85, cit. in. Bell, 1993, p. 24) é da opinião que:

“um critério importante para avaliar o mérito de um estudo de caso é considerar até que ponto os promenores são suficientes e apropriados para um professor que trabalhe numa situação semelhante, de forma a poder relacionar a sua tomada de decisão com a descrita no estudo. O fato de um estudo poder ser relatado é mais importante do que a possibilidade de ser generalizado.”

As vantagens do desenvolvimento deste método podem ser sintetizadas da seguinte forma:

- Produz informação de fácil entendimento, o que facilita a compreensão e comunicação entre os pares;
- Foca pontos únicos que se perderiam num estudo de larga escala, o que pode sustentar a chave para compreender a situação em estudo;
- Relatam com muito pormenor, a situação em estudo, o que proporciona uma maior compreensão da realidade;
- O conhecimento que origina pode ser aplicado em outros casos similares, podendo servir de suporte à interpretação dos mesmos;
- Pode ser implementado por um único investigador.

## **4.2. DESCRIÇÃO DOS PROCEDIMENTOS**

### **4.2.1. SUJEITOS DO ESTUDO**

Como já referido, ainda que eu e a minha parceira de estágio, Rita G., tenhamos concebido e realizado o projeto em conjunto, cada uma analisou de forma mais atenta diferentes crianças.

Atendendo à caracterização das crianças da nossa turma, tendo por base o Sistema de Acompanhamento das Crianças (SAC) (Portugal & Laevers, 2010), onde verificámos os níveis de implicação e bem-estar de todas as crianças nas várias atividades, destacaram-se dois grupos de crianças, caracterizando-se um por níveis mais baixos de implicação e de bem-estar emocional e outro grupo por níveis mais elevados nessas mesmas dimensões. Para melhor compreensão do que se entende por níveis de implicação e de bem-estar no anexo I encontra-se um descritivo dos conceitos e respetivas escalas.

Definimos, assim, que eu analisaria os comportamentos, ações e atitudes de 8 das 21 crianças, sendo que estas estavam assinaladas com níveis médios e/ou baixos de implicação e bem-estar emocional. Já a minha colega analisaria o grupo de 13 crianças, que possuíam níveis elevados de implicação e bem-estar.

Este critério tinha subjacente a ideia que os níveis de implicação e de bem-estar são indicadores da forma como cada criança experiencia o contexto, de uma forma mais ou menos positiva, sendo que o grau de satisfação experienciado terá efeitos na abertura das crianças para se colocarem na perspetiva dos outros e assumirem comportamentos socialmente mais adequados.

Assim, um dos objetivos deste trabalho foi procurar perceber até que ponto os comportamentos das crianças dos dois grupos se diferenciavam ou não, no decurso de uma intervenção que visava o desenvolvimento de competências sociais, através de uma comparação entre os comportamentos emergentes nos dois grupos de crianças.



O comportamento social das oito crianças que acompanhei de forma mais próxima e atenta pode caracterizar-se, segundo a análise realizada em Setembro de 2011, com recurso ao SAC (Portugal & Laevers, 2010), da seguinte forma:

- CV: *“É uma criança muito afetuosa e simpática. Nasceu e cresceu nos Estados Unidos da América, estando há pouco tempo no nosso país. Apesar das suas dificuldades ao nível do uso da linguagem, gosta de comunicar com os outros e faz-se ouvir quando quer expressar as suas ideias. É capaz de manter uma conversa, mas utiliza no seu vocabulário, palavras estrangeiras juntamente com portuguesas. É muito expressivo quando está a conversar, aumentando o tom de voz se necessário. Demonstra um orgulho enorme no irmão, que frequenta a mesma turma, dando exemplos com ele sempre que possível. Participa, por vezes, em alguns dos conflitos que acontecem na sala de aula, defendendo-se com alguma violência e aumentando o tom de voz. Quando está zangado utiliza muitas vezes expressões inglesas. É muito imaginativo e despreocupado, pois reparamos que muitas vezes se encontra distraído nas aulas, falando sozinho, brincando com o lápis ou, simplesmente, com o olhar fixo em algum objeto. Sentimos que esta criança desenvolveu o seu sentimento de pertença ao grupo, apesar de ainda receber algumas críticas por parte dos colegas, devido à sua dificuldade em expressar-se corretamente.”*
- CM: *“É uma criança comunicativa com os colegas e com o adulto. Não gosta de ser chamada à atenção, o que acontece algumas vezes, pois distrai-se frequentemente, conversando com os colegas. Tem alguma dificuldade em cumprir as regras estabelecidas, pois é muito conversadora e, por vezes, bastante irrequieta. Retrai-se quando é questionada pelo adulto. Ao nível da aprendizagem, a CM revela alguma dificuldade em reter a informação oral, pois encontra-se várias vezes distraída. Apesar disso, revela possuir boas capacidades na realização das tarefas propostas, quando se encontra na presença do adulto. A sua relação com os colegas é razoável, pois esta demonstra um grande afeto por alguns deles, sendo que por vezes o sentimento não é correspondido, devido sobretudo às suas atitudes um pouco destabilizadoras. Por vezes,*

*sente-se um pouco distante do grupo, nas atividades relacionadas com as épocas festivas, como o Dia das Bruxas, o Natal, o Carnaval, etc., as quais não pode festejar devido à opção familiar religiosa. Achamos que gosta de frequentar o Colégio e de conviver com os colegas. Desenvolveu o sentimento de pertença ao grupo, mas revela um leque reduzido de relações entre pares.”*

- DS: *“É uma criança muito comunicativa com os colegas. É muito impulsivo e irrequieto. Por vezes, demonstra alguma falta de respeito para com o adulto, pois sobrepõe as suas ideias às nossas, mesmo que estas estejam erradas. Temos alguma dificuldade em controlar o seu comportamento. Não gosta de ser corrigido, e quando o fazemos este demonstra alguma agressividade. É uma criança bastante imatura e tem dificuldade em cumprir as regras estabelecidas. Ao nível da aprendizagem, revela dificuldades em reter a informação oral, pois encontra-se muitas vezes distraído. Frequentemente, recusa-se a concluir as tarefas propostas por nós. A sua relação com os colegas é razoável, demonstrando comportamentos agressivos com quem o aborrece ou o contraria. Gosta de chamar à atenção e de ser o centro das atenções. Apesar de revelar algumas capacidades, não as demonstra da forma mais correta. Pensamos que é uma criança bastante mimada.”*
- FM: *“É uma criança muito carinhosa para connosco e bastante inteligente. Diverte-se bastante na sala de aula e no exterior, mas por vezes é um pouco irrequieto e perturbador. É muito interessado, participando no que está a ser realizado com entusiasmo, mas precisa de atenção constante, chamando-nos com muita frequência. Tem alguma dificuldade em cumprir as regras estabelecidas, pois é muito conversador e bastante irrequieto. Ao nível da aprendizagem, revela boas capacidades, resolvendo as tarefas propostas com uma grande facilidade, apesar de necessitar sempre de um “empurrãozinho”, por parte do adulto. É muito carente, gostando muito de abraços e de atenção. Existem momentos em que é um pouco perturbador, levantando-se do seu lugar, falando alto, incomodando os colegas, sendo por vezes agressivo com eles. Sabe, no entanto, respeitar as ordens do adulto e*

*percebe quando deve parar. Chega algumas vezes cansado à escola, tendo necessidade de pousar a cabeça em cima da mesa. Achamos que o FM gosta de frequentar o Colégio e desenvolveu o sentimento de pertença ao grupo, mas revela um leque reduzido de relações entre pares.”*

- GO: *“É uma criança meiga mas pouco comunicativa. Tem uma boa relação com os colegas e com os adultos, mas é bastante tímido e calado, passando por vezes despercebido. Demonstra alguma dificuldade em manter-se concentrado por períodos mais longos. Distrai-se muito facilmente falando e brincando, muitas das vezes, sozinho. É uma criança com bastantes dificuldades ao nível da Matemática e da Língua Portuguesa. Necessita constantemente de atenção por parte do adulto, sendo uma criança muito insegura na realização das tarefas e, como tal, procura muito a ajuda do adulto.”*
- RP: *“É bastante comunicativo e meigo. No entanto, tem alguma dificuldade em cumprir as regras estabelecidas e gosta de chamar a atenção dos colegas e dos professores. Procura constantemente a presença e a atenção do adulto, demonstrando ser uma criança muito carente. Ao nível da aprendizagem, revela uma excelente capacidade de reter a informação oral, mas a falta de empenho e a dificuldade em realizar as tarefas do dia dificultam a progressão na aprendizagem. No entanto, quando se encontra na presença do adulto, consegue realizar as atividades com bastante eficácia e concentração. A sua relação com os colegas é um pouco conflituosa, uma vez que estes têm alguma dificuldade em aceitar a personalidade do RP e este também demonstra, frequentemente, atitudes de desrespeito pelos seus colegas.”*
- RD: *“É uma criança muito comunicativa e alegre. Tem uma boa relação com os colegas e com os adultos. No entanto, demonstra dificuldade em acompanhar a dinâmica da turma e tem, também, dificuldade em cumprir as regras de sala de aula, mostrando-se muito irrequieto e conversador com os colegas. Demonstra alguma dificuldade em manter-se concentrado por períodos mais longos, distraindo-se com muita*

*facilidade. Muitas vezes, adopta uma atitude um pouco agressiva, para connosco e para com os colegas. Evidencia dificuldades na leitura e na escrita e igualmente dificuldades na matemática.”*

- SS: *“É muito reservada e demonstra muita insegurança no trabalho que realiza. Apresenta bastante dificuldade em expressar-se e evidencia dificuldades acentuadas no raciocínio lógico-matemático e na leitura e escrita. Tem uma boa relação com o adulto, mas sendo esta muito reservada, muitas vezes não chama o adulto quando necessita. Com os colegas tem também uma boa relação e verifica-se que é uma criança bastante alegre e sociável.”*

#### **4.2.2. SELEÇÃO DAS ESTRATÉGIAS**

Durante seis semanas consecutivas, desde o dia 24 de outubro, até ao dia 28 de novembro de 2011, realizámos sessões, aproveitando o espaço curricular dedicado à Formação Cívica, das 9h00 às 10h30 da manhã. Essas mesmas sessões basearam-se, maioritariamente, numa abordagem de Filosofia para Crianças, num jogo de pergunta/resposta.

Em cada semana era explorado um tema diferente, sendo que a competência social surgia como tema globalizante.

Em cada sessão, era apresentado um PowerPoint, com algumas perguntas. Cada pergunta, inicialmente, era respondida por cada criança num papel. Depois disso, eram criadas algumas perguntas, ou seja, algumas situações, em que as crianças poderiam dar a sua opinião, concordando ou não com as respostas hipotéticas, gerando, assim, um debate entre os vários elementos da turma.

A única sessão onde a Filosofia para Crianças não esteve presente foi a sessão número dois, que foi dedicada à exploração de emoções, com recurso à caixa das emoções.<sup>1</sup>

Paralelamente a estas sessões, durante os restantes dias, de uma forma continuada e mais próxima das experiências vividas pelas crianças no seu dia-a-dia, incluindo o trabalho realizado nas diversas áreas curriculares, privilegiámos imenso o trabalho em grupo e/ou em pares e motivámos cada criança a ajudar o seu colega do lado, sempre que concluísse a tarefa pedida. Procurámos também protagonizar comportamentos sociais que pudessem funcionar como bons modelos de referência para as crianças.

Criámos, o já referido blog: <http://crescercomigoecomosoutros.blogspot.com/>, para que tanto as crianças, como os pais e encarregados de educação e restantes professores, pudessem acompanhar o trabalho realizado e, eventualmente, dar sugestões.

Foi criado, também, paralelamente a todas as atividades, uma caixa do correio. Esta esteve e está presente na sala de aula, durante todos os dias, e cada criança tem a oportunidade de comunicar com os seus colegas. A caixa do correio é aberta todas as segundas-feiras, para distribuição da correspondência.

Este instrumento, teve como objetivo a promoção da comunicação oral e escrita entre as crianças, mas também, o estabelecimento de novas relações entre os diversos elementos, que anteriormente não existiam ou eram pouco perceptíveis, bem como a solidificação das relações já existentes.

---

<sup>1</sup> “Uma caixa cheia de emoções”, Estúdio Didático. O objetivo deste instrumento é ajudar as crianças a (re)conhecerem melhor os sentimentos, nomeá-los, e fazer uma distinção entre eles, nelas próprias e nos outros. Assim, aprendem a imaginar-se na perspectiva do outro, o que os ajuda a desenvolver a sua consciência social. Uma capacidade importante é a identificação de sentimentos, com base nos sinais corporais. Gradualmente, as crianças vão sendo capazes de reconhecer o que se sente e o que se faz quando se está com medo, por exemplo. Assim, conseguem melhor identificar este sentimento no momento em que elas próprias o sentem e, mais tarde, também quando uma outra criança ou adulto passam pela mesma situação. Também devem aprender a dar um nome a cada sentimento. A pouco e pouco e cada vez melhor, conseguem distinguir melhor os vários sentimentos. Além disso, devem aprender a reconhecer as próprias emoções. (visualizado em <http://www.estudiodidactico.pt/produto.asp?action=show&id=10>, a 16 de Abril de 2012).

#### **4.2.3. OBJETIVOS OPERACIONAIS**

De forma sintética podemos identificar como objetivos operacionais os seguintes:

- Assegurar que ao longo do semestre, pelo menos uma vez por semana, as crianças participam em sessões gerais, as quais abordam temáticas como a amizade, o bem e o mal, o viver em sociedade, a sua caracterização pessoal, os sentimentos e emoções, tendo em vista o desenvolvimento de competências sociais e, simultaneamente, promover a atitude de questionamento e reflexão crítica das crianças.
- Assegurar que ao longo do semestre, todos os dias, as crianças realizam atividades ou participam em dinâmicas suscetíveis de promover competências sociais, inseridas nas rotinas escolares normais das crianças;
- Publicação on-line dos assuntos tratados, com recurso à criação de um blog, para a visualização de toda a comunidade escolar e familiar, que serve como encorajamento para a partilha e participação alargada a todos.

#### **4.2.4. CALENDARIZAÇÃO E OBJETIVOS DE CADA SESSÃO**

As sessões foram pensadas e planificadas com base em diferentes temáticas, inseridas no objetivo mais amplo de promoção da competência social, de acordo com o quadro seguinte:

**Quadro 2: Calendarização das sessões gerais realizadas**

<b>Sessão</b>	<b>Data</b>	<b>Hora</b>	<b>Nome da sessão</b>
<b>N.º 1</b>	24 de outubro de 2011	9h00 – 10h30	<i>“Quem sou eu?”</i>
<b>N.º 2</b>	31 de outubro de 2011	9h00 – 10h30	<i>“A caixa das emoções”</i>
<b>N.º 3</b>	7 de novembro de 2011	9h00 – 10h30	<i>“O que são os sentimentos?”</i>
<b>N.º 4</b>	14 de novembro de 2011	9h00 – 10h30	<i>“O que são o bem e o mal?”</i>
<b>N.º 5</b>	21 de novembro de 2011	9h00 – 10h30	<i>“O que é viver em sociedade?”</i>
<b>N.º 6</b>	28 de novembro de 2011	9h00 – 10h30	<i>“O que é viver em sociedade? Relembrar o que aprendi...”</i>

Considerámos que seria importante que, inicialmente, as crianças refletissem sobre elas próprias, tentando compreender quem são, identificar as suas particularidades e perceber a sua relação com os outros. Também nos pareceu imprescindível explorar as emoções, pois só nos relacionamos bem connosco e com os outros, se formos capazes de identificar emoções e soubermos exprimi-las adequadamente. Por fim, refletimos com as crianças sobre a importância de ajudar os outros e de os respeitar.

Com estas sessões procurámos, sobretudo, que as crianças compreendessem os seus sentimentos, intenções e pensamentos dos próprios e dos outros. Procurámos, ainda, trabalhar a capacidade para compreender as interações em diversas situações, considerando o contexto social e cultural, bem como, as características pessoais de cada um. Tentámos igualmente que as crianças integrassem no seu dia-a-dia, o comportamento mais adequado em determinada situação, proporcionando ao grupo, situações de interação e cooperação com os outros, implicando competências comunicacionais, o reconhecimento de diferentes

papéis sociais, o respeito pelas regras e princípios de vida em comum, o controlo de impulsos e a expressão adequada das suas emoções.

Pela adoção na maioria das sessões da abordagem Filosofia para Crianças, procurámos estimular a capacidade de verbalização de ideias, de organização do pensamento e de questionamento crítico.

Passo a descrever os objetivos e dinâmica das sessões.

**Na primeira sessão – “Quem sou eu?”** – procurou-se utilizar a estratégia de confronto de perguntas e obtenção de respostas, que foi realizada em grande grupo, com recurso a um powerpoint.

Foi colocada uma pergunta inicial, e cada criança dispunha de várias opções de resposta. No entanto, cada resposta dada foi discutida e eram reveladas variantes que expunham ideias diferentes e contraditórias. De seguida, foi realizado um debate com as várias opiniões e reflexões sugeridas.

De seguida, cada criança escreveu num papel três coisas simpáticas acerca de si próprio. Os papéis foram recolhidos e colocados numa caixa, os quais foram utilizados numa sessão posterior.

Com esta primeira sessão tínhamos os seguintes objetivos principais:

- Aprender a conhecermo-nos e a aceitar que nem sempre podemos ser exatamente o que queríamos;
- Não nos preocuparmos excessivamente com as aparências e descobrir que a beleza não se vê só com os olhos;
- Encontrar o caminho certo entre o amor excessivo pela própria pessoa e a sua rejeição;
- Desconfiar das opiniões já feitas que nos impedem de viver e de amar os outros tal como eles são;
- Procurar não copiar os outros, nem tentar ser diferente deles a qualquer preço.

**Na segunda sessão – “A caixa das emoções”** – recorreremos ao uso da caixa das emoções (ver nota 1), que tem como finalidades: o reconhecimento das suas emoções e sentimentos; contacto com o que se passa no seu interior; diferenciar os



seus próprios sentimentos dos sentimentos dos outros; identificar as emoções através de sinais físicos e dar-lhes um nome; aceitar os seus próprios sentimentos.

A sessão foi realizada no polivalente do colégio.

Numa grande roda, tivemos uma pequena conversa sobre as emoções sentidas em diversas situações. Para isso, foi utilizada uma roleta, que continha as emoções: feliz, triste, com medo e zangado. Cada aluno rodou a roleta e teria de expor aos colegas uma situação na qual já se teria sentido daquela forma, ou seja, de acordo com a emoção que lhe calhou na roleta.

Depois disso, colocámos várias músicas, que expressavam as várias emoções. As crianças tentariam descobrir que emoção lhes despertava cada música.

De seguida, foram realizados quatro grupos e entregamos a cada grupo um papel, com o nome de uma emoção. Cada grupo teria, assim, de dramatizar, através de mímica, a emoção correspondente, sendo que as restantes crianças teriam de adivinhar que emoção estaria a ser representada.

No centro da roda iriam estar dispostas cinco situações, pertencentes a cada emoção. Cada criança foi convidada a retirar uma, ler ao grupo e essa situação foi discutida em conjunto. Depois teriam ainda que colocar a emoção retratada em cada situação na caixa correspondente.

Por fim, apresentamos a “caixa do correio”. Foi colocada na sala uma caixa do correio, em que cada criança estava convidada a escrever, ou desenhar, ou expressar-se com alguém da turma. Para isso, poderiam colocar a sua correspondência na caixa e designar apenas o destinatário, não precisando de se identificar a si próprio. Todas as segundas-feiras procederíamos à distribuição do correio.

Para a sessão das emoções tínhamos como objetivos que as crianças:

- Fossem capazes de perceber e aceitar as suas emoções;
- Lidassem com as suas emoções, não as suprimindo;
- Expressassem as suas emoções de forma aceitável.

**Na terceira sessão – “O que são os sentimentos?”** – foi utilizada a estratégia de confronto de perguntas e obtenção de respostas, realizada em grande grupo, com recurso a um powerpoint.

Para isso, foi colocada uma pergunta inicial, e cada criança possuía várias opções de resposta. No entanto, por cada resposta dada surgiam novas questões que nos possibilitariam um debate interessante.

No final da sessão foi solicitado a cada criança que escrevesse num papel uma qualidade e um aspeto a melhorar no seu colega do lado para posterior discussão.

Para esta sessão tínhamos como objetivos, que as crianças:

- Fossem capazes de exprimir e refletir acerca dos nossos sentimentos;
- Percebessem que nos podemos aborrecer com alguém, se não gostarmos da sua atitude;
- Compreendessem que as outras pessoas também sentem os mesmos receios do que nós.

**A quarta sessão – “O que são o bem e o mal?”** – iniciou-se com o diálogo e discussão de ideias relativas à sessão anterior. Perceber o que significam as palavras escolhidas para descrever os colegas, as suas virtudes e as suas atitudes menos positivas.

Tentamos focar-nos nas atitudes menos positivas, e tentar perceber em conjunto as situações em que estas atitudes aconteciam.

Utilizamos, por fim, a estratégia de confronto de perguntas e obtenção de respostas, realizada em grande grupo, com recurso a um powerpoint, para debatermos em conjunto.

Tínhamos definido os seguintes objetivos:

- Que as crianças compreendessem que os sentimentos e os comportamentos das pessoas são complicados;
- Soubessem como agir perante os outros e não reagir apenas em função deles;
- Tomassem consciência do que significa a verdade para si e para os outros;

- Pensassem na pessoa com quem estão a falar e tentarem pôr-se no seu lugar;
- Aperceberem-se de que as palavras não são o único meio de expressão.

**A quinta sessão – “O que é viver em sociedade?”** – iniciou-se com o confronto de perguntas e obtenção de respostas, realizada em grande grupo, com recurso a um powerpoint, para proporcionar a reflexão conjunta da temática.

De seguida, reunimos o grupo em roda e colocamos-lhes a questão: “Podemos viver sozinhos?”, “O que nos une todos uns aos outros?”. A intenção deste jogo era que o grupo percebesse que todos temos uma ligação e que precisamos uns dos outros nas mais diversas situações.

De seguida, introduzimos a afirmação: “Então eu acho que sou igual à... porque ambas gostamos de fazer penteados.” Utilizamos um novelo de lã para estabelecer as relações de cada um tendo o novelo que passar por cada pessoa do grupo formando no final uma grande teia que nos ligaria todos uns aos outros.

Nesta sessão tínhamos como objetivos que as crianças:

- Refletissem sobre o que é viver em sociedade;
- Refletissem sobre como agir perante os outros, sem receios e de forma ponderada;
- Tomassem consciência de que só podemos ajudar os outros se aceitarmos ser ajudados;
- Dessem valor aos outros como gostariam que lhes dessem valor a si;
- Percebessem que todos temos uma ligação e que precisamos uns dos outros nas mais diversas situações, mas que apesar disso, não somos obrigados a gostar de toda a gente.

**Na sessão final, a sexta sessão – “O que é viver em sociedade? / Relembrar o que aprendi...”** – começámos por dar continuidade à temática do viver em sociedade, com recurso à estratégia do confronto de perguntas e obtenção de respostas realizada em grande grupo.

De seguida, desenvolveu-se um diálogo e discussão de ideias relativas às sessões anteriores, tentando perceber o que significam as palavras escolhidas pelas

crianças para descrever cada colega, focando-nos nas atitudes menos positivas dando sugestões em como estas poderiam ser melhoradas.

Procedemos depois à visualização de um pequeno filme com imagens de cada uma das actividades propostas e o diálogo sobre o que aprenderam e como irão explorar estas ideias no seu dia-a-dia futuro.

No final, distribuámos um pequeno questionário, no qual as crianças tiveram a oportunidade de descrever de forma simples, o que aprenderam ao longo do período com este projeto, as atitudes que tencionam melhorar e como poderiam caracterizar numa palavra este projeto.

Para esta sessão final, tínhamos definidos os seguintes objetivos:

- Que as crianças reconhecessem que os outros as ajudam a viver e que elas também os ajudam;
- Compreendessem que precisar dos outros não as impede de serem livres;
- Entendessem os diferentes laços que unem as pessoas numa mesma sociedade;
- Ajudassem os colegas a melhorar as suas atitudes;
- Relembraassem o que foi refletido ao longo das sessões;
- Percebessem a funcionalidade das ideias refletidas, bem como a sua exploração no seu dia-a-dia.

#### **4.2.5. AVALIAÇÃO DA INTERVENÇÃO**

A avaliação da intervenção foi feita da seguinte forma:

Com as crianças:

- Análise dos níveis de implicação e bem-estar durante as atividades;
- Conversa com as crianças acerca das suas experiências e opiniões;
- Análise dos vários registos das crianças;
- Respostas das crianças a um pequeno questionário para balanço final das sessões;

- Reflexão sobre a qualidade de participação das crianças em termos de verbalização de ideias, questionamento e posicionamento crítico;
- Reflexão em torno dos comportamentos sociais das crianças, considerando os indicadores descritos anteriormente (Portugal & Laevers, 2010) ao longo das rotinas escolares.

Com a professora titular da turma:

- Reflexão acerca das dinâmicas (nível de participação, motivação e entusiasmo) e acerca da mudança de atitudes à medida que o processo decorreu.

Com os pais:

- Análise do grau de envolvimento (participação dos pais, comentários, sugestões, etc.).

## 5. ANÁLISE DE RESULTADOS

Os dados são sempre “materiais” em bruto recolhidos pelo investigador no contexto onde desenvolve o seu estudo, que necessitam de um tratamento para se obter uma imagem mais clara do que exprimem (Huot, 2002; Bogdan & Biklen, 1994, cit. in. Silva, 2010, p. 58) atendendo ao enquadramento teórico adotado.

Ora, a análise e interpretação dos dados correspondem a uma fase relevante no desenvolvimento do estudo na medida em que se conjuga o rigor metodológico e a capacidade interpretativa do investigador face aos dados.

Assim, os resultados a seguir apresentados resultam da informação recolhida através da observação participante desenvolvida no contexto aquando da realização das sessões gerais e ao longo de todo o estágio, das informações resultantes do diálogo com o grupo de crianças e com professora titular da turma, da aplicação dos questionários junto dos sujeitos de estudo, e ainda, através do instrumento de análise de Avaliação em Educação Pré-Escolar – Sistema de Acompanhamento das Crianças (Portugal e Laevers, 2010), adaptado ao Ensino no 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Os resultados apresentados incidem sobretudo sobre as seis sessões realizadas, nas quais adotamos a estratégia de confronto através de perguntas e obtenção de respostas, com recurso a apresentações de PowerPoint.<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> O descritivo pormenorizado de cada sessão e as apresentações em PowerPoint encontram-se em anexo.

## 5.1. SESSÃO N.º 1 – “QUEM SOU EU?”

### 5.1.1. ANÁLISE DE RESULTADOS DA SESSÃO N.º 1

Sessão	Data	Hora	Nome da sessão
N.º 1	24 de outubro de 2011	9h00 – 10h30	“Quem sou eu?”

O nosso projeto “CRESCER...Comigo e com os Outros!” teve início no dia 24 de Outubro de 2011, segunda-feira.

Começamos a primeira sessão geral por apresentar ao grupo de crianças o nosso projeto, que foi explorado em conjunto através do título. Para isso, perguntamos-lhes o que este lhes sugeria e obtivemos respostas muito curiosas, tais como: *“Só conseguimos crescer se nos respeitarmos uns aos outros e se ajudarmos os outros”*; *“não conseguimos crescer felizes se estivermos sozinhos”*; *“precisamos dos outros para viver”*.

Através desta conversa inicial foi possível as crianças perceberem que a temática principal deste projeto seria a competência social e as suas várias vertentes.

Explicamos-lhes, de seguida, que este tema explorava ainda as relações existentes entre as pessoas e aproveitamos para lhes perguntar como achavam que era a relação existente entre os vários elementos da turma. As respostas foram maioritariamente unânimes, pois, no geral, a turma apontou algumas dificuldades nas relações entre elementos, referindo a falta de união da turma, a dificuldade em ajudarem-se mutuamente e o baixo nível de partilha. Houve apenas um elemento da turma, a BP, que contrariou as afirmações dos colegas, dizendo que achava que a turma era muito unida e que eram todos amigos.

Após o debate de ideias e de identificarmos e percebermos alguns dos seus pontos de vista, explicamos que este projeto iria ter a duração de seis semanas, nas quais todas as segundas-feiras iríamos questionar-nos sobre as nossas atitudes para com os outros, se realmente serão sempre as mais corretas ou não e como podemos melhorá-las. Estas sessões serviriam para expormos as nossas ideias explicando-as aos colegas, para que em conjunto conseguíssemos perceber e melhorar as atitudes e comportamentos dos outros. Para conseguirmos melhorar os seus níveis de

competência social, privilegiamos nestas sessões os trabalhos em grupo ou pares, para que as suas relações sejam fortalecidas e se sintam mais à vontade no desenvolvimento do trabalho em grupo, ajudando os colegas, ouvindo as suas ideias e sugestões, sendo compreensivos e sabendo partilhar.

Para iniciar o tema escolhemos a pergunta inicial: “Quem sou eu?”. Optamos por iniciar a primeira sessão geral do nosso projeto com esta pergunta inicial, pois é importante as crianças perceberem primeiro quem são, para depois explorarem as suas atitudes para com os outros. Assim, realizámos a pergunta a todas as crianças da turma individualmente e as respostas obtidas por parte do grupo de 8 crianças que analisei foram:

<b>Crianças</b>	<b>Pergunta: Eu sou...</b>
<b>CV</b>	<i>“Eu sou um gordo. Consigo cantar muito bem, mas não gosto de dançar. Sou muito feio.”</i>
<b>CM</b>	<i>“Eu sou uma rapariga. Gosto de borboletas e sou muito faladora. Não gosto de ser mal-educada.”</i>
<b>DS</b>	<i>“Eu sou divertido, trapalhão e esperto.”</i>
<b>FM</b>	<i>“Eu sou muito bonito. Sou um bocadinho chato e um bocadinho rápido.”</i>
<b>GO</b>	<i>“Eu tenho cabelo curto e nariz, porque sou bonito e tenho lábios pequenos.”</i>
<b>RP</b>	<i>“Eu sou trapalhão, esperto e inteligente.”</i>
<b>RD</b>	<i>“Eu sou bonito, rápido e falador.”</i>
<b>SS</b>	<i>“Eu sou amiga de todos e gosto de ver filmes, de brincar e de me ver ao espelho.”</i>

Através das respostas dadas pelas oito crianças pode-se verificar que revelam alguma dificuldade em apresentarem as suas características pessoais, referindo diversas vezes os seus gostos e apetências.

O aluno GO referiu, somente, as suas características físicas, não especificando nenhuma característica da sua personalidade. Este aluno revela grandes dificuldades em acompanhar o ritmo da aula, sendo que raramente expressa as suas ideias, não mostrando uma auto-estima muito elevada. Saliento, a resposta



dada pelo aluno CV que menciona o seu aspeto físico de uma forma bastante negativa. Esta criança, tal como o GO, revela grandes dificuldades em acompanhar o ritmo da turma, sendo que os seus níveis de implicação e de bem-estar se encontram em algumas ocasiões bastante baixos. Por vezes os colegas fazem comentários negativos, relativos ao seu aspeto físico, situação que não o fará sentir-se bem e, talvez por isso, o CV mencione apenas uma característica positiva e as restantes negativas.

Os restantes elementos apresentaram na sua maioria, aspetos positivos da sua personalidade e aspeto físico, mas revelaram algumas características que demonstram em certas ocasiões e que entendem que não serão bem aceites pelos outros.

Sendo as 8 crianças analisadas, um grupo que apresenta baixos níveis de bem-estar e implicação no dia-a-dia escolar, é importante perceber a imagem que têm delas próprias.

De seguida, e com recurso ao Powerpoint (ver anexo) apresentado nesta sessão colocámos a seguinte questão:

<b>Crianças</b>	<b>Pergunta: Quem sou eu? Sou um animal?</b>
<b>CV</b>	<i>“Não, porque não tenho pêlo nem escamas.”</i>
<b>CM</b>	<i>“Não, porque somos pessoas e não temos pêlo.”</i>
<b>DS</b>	<i>“Não sou um animal, porque os homens não são animais.”</i>
<b>FM</b>	<i>“Não, porque não comemos ervas e folhas.”</i>
<b>GO</b>	<i>“Eu sou um animal, porque todos somos animais.”</i>
<b>RP</b>	<i>“ Sim, eu sou um animal.”</i>
<b>RD</b>	<i>“Sim, porque nasci da barriga de um animal.”</i>
<b>SS</b>	<i>“Eu não sou um animal.”</i>

Os objetivos desta questão seriam que as crianças percebessem que o ser humano, sendo um animal racional, detém maiores responsabilidades sobre si próprio, com os outros e para com o nosso planeta, sabendo ainda que, as suas atitudes devem ser pensadas e ponderadas de forma a não prejudicarem os restantes.

O grupo de alunos analisado ficou um pouco dividido nesta questão, sendo que mais de metade das crianças negaram serem animais, apresentando como justificações a falta de características comuns com os animais, tais como a ausência de escamas, ou a ausência de pêlo, ou até a alimentação dos mesmos.

As crianças que responderam afirmativamente tiveram alguma dificuldade em justificar as suas respostas, sendo de salientar a resposta do aluno RD, que afirma ser um animal, pois nasceu da barriga de um animal, o que se revela muito curioso.

No que diz respeito aos objetivos definidos para esta sessão, penso que não foram totalmente atingidos, uma vez que as respostas das crianças não indicaram a perceção da responsabilidade sobre si próprio, sobre os outros e sobre o planeta, enquanto animais racionais. Assim, poderíamos ter colocado a pergunta de uma outra forma, uma vez que as crianças apenas refletiram sobre a sua origem e não nas suas responsabilidades enquanto seres racionais.

Seguiu-se a segunda questão:

<b>Crianças</b>	<b>Pergunta: Quem sou eu? Sou igual aos outros?</b>
<b>CV</b>	<i>“Não, porque tenho um corpo muito grande e olhos castanhos.”</i>
<b>CM</b>	<i>“Não, porque não temos características iguais.”</i>
<b>DS</b>	<i>“Não, porque nós não somos iguais aos outros.”</i>
<b>FM</b>	<i>“Não, porque gostamos de coisas diferentes.”</i>
<b>GO</b>	<i>“Eu não sou igual aos outros, porque há meninas e as minhas características são diferentes das dos outros.”</i>
<b>RP</b>	<i>“ Não sou igual aos outros, porque cada um tem um rosto diferente.”</i>
<b>RD</b>	<i>“Não sou igual aos outros, porque eu sou rapaz e alguns são meninas.”</i>
<b>SS</b>	<i>“Eu sou igual aos outros.”</i>

A questão da igualdade perante os outros servia para o grupo refletir sobre as suas atitudes para com os outros, percebendo que todos temos características físicas e psicológicas diferentes, mas que em certos aspetos somos bastante semelhantes. Além disso, existem comportamentos que os outros demonstram para

connosco que nos magoam e os quais não compreendemos, mas que o contrário também acontece, pois cada individuo tem as suas próprias características.

A maioria das crianças respondeu negativamente, sendo que acham que são únicas, no sentido em que as suas características físicas e psicológicas são muito diferentes. Apenas um dos alunos, a SS, revelou sentir-se igual a todos os outros, não justificando a sua resposta.

Portanto, podemos concluir que estas compreendem que revelam características comuns e distintas dos outros, sendo este um dos objetivos traçados.

A última questão colocada nesta sessão foi:

Crianças	Pergunta: Gostas de te ver ao espelho?
CV	<i>“Sim, porque eu gosto de ver a minha cara e os meus olhos.”</i>
CM	<i>“Gosto, porque também dá muito jeito.”</i>
DS	<i>“Não, eu acho que não gosto de me ver ao espelho.”</i>
FM	<i>“Sim, para ver a minha beleza.”</i>
GO	<i>“Eu não gosto de me ver ao espelho, porque vejo a minha cara.”</i>
RP	<i>“ Sim, porque vejo-me mais bonito.”</i>
RD	<i>“Não gosto, porque posso parecer feio.”</i>
SS	<i>“Eu não gosto, porque faz-me impressão.”</i>

O principal objetivo desta pergunta era as crianças aprenderem a conhecerem-se e a aceitarem-se tal como são, sendo que cada uma tem características únicas e que toda a gente apresenta alguns defeitos aos olhos dos outros e que as principais virtudes não estão na aparência física, mas sim no seu interior.

Analisando as suas respostas, percebemos que cerca de metade dos elementos revelaram que gostam de se ver ao espelho, dando como justificação o facto de se sentirem bem por serem bonitos.

A restante metade afirmou que não gosta de se ver ao espelho, pois o seu reflexo revela-se feio aos seus olhos, e ainda a SS, justifica dizendo que lhe faz impressão. A SS revela níveis bastante baixos de auto-estima e é muito tímida e

sossegada. Raramente expressa a sua opinião face às perguntas realizadas, sendo que se sente mais à vontade para se expressar por escrito.

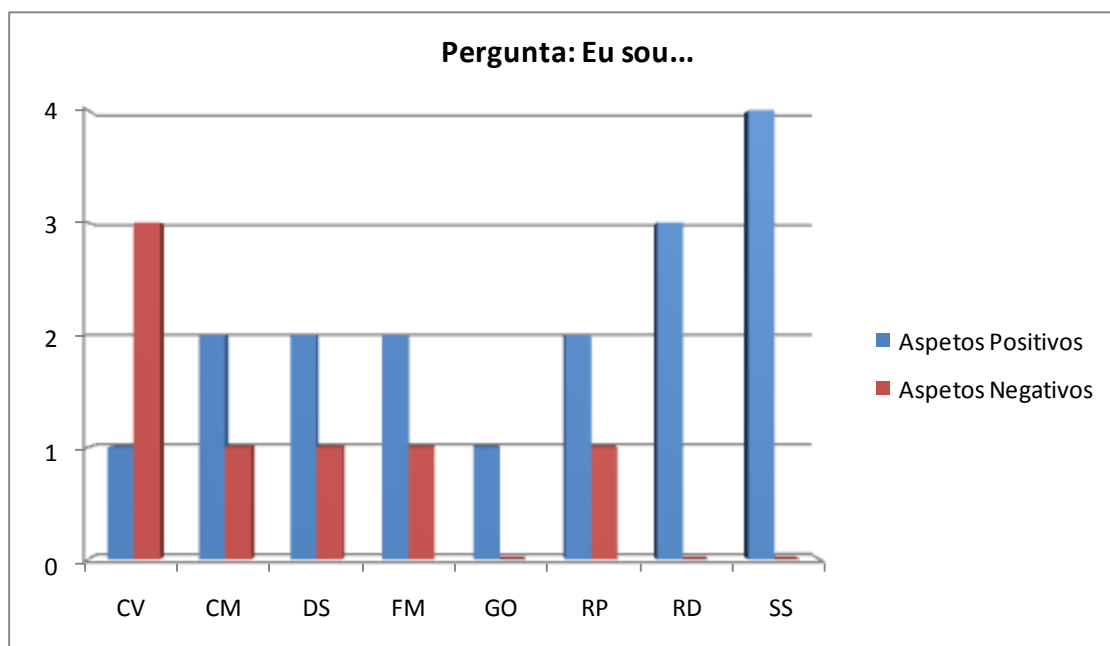
No final do debate da questão inicial geral, quisemos ainda colocar-lhes outra pergunta: “O espelho reflete tudo aquilo que somos?”. A esta questão algumas das crianças mantiveram a sua opinião de que o espelho reflete a beleza exterior, mas outras perceberam que a beleza não é só aquilo que aparentamos ser, mas sim, as atitudes que demonstramos no nosso dia-a-dia, os pequenos gestos para com os outros, a nossa solidariedade.

Esta primeira sessão geral foi muito positiva, pois as crianças mostraram-se desde o início bastante interessadas e curiosas por perceber o que iria ser dito e mostrado. Houve uma grande participação por parte de todos, sendo que alguns elementos da minha análise se mostraram curiosos, mas um pouco retraídos nas suas respostas.

Os níveis de implicação e bem-estar ao longo da sessão foram bastante elevados, sendo que tentávamos sugerir novas perguntas hipotéticas que contradiziam o que estava a ser dito, para que as crianças pudessem refletir e discutir de forma dinâmica.

Analisando os objetivos contemplados nesta questão, penso que não foram totalmente cumpridos, pois cerca de metade das crianças por mim analisadas não se aceitam tal como são, demonstrando um certo receio e repulsa em se visualizarem no espelho. As respostas afirmativas demonstraram a utilidade que possui este instrumento, mas também, uma forma de verem a sua beleza física.

### 5.1.2. BALANÇO GERAL DA SESSÃO N.º 1



De acordo com Portugal & Laevers (2010, p. 38), o desenvolvimento de uma auto-estima positiva ganha particular importância ao constituir-se como dimensão básica para a plena realização de cada um, com estreita ligação com um sentido de segurança, de identidade, de pertença, de objetivos e de competência. Desenvolve-se, naturalmente, a partir de processos cognitivos e afetivos que permitem sentirmo-nos bem relativamente a características pessoais. É uma área de desenvolvimento indispensável ao bem-estar emocional, garantia de saúde emocional na criança.

Estando a primeira sessão associada à identificação da auto-estima das crianças com as quais realizamos este estudo, ao observarmos o gráfico relativo à questão inicial percebemos, através das caracterizações realizadas pelas crianças, que os seus níveis de auto-estima se encontram medianos ou baixos. Apenas duas crianças não referiram qualquer aspeto negativo na sua caracterização. No entanto, uma das crianças referiu três aspetos negativos face a apenas um aspeto positivo.

Os níveis de bem-estar e implicação ao longo da sessão foram bastante altos, sendo que foram expostas várias opiniões e gerou-se um debate interessante. Apesar disso, o grupo de oito crianças observadas manteve-se um pouco reservado, expressando as suas ideias bastante bem por escrito, mas revelando alguma dificuldade em se manifestarem oralmente.

A diferença mais notória entre o grupo de oito crianças observadas e as restantes crianças da turma reside no nível de participação no diálogo e na exposição das suas ideias e opiniões ao longo de toda a sessão.

Se compararmos as respostas dadas pelo grupo de oito crianças com baixos níveis de implicação e bem-estar, com as restantes crianças da turma podemos observar diferenças significativas em termos do seu auto-conceito.

Crianças	Pergunta: <u>Eu sou...</u>
CV	"Eu sou um gordo. Consigo cantar muito bem, mas não gosto de dançar. Sou muito feio."
CM	"Eu sou uma rapariga. Gosto de borboletas e sou muito faladora. Não gosto de ser mal-educada."
DS	"Eu sou divertido, trapalhão e esperto."
FM	"Eu sou muito bonito. Sou um bocadinho chato e um bocadinho rápido."
GO	"Eu tenho cabelo curto e nariz, porque sou bonito e tenho lábios pequenos."
RP	"Eu sou trapalhão, esperto e inteligente."
RD	"Eu sou bonito, rápido e falador."
SS	"Eu sou amiga de todos e gosto de ver filmes, de brincar e de me ver ao espelho."

**Figura 4 - Respostas crianças com níveis baixos de bem-estar e implicação**

<u>Eu sou...</u>
BG: "Eu tenho cabelo castanho, olhos castanhos e sou bonita."
BP: "Eu sou uma menina, faladora e brincalhona."
CG: "Eu sou amiga, faladora e brincalhona."
CO: "Eu sou alegre, traquinas e esperto."
ME: "Eu gosto de diversão, de animação e gosto muito dos meus amigos."
EC: "Eu sou divertido, desarrumado e unido aos meus amigos."
FA: "Eu sou bem comportado, bonito e fixe. Não sou mau."
GC: "Eu sou criativo, rápido e bonito."
JT: "Eu sou simpático, inteligente e sou amigo dos meus amigos."
JS: "Eu sou simpático, inteligente e amigo."
MV: "Eu sou rápido, bonito e falador."
MM: "Eu sou bonita e vaidosa, tenho olhos castanhos e sou muito perfeita."
MT: "Eu sou uma menina bem comportada, sou bonita e sou divertida."

**Figura 5 - Respostas crianças com níveis altos de bem-estar e implicação**

Focando-nos na figura 4, podemos retirar que, no geral, todas as crianças apresentam pelo menos uma característica menos positiva de si própria. Analisando a figura 5, que corresponde às crianças com níveis altos de bem-estar e implicação, percebemos que as crianças enunciam, no geral, aspetos positivos da sua personalidade.

Em termos comparativos e direcionando-nos para a pergunta "Gostas de te ver ao espelho?", percebemos que existem novamente diferenças nas respostas dadas pelos dois grupos.

Crianças	Pergunta: Gostas de te ver ao espelho?
CV	"Sim, porque eu gosto de ver a minha cara e os meus olhos."
CM	"Gosto, porque também dá muito jeito."
DS	"Não, eu acho que não gosto de me ver ao espelho."
FM	"Sim, para ver a minha beleza."
GO	"Eu não gosto de me ver ao espelho, porque vejo a minha cara."
RP	"Sim, porque vejo-me mais bonito."
RD	"Não gosto, porque posso parecer feio."
SS	"Eu não gosto, porque faz-me impressão."

**Figura 6 - Respostas crianças com baixos níveis de bem-estar e implicação**

Gostas de te ver ao espelho?
BG: "Sim, porque sou muito vaidosa."
BP: "Sim, porque sou muito bonita e parecida com a minha mãe."
CG: "Sim, porque sou bonita."
CO: "Sim, porque parece que tenho um irmão."
ME: "Sim, porque me acho bonita e encantadora."
EC: "Sim, porque assim consigo ver o meu reflexo."
FA: "Sim, porque somos todos bonitos."
GC: "Sim, porque sou muito bonito."
JT: "Sim, porque eu gosto de ver o meu reflexo."
JS: "Sim, porque eu quando tomo banho e saio da banheira faço penteados novos e engraçados em frente ao espelho."
MV: "Sim, porque eu sou giro."
MM: "Sim, porque eu sou muito bonita e perfeita."
MT: "Sim, porque gosto de ver o cabelo e de ver se tenho os dentes limpos."

**Figura 7 - Respostas crianças com níveis altos de bem-estar e implicação**

Analisando esta questão, nos dois grupos de crianças, verificamos que na figura 7, o grupo no geral afirmou que se gosta de ver ao espelho enumerando as suas razões. Na figura 6, concluímos que metade das crianças afirmam que não gostam de se ver ao espelho, enumerando essencialmente razões de carácter físico e da sua aparência.

## **5.2. SESSÃO N.º 2 – “A CAIXA DAS EMOÇÕES”**

### **5.2.1. ANÁLISE DE RESULTADOS DA SESSÃO N.º 2**

Sessão	Data	Hora	Nome da sessão
N.º 2	31 de outubro de 2011	9h00 – 10h30	<i>“A caixa das emoções”</i>

A segunda sessão geral do projeto foi realizada no dia 31 de Outubro de 2011 e o seu subtema foi “A caixa das emoções”.

Consideramos importante trabalhar esta temática, pois é necessário as crianças compreenderem as suas próprias emoções e sentimentos, para melhor entenderem os outros. Aprender a conhecer os nossos sentimentos, tal como os dos outros e saber aceitá-los é decisivo para o estabelecimento de interações positivas.

Assim, sentámo-nos todos em roda e desenvolvemos a temática das emoções com recurso à “Caixa das Emoções”. Para iniciarmos o diálogo utilizamos uma roleta na qual estão representadas emoções como, contente, triste, com medo e zangado.

Cada aluno teve oportunidade de girar a roleta e contar aos colegas uma situação na qual já tivesse sentido a emoção correspondente. O grupo de crianças analisado identificou rapidamente uma situação que correspondesse à emoção pretendida, sendo que apenas a SS e GO se mostraram um pouco hesitantes nas suas respostas, apressando os seus comentários.

O CV respondeu efusivamente a esta pergunta, referindo o irmão como o causador da sua raiva e relatando uma situação na qual se desentenderam.

Na tarefa seguinte tiveram oportunidade de escutar diversas músicas que representavam, cada uma delas, uma emoção em particular, sendo o objetivo a sua identificação. Esta atividade resultou muito bem, pois o entusiasmo das crianças ao identificarem a emoção era notório. Percebemos que uma música poderia significar para uma criança uma determinada emoção e para outra uma emoção diferente.

De seguida, procedemos à formação de grupos e entregámos a cada um, uma emoção. O grupo teria que inventar uma situação real ou ficcionada, que demonstrasse a mesma. Para isso, iriam ter de a dramatizar recorrendo à mímica, para que os colegas identificassem a emoção representada.

Como não era necessária a comunicação verbal, o grupo de oito crianças analisadas conseguiu sem grandes dificuldades representar as suas emoções, apresentando uma motivação e alegria elevadas. Participaram na atividade com um grande ânimo, juntamente com os restantes colegas com os quais conversaram e decidiram a melhor forma de apresentar as suas emoções.

No final, dirigimo-nos novamente para a sala de aula, na qual apresentamos a “Caixa do Correio”, que daqui em diante iria permanecer na sala. Todas as crianças foram convidadas a escrever, a desenhar, a expressarem-se com os colegas sempre que o desejassem. O correio seria distribuído todas as segundas-feiras, tendo como objetivo principal facilitar e fortalecer a ligação entre os elementos da turma. Todas as crianças, mostraram-se, desde logo, disponíveis para escreverem uma carta e a introduzirem na mesma.

Nesta segunda sessão os objetivos inicialmente definidos foram alcançados com sucesso. As crianças por mim analisadas demonstraram um elevado nível de reconhecimento e contacto com as suas emoções e souberam expressar corretamente os seus sentimentos ao longo de toda a sessão, dando exemplos válidos de situações do seu quotidiano.

Foi igualmente possível reconhecerem e diferenciarem os seus sentimentos dos sentimentos dos outros, através da estratégia musical, na qual as crianças



identificaram através dos sons uma emoção, sendo que as suas respostas não eram unânimes.

O reconhecimento das suas emoções negativas foi verificado, pois conseguimos incentivar as crianças a expressarem situações menos positivas do seu quotidiano e que, naturalmente, fazem parte das suas vidas.

#### **5.2.2. BALANÇO GERAL DA SESSÃO N.º 2**

Ao nível da competência social, Portugal & Laevers (2010, p. 49) referem, para além de outras características, que uma criança com um elevado nível de competência social possui uma forte e diferenciada consciência dos próprios sentimentos e percepções, bem como é capaz de se colocar no papel do outro, compreendendo os seus sentimentos, necessidades e pensamentos, tendo-os em consideração nas ações que toma.

Estando esta sessão dedicada sobretudo à identificação e expressão das emoções de cada criança, percebemos que o grupo se mostrou bastante à vontade na caracterização das mesmas, participando ativamente.

Do grupo das oito crianças observadas, destaco o elevado grau de participação e exposição de ideias do aluno CV, que se manteve atento a tudo o que era dito pelos colegas, bem como manifestou entusiasticamente situações relativas ao seu ambiente familiar que se enquadravam em cada emoção selecionada.

As restantes crianças do grupo foram capazes de se expressar adequadamente, com bastante alegria e à vontade.

Os níveis de bem-estar e implicação ao longo da sessão foram bastante altos, sendo que as situações exemplificadas para cada emoção foram muito interessantes. Ao contrário da sessão anterior o grupo mostrou-se muito mais participativo e motivado.

Ao longo da sessão não denotei qualquer diferença entre as crianças assinaladas com baixos níveis de implicação das restantes crianças da turma, o que se revelou muito positivo.

### 5.3. SESSÃO N.º 3 – “O QUE SÃO OS SENTIMENTOS?”

#### 5.3.1. ANÁLISE DE RESULTADOS DA SESSÃO N.º 3

Sessão	Data	Hora	Nome da sessão
N.º 3	7 de novembro de 2011	9h00 – 10h30	“O que são os sentimentos?”

A terceira sessão do projeto “CRESCER...Comigo e com os Outros!” realizou-se no dia 7 de Novembro de 2011, sendo o seu subtema “O que são os sentimentos?”.

Escolhemos esta temática, pois pretendíamos dar continuidade ao tema desenvolvido na semana anterior, “As Emoções”, de uma forma mais reflexiva.

Iniciamos a sessão com a questão “O que são os sentimentos?” e obtiveram-se as seguintes respostas, correspondentes às oito crianças analisadas:

Crianças	Pergunta: O que são os sentimentos?
CV	“Os sentimentos são uma coisa muito forte, que têm muito peso.”
CM	“Os sentimentos são as coisas que nós pensamos.”
DS	“Os sentimentos são o que nós sentimos no corpo.”
FM	“Os sentimentos são coisas alegres, tristes, o medo ou a raiva.”
GO	“Os sentimentos são o que sentimos por uma pessoa ou por uma coisa.”
RP	“ Os sentimentos são o que cada pessoa sente.”
RD	“Os sentimentos são o que nós pensamos.”
SS	“Os sentimentos são coisas bonitas.”

As crianças revelaram respostas muito interessantes a esta questão. O FM respondeu à sua questão, tendo em conta as atividades realizadas na semana anterior com a “Caixa das Emoções”.

A CM e RD responderam que os sentimentos são apenas coisas que pensamos, o que pode significar que possivelmente não são capazes de expressar tudo o que sentem e apenas ficam pelos pensamentos.

A SS revela que os sentimentos são coisas bonitas, o que demonstra a dificuldade em compreender que os sentimentos não são sempre agradáveis e que é necessário expormos igualmente os nossos sentimentos menos positivos de forma adequada.

Relativamente aos objetivos definidos estes, no geral, não foram cumpridos, pois apenas uma das crianças revelou a compreensão de que existem sentimentos positivos e negativos. As restantes crianças definiram os sentimentos como contendo apenas emoções positivas ou que não são expressáveis.

Colocámos, de seguida, a seguinte questão:

<b>Crianças</b>	<b>Pergunta:</b> <b>Porque é que te zangas com aqueles de quem gostas?</b>
<b>CV</b>	<i>“Porque o meu irmão faz birras quando está perto de mim.”</i>
<b>CM</b>	<i>“Porque às vezes eu quero uma coisa e o outro quer outra.”</i>
<b>DS</b>	<i>“Porque eu quero fazer uma coisa e o meu amigo quer fazer outra coisa.”</i>
<b>FM</b>	<i>“Porque magoam os meus amigos.”</i>
<b>GO</b>	<i>“Porque eles fazem coisas más e chamam nomes feios.”</i>
<b>RP</b>	<i>“Porque eles querem uma coisa e eu quero outra.”</i>
<b>RD</b>	<i>“Porque eles me chateiam.”</i>
<b>SS</b>	<i>“Porque às vezes eu quero uma coisa e começamos a discutir.”</i>

Esta questão tinha como principal objetivo as crianças refletirem e perceberem que também nos zangamos com as pessoas de quem gostamos e que estas também se zangam connosco. Era importante, o grupo perceber as razões das suas zangas

com aqueles de quem se sentem próximos, bem como em formas de resolverem os seus possíveis conflitos.

As respostas foram, no geral, bastante semelhantes, sendo que na sua maioria todos os elementos referiram que se zangavam quando os outros os incomodavam ou tinham atitudes menos corretas com eles.

Saliento a resposta do FM, que referiu que se zanga com os outros quando eles magoam os seus amigos. Esta resposta revela uma solidariedade para com os outros e em defesa destes o FM altera os seus sentimentos.

De seguida, foi proposta a seguinte questão para reflexão e discussão:

<b>Crianças</b>	<b>Pergunta: Tens medo de falar sozinho em frente à turma?</b>
<b>CV</b>	<i>“Sim, porque tenho medo das pessoas e depois fico tímido.”</i>
<b>CM</b>	<i>“Não, porque devemos ir falar.”</i>
<b>DS</b>	<i>“Não, porque é fixe e depois começam-se todos a rir.”</i>
<b>FM</b>	<i>“Não, porque são todos meus amigos.”</i>
<b>GO</b>	<i>“Sim, porque tenho medo do que pensem sobre mim.”</i>
<b>RP</b>	<i>“Sim, porque tenho vergonha.”</i>
<b>RD</b>	<i>“Sim, porque podem-me bater.”</i>
<b>SS</b>	<i>“Eu tenho medo, porque não tenho coragem.”</i>

A esta pergunta as respostas foram bastante diversas, sendo que na sua maioria este grupo de crianças evidencia algum receio em se expor perante a turma, dados os seus níveis de bem-estar e implicação relativamente baixos.

Os alunos CM, DS e FM afirmaram que não tinham medo de falar em frente à turma, pois são todos amigos e devem expor as suas ideias. O DS respondeu que gosta quando ele fala e os outros se divertem com as suas ideias. O DS é uma criança bastante infantil, que demonstrou ao longo das semanas uma atitude muito pouco cooperativa para connosco e com os colegas.

OS alunos CV, GO, RP, RD e SS revelaram que têm algum receio em se expor em frente à turma, justificando as suas respostas com o que irão os outros pensar deles se errarem, por vergonha ou por falta de coragem.

Saliento a resposta dada pelo RD, pois justifica dizendo que tem medo que os outros sejam violentos para com ele se disser algo que não devia. Esta resposta revela a grande insegurança face aos comportamentos dos outros.

Daqui resultou uma grande discussão sobre as razões pelas quais estas crianças revelam medo de ir ao quadro e das atitudes que os colegas podem ter perante as suas respostas. Todos estiveram muito atentos e no final concordaram que nem sempre têm as melhores atitudes com os colegas e que por vezes demonstram alguma incompreensão face aos colegas com maiores dificuldades.

No final, pedimos a cada criança que escrevesse num papel uma qualidade e um aspeto a melhorar no seu colega do lado. As respostas foram as seguintes:

<b>Crianças</b>	<b>Pergunta: O que gosto e não gosto no outro...</b>
<b>CV</b>	<i>"Eu não gosto de nada na BP. Ela tem muita força, porque quando ela quer uma coisa ela não descansa!"</i> <i>"Não gosto dos olhos da BP."</i>
<b>CM</b>	<i>"Eu gosto do FM, porque ele é fofo."</i> <i>"Eu não gosto quando o FM me magoa."</i>
<b>DS</b>	<i>"Eu gosto do EC, porque quando eu vou jogar futebol ele deixa-me ser da equipa dele."</i> <i>"Eu não gosto quando o EC me chateia."</i>
<b>FM</b>	<i>"Eu gosto do material da CM e gosto quando ela é minha amiga."</i> <i>"Eu não gosto quando ela é invejosa."</i>
<b>GO</b>	<i>"Eu gosto da SS, porque ela brinca comigo."</i> <i>"Eu não gosto que ela goze comigo e não quero que ela me chame nomes."</i>
<b>RP</b>	<i>"A SS é fofinha."</i> <i>"Não gosto que a SS fique perto de mim, preferia ficar sozinho."</i>
<b>RD</b>	<i>"Gosto que o MV brinque comigo."</i> <i>"Não gosto que ele me espete com o lápis."</i>
<b>SS</b>	<i>"O RP é o meu melhor amigo."</i> <i>"Não gosto quando ele pensa que fui eu que lhe tirei uma coisa e foi outro menino."</i>

O CV encontra-se ao lado da BP recentemente. Sendo que o CV apresenta algumas dificuldades na comunicação oral, por vezes é bastante incompreendido pelos colegas. A BP é uma criança completamente diferente, em termos de personalidade do CV, pois é uma criança muito expansiva, comunicadora e alegre, o que pode ser uma mais-valia no desenvolvimento do CV. Apesar disso, o CV revela ainda alguma dificuldade em gostar da BP, descrevendo como aspetos a melhorar a sua enorme força e o seu olhar.

A CM revela que não gosta quando o FM a magoa, mas gosta bastante dele. Por seu lado o FM revela que gosta do material escolar da CM e quando ela é sua amiga, mas não gosta quando ela é invejosa. O FM é um aluno extremamente inteligente, mas que demonstra grandes dificuldades de relacionamento com os seus colegas, sendo bastante agressivo quando o incomodam. O seu relacionamento com a CM não é por vezes o mais saudável, mas percebe-se que gostam um do outro.

O DS é uma criança bastante agressiva para com os colegas e demonstra atitudes algo negativas para com o adulto. O seu colega EC revela-se bastante compreensivo para com ele.

O GO revela gostar da SS, mas que por vezes ela demonstra atitudes menos positivas para com ele, o que o deixa aborrecido.

O RP preferia que a SS não estivesse ao seu lado, o que demonstra alguma dificuldade no relacionamento e na compreensão das atitudes dos seus colegas. O RP é bastante comunicativo, necessitando de muita atenção e apoio. Já a SS revela que o RP é o seu melhor amigo e que apenas não gosta quando este desconfia dela.

O relacionamento do RD com o seu colega é bastante bom, havendo no entanto, alguns conflitos ocasionais, que rapidamente se resolvem entre eles.

Ao longo desta sessão, as crianças, na generalidade, mantiveram níveis de implicação e bem-estar elevados, sendo que pensamos que a estratégia foi eficaz. Participaram ainda mais do que na primeira sessão, uma vez que já se familiarizaram com a estratégia escolhida.

Depois de cada pergunta colocada às crianças e das suas respostas, discutimos, em conjunto, algumas respostas hipotéticas, às quais algumas crianças concordavam e outras não, gerando, assim, um debate dinâmico e saudável, ao longo da sessão.

Nas respostas dadas pelas crianças, penso que não foi totalmente notória a sua reflexão acerca dos seus próprios sentimentos, tal como tínhamos inicialmente pensado, mas estas refletiram principalmente nas ações tomadas para com os outros e nas ações que os outros tomam relativamente a eles.

É no entanto de salientar o facto de as crianças conseguirem exprimir o que sentiam face à exposição aos seus colegas, em situações de participação escolar. As questões formuladas ajudaram-nos a refletir e a ponderar as suas atitudes perante as dificuldades dos outros.

### **5.3.2. BALANÇO GERAL DA SESSÃO N.º 3**

Sendo que nesta sessão, permanecemos no tópico dos sentimentos, obtivemos por parte das crianças respostas mais concisas sobre este assunto.

Através das respostas dadas à questão inicial “O que são os sentimentos?” podemos denotar nas respostas dadas pelas crianças a recordação da sessão anterior, da caixa das emoções, no que se refere à nomeação dos sentimentos que dela constam.

No entanto, percebemos igualmente que algumas das crianças deste grupo, referem-se aos sentimentos, como algo que apenas pensam e que, no entanto, nem sempre revelam.

Focando-nos na pergunta final desta sessão “Tens medo de falar sozinho em frente à turma?”, é possível verificar que as respostas nos dois grupos de crianças foram bastante similares. Tanto no grupo de crianças com baixos níveis de bem-estar e implicação, como no grupo de crianças com níveis altos de bem-estar e implicação ressaltam respostas diversas.

Apesar de existirem em ambos os grupos, respostas afirmativas a esta questão, verificamos que no grupo de crianças com níveis altos de bem-estar e implicação, estas dão como principal justificação ao medo de falar sozinhas em frente à turma, o receio em errar.

Já no grupo de crianças com níveis baixos de bem-estar e implicação, as justificações envolvem a falta de confiança, a timidez, ou medo das pessoas, e ainda, uma das crianças refere receio do castigo que pode advir da sua intervenção.

Crianças	Pergunta: Tens medo de falar sozinho em frente à turma?
CV	"Sim, porque tenho medo das pessoas e depois fico tímido."
CM	"Não, porque devemos ir falar."
DS	"Não, porque é fixe e depois começam-se todos a rir."
FM	"Não, porque são todos meus amigos."
GO	"Sim, porque tenho medo do que pensem sobre mim."
RP	"Sim, porque tenho vergonha."
RD	"Sim, porque podem-me bater."
SS	"Eu tenho medo, porque não tenho coragem."

**Figura 8 – Respostas crianças com baixos níveis de bem-estar e implicação**

Tens medo de falar sozinho em frente à turma?
BG: "Sim, porque tenho vergonha."
BP: "Não, porque sou corajosa."
CG: "Não, porque gosto de ir à frente, para todos me verem."
CO: "Não porque gosto de estar à frente."
ME: "Sim, porque posso errar alguma coisa e também porque não sei explicar as coisas."
EC: "Não, porque não sou tímido."
FA: "Não, porque gosto da turma."
GC: "Sim, porque posso dizer coisas que os colegas se riam."
JT: "Não, porque gosto de ir ao quadro."
JS: "Não, porque assim podem ouvir os nossos pensamentos e as nossas opiniões."
MV: "Sim, porque tenho medo."
MM: "Não, porque gosto de estar à frente e de escrever no quadro."
MT: "Eu tenho medo de falar sozinha, porque tenho medo de errar."

**Figura 9 – Respostas crianças com altos níveis de bem-estar e implicação**

#### 5.4. SESSÃO N.º 4 – “O QUE SÃO O BEM E O MAL?”

##### 5.4.1. ANÁLISE DE RESULTADOS DA SESSÃO N.º 4

Sessão	Data	Hora	Nome da sessão
N.º 4	14 de novembro de 2011	9h00 – 10h30	“O que são o bem e o mal?”

No dia 14 de novembro de 2011, realizámos a quarta sessão do projeto “CRESCER... Comigo e com os Outros!”, sendo o seu subtema “O que são o bem e o mal?”.

Fizemos essa mesma pergunta a cada uma das crianças. Estas responderam, por escrito, e as respostas das oito crianças por mim analisadas foram:



<b>Crianças</b>	<b>Pergunta: O que são o bem e o mal?</b>
<b>CV</b>	<i>“O mal é uma coisa mesmo terrível. O bem é mesmo divertido na escola e em casa.”</i>
<b>CM</b>	<i>“O bem faz bem e o mal faz mal.”</i>
<b>DS</b>	<i>“O mal é quando uma pessoa faz mal a outra.”</i>
<b>FM</b>	<i>“O bem são coisas boas e o mal são coisas más.”</i>
<b>GO</b>	<i>“O bem é aquilo que fazemos bem. O mal é aquilo que fazemos mal.”</i>
<b>RP</b>	<i>“Quando as pessoas têm sorte é o bem. Quando as pessoas têm azar é o mal.”</i>
<b>RD</b>	<i>“O bem é quando alguém se porta bem. O mal é quando alguém se porta mal.”</i>
<b>SS</b>	<i>“O bem é o bem, é a coisa mais bonita. O mal é a pior coisa.”</i>

As respostas a esta questão foram bastante ambíguas, sendo que muitas foram vagas. As suas respostas basearam-se no bem e no mal e no melhor e pior, ou seja, nas boas e más acções.

Analisando as respostas dadas pelas crianças à luz da teoria do desenvolvimento moral de Kohlberg e os níveis por si definidos, constatamos que estas crianças se situam no nível convencional, visto que seguem as regras estabelecidas pela sociedade, aceitando-as e respeitando a ordem estabelecida.

Seguiu-se posteriormente a questão:

<b>Crianças</b>	<b>Pergunta: Deves ser simpático com os outros?</b>
<b>CV</b>	<i>“Não, porque a pessoa pode ser chata e má.”</i>
<b>CM</b>	<i>“Sim, devemos sempre ser bons com os outros.”</i>
<b>DS</b>	<i>“Não, nós às vezes não podemos ser simpáticos.”</i>
<b>FM</b>	<i>“Sim, porque eles recompensam-nos.”</i>
<b>GO</b>	<i>“Não podemos ser sempre simpáticos uns com os outros.”</i>
<b>RP</b>	<i>“Sim, devo ser simpático com os outros.”</i>
<b>RD</b>	<i>“Não devemos ser sempre simpáticos com os outros.”</i>
<b>SS</b>	<i>“Sim, porque é bom para a saúde.”</i>

As respostas a esta questão foram um pouco divididas, sendo que alguns concordaram e outros discordaram com a pergunta.

Pretendíamos com esta pergunta que as crianças percebessem que a simpatia vai para além da aparência das nossas ações, mas é realmente o que sentimos nas mais diversas situações.

As crianças que responderam negativamente, justificaram as suas respostas dizendo que se os outros não forem simpáticos com eles, eles também não devem ser simpáticos. Os que responderam afirmativamente, apresentam razões de recompensa face aos seus comportamentos assertivos.

Estas crianças não demonstram, ainda, a capacidade de respeitar toda e qualquer pessoa, independentemente de serem ou não amigos.

A última questão colocada às crianças foi:

<b>Crianças</b>	<b>Pergunta: Deves dizer tudo?</b>
<b>CV</b>	<i>“Sim, porque são os nossos amigos.”</i>
<b>CM</b>	<i>“Não, porque devemos guardar os segredos.”</i>
<b>DS</b>	<i>“Nós não devemos dizer tudo aos outros, porque assim sabem tudo da nossa vida.”</i>
<b>FM</b>	<i>“Não, porque demoramos muito tempo.”</i>
<b>GO</b>	<i>“Não, porque aquilo que nos dizem são só asneiras.”</i>
<b>RP</b>	<i>“Não, porque aquela pessoa pode não gostar.”</i>
<b>RD</b>	<i>“Não devo dizer tudo, porque eles assim espalham tudo.”</i>
<b>SS</b>	<i>“Não, porque eu não digo o que sinto.”</i>

Esta pergunta tinha como objetivos as crianças tomarem consciência do que significa a verdade para si e para os outros e pensarem na pessoa com quem estão a falar e porem-se no seu lugar.

Todas as crianças responderam negativamente excepto o CV que justificou a sua opção como devendo dizer tudo aos seus amigos.

No entanto, todas as outras crianças afirmaram que existem coisas que não devem ser contadas, tais como, certos segredos e certos sentimentos, que devem ficar guardados dentro de cada um.

A SS revelou não dizer aquilo que sente, pois poderia magoar os outros. O RP afirma que não diz sempre tudo, com receio da reação do outro.

Então, face a estas respostas fizemos a pergunta “E a mentira, não magoará mais do que a verdade?”. As crianças refletiram e gerou-se um interessante debate, sendo que estas afirmaram que a verdade deveria ser sempre contada, mesmo que com isso implicasse algum sofrimento.

Tínhamos ainda mais uma questão para ser colocada. No entanto, optámos por não o fazer e deixá-la para uma próxima sessão, uma vez que a atividade já se tinha alongado por demasiado tempo e as crianças poderiam começar a reduzir os seus níveis de implicação.

Depois de cada pergunta colocada às crianças e das suas respostas, discutimos, em conjunto, algumas respostas hipotéticas, às quais algumas crianças concordavam e outras não, gerando-se, assim, o debate.

#### **5.4.2. BALANÇO GERAL DA SESSÃO N.º 4**

Segundo Portugal e Laevers (2010, p. 39) a educação deve fornecer atitudes positivas que estão na base de toda a aprendizagem, nomeadamente o sentimento de ligação ao mundo. Esta relaciona-se com o desenvolvimento de uma orientação positiva relativamente aos outros, à comunidade e natureza. É o que confere sentido, valor à educação, estando na base de uma educação pró-social e construtiva do mundo.

Analisando a questão inicial “O que são o bem e o mal?”, percebemos pelas respostas dadas pelo grupo, que algumas das crianças se baseiam no abstrato, ou seja, definem o bem e o mal tendo em conta o “fazer o bem e fazer o mal”, “a coisa mais bonita e a pior coisa”, “uma coisa divertida e uma coisa terrível”. No entanto, observando pormenorizadamente cada uma das respostas, verificamos que duas das

crianças descrevem o bem e o mal, referindo-se ao bem ou ao mal que podem proporcionar aos outros através das suas atitudes.

Na questão seguinte “Deves ser simpático com os outros?”, as respostas das crianças dividiram-se. Enquanto metade das crianças responderam afirmativamente, justificando-se com o facto de deverem ser bons com os outros e esperando que os outros correspondam à sua expectativa, a restante metade respondeu negativamente, demonstrando que não é necessário sermos sempre simpáticos, visto que, por vezes, os outros têm atitudes das quais não gostamos.

Comparando os dados desta questão com os dados relativos ao grupo de crianças com níveis altos de bem-estar e implicação, percebemos que existem algumas diferenças.

Crianças	Pergunta: Deves ser simpático com os outros?
CV	"Não, porque a pessoa pode ser chata e má."
CM	"Sim, devemos sempre ser bons com os outros."
DS	"Não, nós às vezes não podemos ser simpáticos."
FM	"Sim, porque eles recompensam-nos."
GO	"Não podemos ser sempre simpáticos uns com os outros."
RP	"Sim, devo ser simpático com os outros."
RD	"Não devemos ser sempre simpáticos com os outros."
SS	"Sim, porque é bom para a saúde."

**Figura 10 – Respostas crianças com baixos níveis de bem-estar e implicação**

Deves ser simpático com os outros?
BG: "Sim, porque assim fazemos os outros felizes."
BP: "Sim, mas só se eles forem meus amigos."
CG: "Sim, porque são nossos amigos."
CO: "Quando me chateiam não."
ME: "Sim, porque se não formos simpáticos com os outros, eles não são nossos amigos."
EC: "Sim, mesmo quando não somos amigos."
FA: (Não esteve presente)
GC: "Não, porque os colegas chateiam-nos."
JT: "Sim, mas só com os amigos."
JS: "Sim, mas só quando não nos irritam."
MV: "Não, porque quando alguém me bate, eu não devo ser simpático."
MM: "Sim, porque nós queremos que os outros sejam bons connosco."
MT: "Nós devemos ser simpáticos com os outros porque somos amigos."

**Figura 11 – Respostas crianças com níveis altos de bem-estar e implicação**

Na figura 11, as respostas das crianças foram maioritariamente afirmativas, devendo-se sobretudo ao significado de amizade. As respostas negativas surgiram sobretudo pelas atitudes que menos positivas que os outros demonstram perante eles próprios.

A última questão “Deves dizer sempre tudo?”, foi bastante similar nos dois grupos de crianças, sendo que a maioria respondeu negativamente.

## 5.5. SESSÃO N.º 5 – “O QUE É VIVER EM SOCIEDADE?”

### 5.5.1. ANÁLISE DE RESULTADOS DA SESSÃO N.º 5

Sessão	Data	Hora	Nome da sessão
N.º 5	21 de novembro de 2011	9h00 – 10h30	“O que é viver em sociedade?”

Realizámos a quinta sessão relativa ao projeto no dia 21 de Novembro de 2011, no qual optamos por apresentar o subtema “O que é viver em sociedade?”.

Fizemos essa mesma pergunta a cada uma das crianças e as respostas das oito crianças por mim analisadas foram as seguintes:

Crianças	Pergunta: O que é viver em sociedade?
CV	“É difícil, porque temos que ter respeito e ser amigos de todos.”
CM	“É viver em paz com as outras pessoas.”
DS	“Viver em sociedade é respeitarmos os outros.”
FM	“Viver em sociedade é viver com os outros.”
GO	“Viver em sociedade é viver em conjunto com os outros.”
RP	“É viver em liberdade com as outras pessoas, respeitando os outros.”
RD	“É viver em paz.”
SS	“Viver em sociedade é muito bonito.”

As crianças, na generalidade, demonstraram conhecimentos acerca do tema. Basicamente, as respostas foram as seguintes: É viver com os outros, respeitá-los, viver em paz, falar com os outros e viver livre com as outras pessoas. Apenas a SS, revelou uma resposta algo distante e muito geral.

Os objetivos definidos para esta questão inicial da temática foram, no geral, alcançados. Permitimos que as crianças refletissem sobre o que é viver em sociedade e as suas implicações, apesar de no início revelarem alguma dificuldade em definir o conceito de sociedade.

Realizamos de seguida a seguinte questão:

Crianças	Pergunta: Deves ajudar os outros?
CV	<i>“Sim, porque sou amigo.”</i>
CM	<i>“Sim, porque ficamos melhores.”</i>
DS	<i>“Devemos ajudar os outros, porque assim nós somos simpáticos.”</i>
FM	<i>“Sim, porque os outros podem ter dificuldade.”</i>
GO	<i>“Sim, devemos ajudar os outros.”</i>
RP	<i>“Sim, porque eles ficam-nos agradecidos.”</i>
RD	<i>“Sim, porque alguma pessoa cega pode ir contra algum poste.”</i>
SS	<i>“Sim, porque eles assim não são atropelados e ficam agradecidos.”</i>

Com esta questão, os objetivos eram os seguintes: As crianças aceitarem que não precisam de se esquecer de si para poder pensar nos outros, aprenderem a viver em sociedade, saberem agir perante os outros, sem receios e de forma ponderada e tomarem consciência de que só podemos ajudar os outros se aceitarmos ser ajudados.

Todas as respostas foram afirmativas, ou seja, todos concordaram que devem ajudar os outros, justificando as suas respostas com a amizade, com a sua consciência e sentimentos, com as dificuldades sentidas pelos outros e pelo agradecimento implícito na ação.

Face a essas respostas, colocámos a questão: “E se for alguém que não conhecemos, devemos ajudar?”. As opiniões das crianças divergiram completamente. Houve crianças que afirmaram que devíamos ajudar todas as pessoas, independentemente de as conhecermos ou não, outras crianças entenderam que apenas os nossos amigos e os nossos familiares é que necessitam da nossa ajuda e houve ainda outras opiniões, sendo que houve crianças que referiram que devemos ajudar as pessoas desconhecidas, mas só aquelas que merecem, e que se for, por exemplo, um toxicodependente a precisar de ajuda, nessa situação não devemos ajudar.

No geral, as crianças demonstraram um grande sentimento de entreaajuda. Perceberam que para ajudarem os outros devem igualmente permitir serem ajudadas, o que demonstra um desenvolvimento moral bastante satisfatório.

Por fim, colocámos uma última questão:

<b>Crianças</b>	<b>Pergunta: Deves respeitar sempre os outros?</b>
<b>CV</b>	<i>“Não, porque não tenho que fazer o que ele quer fazer.”</i>
<b>CM</b>	<i>“Não, porque não é preciso.”</i>
<b>DS</b>	<i>“Não, porque os outros podem fazer mal.”</i>
<b>FM</b>	<i>“Não, porque não somos seus criados.”</i>
<b>GO</b>	<i>“Não, porque eles não nos ajudam.”</i>
<b>RP</b>	<i>“Sim e não. Se for mais velho sim.”</i>
<b>RD</b>	<i>“Não, porque senão me respeitam eu também não tenho de os respeitar.”</i>
<b>SS</b>	<i>“Não, às vezes não estou a fazer nada e ele manda-me fazer alguma coisa.”</i>

Com esta questão, os objetivos eram os seguintes: As crianças darem valor aos outros como gostariam que lhes dessem valor a si e aperceberem-se da forma como as suas palavras e os seus atos podem atingir os outros.

A maioria das respostas foram negativas, tendo como justificações a falta de ajuda por parte dos outros, o que implica igualmente que eles não devem respeitar o outro. Apenas o RP se mostrou um pouco confuso na sua resposta, apontando a idade da pessoa como um fator de respeito.

Sendo assim, posso concluir que estas crianças entendem o respeito, apenas para com as pessoas que conhecem e que merecem esse respeito. Não o entendem, como um dever e um direito de qualquer indivíduo da sociedade.

As crianças, na generalidade, mantiveram níveis de implicação e bem-estar elevados, sendo que pensamos que a estratégia foi eficaz.

Depois de cada pergunta colocada às crianças e das suas respostas, discutimos, em conjunto, algumas respostas hipotéticas, às quais algumas crianças concordavam e outras não, gerando, assim, um intenso debate.

No final da sessão reunimos o grupo em roda e com um novelo de lã explicamos-lhes que este teria de passar por cada criança à medida que

identificavam nos seus colegas algo em comum consigo próprio. Desta forma, as crianças poderiam identificar semelhanças e gostos em comum, que não conheciam até então e fortalecer, assim, as relações existentes.

Esta atividade final foi bem sucedida, pois as crianças mostraram-se implicadas e bem-dispostas, demonstrando os elos de ligação existentes entre os vários elementos com a formação de uma enorme teia de lã.

Percebemos, no entanto, que a maioria das características referidas pelas crianças ao longo da atividade se basearam sobretudo, em semelhanças físicas e não em atitudes ou sentimentos positivos, tal como esperávamos.

Com esta sessão permitimos que as crianças refletissem sobre o que é viver em sociedade e as suas implicações, mas estas ainda sentem alguma relutância em demonstrar os seus sentimentos de respeito e ajuda, não só com as pessoas de quem gostam e mantêm uma relação, mas também com os restantes cidadãos.

#### **5.5.2. BALANÇO GERAL DA SESSÃO N.º 5**

A sessão n.º 5 baseou-se na análise do comportamento das crianças em grupo. Segundo Portugal & Laevers (2010, p. 39), é necessário que a criança seja capaz de se integrar no quotidiano do grupo, o que tem a ver com a capacidade de ligação a outros, baseada no sentimento de respeito e compreensão mútua, conjugando-se necessidades individuais com as de outros, permitindo o desenvolvimento de comportamentos de cooperação. Estes pressupõem a adoção de um comportamento individual que tem em conta a vida em grupo, o reconhecimento de diferentes papéis sociais e o respeito pelas regras e princípios de vida em comum.

Tendo em conta a pergunta inicial, “O que é viver em sociedade?” obtivemos respostas muito ponderadas, nas quais o sentimento de respeito pelos outros esteve muito presente.

Relativamente à questão “Deves ajudar os outros?” obtivemos apenas respostas afirmativas, o que é muito positivo. As justificações foram várias e em ambos os grupos (crianças com baixos e altos níveis de bem-estar e implicação)



foram apresentados os fatores de idade, ou seja, os mais novos devem ajudar os mais velhos, as incapacidades dos outros, a felicidade que nos transmite o ato de ajudar o outro, ou apenas, o facto de no final recebermos uma recompensa.

Quanto à última questão da sessão “Deves respeitar sempre os outros?” e comparando as respostas dos dois grupos de crianças, percebemos que existem diferenças significativas.

Crianças	Pergunta: Deves respeitar sempre os outros?
CV	"Não, porque não tenho que fazer o que ele quer fazer."
CM	"Não, porque não é preciso."
DS	"Não, porque os outros podem fazer mal."
FM	"Não, porque não somos seus criados."
GO	"Não, porque eles não nos ajudam."
RP	"Sim e não. Se for mais velho sim."
RD	"Não, porque senão me respeitam eu também não tenho de os respeitar."
SS	"Não, às vezes não estou a fazer nada e ele manda-me fazer alguma coisa."

**Figura 12 – Respostas crianças com baixos níveis de bem-estar e implicação**

Es obrigado a respeitar sempre os outros?
BG: "Sim, porque devemos respeitar os outros, mesmo quando não são nossos amigos."
BP: "Não, se não gostarmos dessas pessoas."
CG: "Sim, porque são nossos amigos."
CO: "Sim, quando são nossos amigos."
ME: "Sim, mas só as pessoas que nos respeitam."
EC: "Não, se for um ladrão não devo respeitar."
FA: "Sim, porque são pessoas como nós e todas merecem respeito."
GC: "Sim, porque assim fazemos novos amigos."
JT: "Não, se não forem nossos amigos."
JS: "Sim, porque assim eles respeitam-nos também."
MV: "Não, porque ninguém manda em nós."
MM: "Sim, porque nós queremos que nos respeitem a nós também."
MT: "Sim, devemos sempre respeitar todas as pessoas."

**Figura 13 – Respostas crianças com níveis altos de bem-estar e implicação**

Ao analisarmos as duas figuras percebemos que todas as crianças com baixos níveis de bem-estar e implicação responderam negativamente a esta questão, dando como justificações o facto do outro não os respeitar e por isso não necessitarem de demonstrar respeito.

Na figura 13, que se refere às respostas das crianças com níveis altos de bem-estar e implicação, apreendemos que as estas foram na sua maioria afirmativas, demonstrando um grande sentido de respeito pelo outro.

## 5.6. SESSÃO N.º 6 – “O QUE É VIVER EM SOCIEDADE? / RELEMBRAR O QUE APRENDI...”

### 5.6.1. ANÁLISE DE RESULTADOS DA SESSÃO N.º 6

Sessão	Data	Hora	Nome da sessão
N.º 6	28 de novembro de 2011	9h00 – 10h30	<i>“O que é viver em sociedade? Relembrar o que aprendi...”</i>

No dia 28 de novembro de 2011, realizámos a sexta e última sessão relativa ao projeto “CRESCER... Comigo e com os Outros!”, apresentando como subtema a continuação da aula anterior “O que é viver em sociedade?” e um novo subtema “Relembrar o que aprendi...” tendo como intenção explorar novamente as temáticas abordadas, fazendo desta forma uma auto-avaliação de todo o projeto.

Iniciamos a sessão por colocar a seguinte questão:

Crianças	Pergunta: Gostarias de viver completamente só?
CV	<i>“Sim, porque eu quero estar em paz e assim posso ver televisão.”</i>
CM	<i>“Não, porque assim não temos com quem brincar.”</i>
DS	Não estava presente na sessão
FM	<i>“Não, porque assim ninguém cuida de mim.”</i>
GO	<i>“Não, porque assim não tinha ninguém com quem brincar nem falar.”</i>
RP	<i>“Sim, porque eu tenho sete irmãos e eles tiram-me a paciência.”</i>
RD	<i>“Sim, porque assim posso ir fazer «flips» com o skate.”</i>
SS	Não estava presente na sessão

Esta pergunta tinha como objetivos as crianças aprenderem a reconhecer que os outros as ajudam a viver e vice-versa e compreenderem que precisar dos outros não nos impede de ser livres.

As respostas foram bastante diversas, sendo que o CM, FM e GO responderam negativamente à questão afirmando que não gostariam de viver

completamente sós, pois não teriam companhia para brincarem e ninguém que cuidasse deles.

Os alunos CV, RP e RD, afirmaram gostar de viver completamente sós, pois poderiam fazer o que quisessem livremente sem ninguém os incomodar.

Depois de visualizarmos um pequeno vídeo, com fotografias das várias sessões realizadas, todas as crianças exprimiram, com saudade, a satisfação em terem participado nestas atividades. Por fim, entregámos um questionário às crianças, e as respostas foram as seguintes:

Questionários de Auto-Avaliação do projeto: "CRESCER...Comigo e com os outros!"		
<b>CV</b>	O que aprendi...	<i>"Aprendi que não faz mal às vezes ficar sozinho e não com os amigos."</i>
	O que devo melhorar...	<i>"A minha atitude com os outros."</i>
	Palavra que caraterize o projeto	<i>"Amizade"</i>
<b>CM</b>	O que aprendi...	<i>"Eu aprendi que não devemos ser maus com os outros."</i>
	O que devo melhorar...	<i>"Eu devo melhorar o meu comportamento."</i>
	Palavra que caraterize o projeto	<i>"Giro"</i>
<b>DS</b>	O que aprendi...	<i>"Aprendi como se deve ser com os outros."</i>
	O que devo melhorar...	<i>"O meu comportamento."</i>
	Palavra que caraterize o projeto	<i>"Fixe."</i>
<b>FM</b>	O que aprendi...	<i>"Aprendi a crescer com os outros."</i>
	O que devo melhorar...	<i>"Devo melhorar o meu comportamento."</i>
	Palavra que caraterize o projeto	<i>"Fantástico."</i>
<b>GO</b>	O que aprendi...	<i>"Aprendi que sem os outros não tínhamos com quem brincar."</i>
	O que devo melhorar...	<i>"Nós devemos melhorar o nosso comportamento."</i>
	Palavra que caraterize o projeto	<i>"A palavra amizade."</i>
	O que aprendi...	<i>"Aprendi a lidar com os outros."</i>

<b>RP</b>	O que devo melhorar...	<i>"Devo melhorar o meu comportamento com os outros."</i>
	Palavra que caracterize o projeto	<i>"Fixe."</i>
<b>RD</b>	O que aprendi...	<i>"Eu aprendi muitas coisas giras."</i>
	O que devo melhorar...	<i>"Devo falar mais."</i>
	Palavra que caracterize o projeto	<i>"Amigos"</i>
<b>SS</b>	O que aprendi...	<i>"Aprendi que devemos respeitar os outros."</i>
	O que devo melhorar...	<i>"Aprendi a ajudar os outros."</i>
	Palavra que caracterize o projeto	<i>"Lindo."</i>

### 5.6.2. BALANÇO GERAL DA SESSÃO N.º 6

A 6.<sup>a</sup> sessão foi a conclusão da temática da sessão anterior, que culminou com a questão "Gostarias de viver completamente só?".

Ao analisarmos as respostas dos dois grupos de crianças (fig. 14 e 15), percebemos que surgem novamente opiniões bastante distintas.

Crianças	Pergunta: Gostarias de viver completamente só?
CV	<i>"Sim, porque eu quero estar em paz e assim posso ver televisão."</i>
CM	<i>"Não, porque assim não temos com quem brincar."</i>
DS	Não estava presente na sessão
FM	<i>"Não, porque assim ninguém cuida de mim."</i>
GO	<i>"Não, porque assim não tinha ninguém com quem brincar nem falar."</i>
RP	<i>"Sim, porque eu tenho sete irmãos e eles tiram-me a paciência."</i>
RD	<i>"Sim, porque assim posso ir fazer «fijos» com o skate."</i>
SS	Não estava presente na sessão

**Figura 14 – Respostas crianças com baixos níveis de bem-estar e implicação**

Gostarias de viver completamente só?
BG: <i>"Não, porque assim não tenho ninguém para falar."</i>
BP: <i>"Não, porque iria senti-me muito só."</i>
CG: <i>"Não, porque depois não tenho ninguém para brincar."</i>
CO: <i>"Não, porque não gosto e também queria estar com os meus pais."</i>
ME: <i>"Não, porque assim não temos quem nos esclareça dúvidas, nem com quem falar e brincar."</i>
EC: <i>"Não, porque assim nunca temos com quem falar e brincar."</i>
FA: <i>"Não, porque tenho com quem fazer muita coisa."</i>
GC: <i>"Não, porque assim podem-me raptar."</i>
JT: <i>"Não, porque eu gosto de brincar com os outros."</i>
JS: <i>"Não, porque eu assim não posso brincar com os meus amigos."</i>
MV: <i>"Sim, porque assim ninguém me chateava."</i>
MM: <i>"Não, porque podemos não ter amigos e quando crescermos vamos sentir-nos sós."</i>
MT: <i>"Não, porque assim não tenho com quem brincar nem falar."</i>

**Figura 15 – Respostas crianças com níveis altos de bem-estar e implicação**

Enquanto na figura 14 as crianças se dividiram entre as respostas afirmativas e negativas à questão apresentada, na figura 15 apenas uma criança referiu que gostaria de viver completamente só. As justificações das crianças que responderam

afirmativamente à questão devem-se sobretudo, à possibilidade de fazerem tudo o que quisessem, sem terem regras a cumprir. No caso das respostas negativas, as suas justificações tiveram que ver com o medo da completa solidão, pois não teriam com quem falar e brincar.

Analisando o questionário final de auto-avaliação do projeto “CRESCER...Comigo e com os outros!” é possível perceber que as crianças gostaram, visto que não existiram comentários negativos.

O grupo percebeu com facilidade que o projeto abordava os seus comportamentos para com os outros, e sentiu que havia necessidade de melhorar certos aspetos nesse domínio. Compreenderam que as suas atitudes com os outros, por vezes não são as melhores e que isso influencia a forma como os outros nos vêm e se aproximam. No geral, reconheceram que a amizade é um sentimento complexo, que depende bastante das nossas atitudes para com os outros.

## **5.7. CONCLUSÕES**

Terminada a análise dos dados, importa agora refletir sobre os resultados obtidos, bem como sobre os métodos utilizados.

Partimos do princípio que os níveis de bem-estar emocional e de implicação das crianças revelariam a forma como cada criança experiencia o seu contexto, de uma forma mais ou menos positiva, sendo que o grau de satisfação experienciado teria efeitos na abertura das crianças para se colocarem na perspetiva dos outros e assumirem comportamentos socialmente mais adequados.

Ao longo do desenvolvimento deste projeto, o grupo de crianças com níveis mais baixos de bem-estar e implicação foi o mais reservado na sua participação, nos seus comentários e na sua abertura para com os colegas. No entanto, não deixaram de demonstrar interesse nas atividades propostas, e manifestaram-se sem reservas nas respostas dadas por escrito.

A sessão na qual se obteve um maior sucesso foi a sessão n.º 2, na qual falamos das emoções. Durante esta sessão, as crianças por mim analisadas, demonstraram um enorme empenho e motivação nas tarefas propostas, bem como se manifestaram de forma descontraída e muito ativa. Penso que, no decorrer desta sessão, o grupo de crianças com baixos níveis de bem-estar e implicação se destacou positivamente pela sua energia.

Para além do trabalho desenvolvido nas sessões específicas, procurámos desenvolver atividades e envolver as crianças em dinâmicas suscetíveis de promoverem competências sociais, inseridas nas rotinas escolares normais das crianças, penso que foi bem conseguido.

Nesse sentido, tentámos desde cedo criar estratégias que possibilitassem o trabalho entre pares ou em grande grupo, as quais fossem transversais a todas as áreas curriculares da turma. Para isso, apostamos sobretudo na realização de jogos didáticos, construção de materiais para a sala de aula com divisão conjunta de tarefas, leituras de obras em pares, resolução de tarefas em grupo, trabalhos manuais e sua organização em grupo.

Para além disso, incentivamos as crianças a ajudarem-se mutuamente na realização de tarefas, sendo que os alunos que terminavam com sucesso uma determinada tarefa individual poderiam ajudar os restantes. Desta forma, possibilitamos um maior envolvimento entre todas as crianças o que lhes despertou um maior sentido de entajuda e sensibilidade para com o outro.

Percecionamos a evolução das crianças, no sentido em que inicialmente era um pouco complicado a junção de algumas crianças, pois estas manifestavam muita relutância no trabalho conjunto. No entanto, com o passar do tempo e adequação dos métodos utilizados, as crianças começaram a revelar alegria e motivação na realização de tarefas em grupo, tomando a iniciativa de ajudarem os colegas e a sentirem-se bem com os outros.

A formação dos grupos era realizada de forma a juntar as crianças com baixos níveis de bem-estar e implicação com crianças com níveis altos de bem-estar e implicação. Esta abordagem surgiu de forma espontânea, na medida em que eram

as próprias crianças a escolherem os elementos do seu grupo, sem nunca terem demonstrado qualquer tipo de relutância em ficarem com A ou B.

Assim, ao longo de todo o tempo de estágio, foi possível ir identificando um maior número de comportamentos sociais positivos adotados pelas crianças que demonstraram níveis altos de bem-estar e implicação, aquando da interação com os colegas. Estas foram demonstrando uma maior receptividade ao contexto e disponibilidade para interagir com os outros, evidenciando comportamentos simpáticos para com as outras crianças. As crianças mais preocupantes, por sua vez, e a pouco e pouco, sentiam-se mais à vontade para expressar os seus sentimentos, adotando uma atitude mais assertiva no grupo. Para além disso, estas crianças, gradualmente, mostraram-se mais confiantes e implicadas na realização das tarefas que lhes propúnhamos. As crianças foram integrando no seu quotidiano comportamentos adequados, verificando-se no grupo vários momentos de interação e cooperação saudáveis.

Em paralelo com as sessões gerais e a sua rotina escolar diária, criámos o blog (<http://crescercomigoecomososoutros.blogspot.com/>), no qual expúnhamos a toda a comunidade escolar o trabalho desenvolvido, com o intuito de partilhar a temática da competência social e a criação de um espaço aberto a sugestões, ideias e comentários.

Penso que foi uma estratégia bastante bem conseguida da nossa parte, que nos possibilitou fazer um diário semanal, com a intenção de partilhar e darmos a conhecer a todos os que nos quisessem visitar, o nosso trabalho. A reação das crianças da turma ao blog foi extremamente positiva. Recebemos bastantes visitas e comentários, que percebemos serem escritos com a ajuda dos seus encarregados de educação, o que nos revelou que estes também se encontravam interessados. Apesar de a divulgação ter sido grande, gostaríamos de ter tido uma maior afluência ao nosso blog, por parte dos restantes professores do contexto, bem como de toda a comunidade escolar, tendo em vista a divulgação da temática.

Para além do blog, foi criada uma caixa do correio, que se manteve na sala de aula, com o objetivo de estreitar as relações existentes entre as crianças e de alargar a sua comunicação a todo o grupo. Esta revelou-se um instrumento precioso

para avaliar as relações existentes entre o grupo, bem como de identificar as crianças mais populares e as mais rejeitadas.

Foi uma estratégia aceite pelo grupo com muito entusiasmo, a qual na primeira semana se encontrava repleta de cartas, que eram ansiadas pelas crianças a cada segunda-feira.

O nosso entusiasmo tornava-se maior a cada dia e a professora titular apoiava-nos nas nossas escolhas e decisões. De acordo com a sua opinião, este projeto era fundamental para esta turma, tendo em conta a caracterização comportamental destas crianças os conflitos e competitividade constantes entre os elementos.

Com o projeto “CRESCER...Comigo e com os outros!”, entre outros objetivos, procurámos que as crianças refletissem sobre as suas características individuais, manifestando um sentimento positivo de identidade, reconhecendo e aceitando as suas capacidades e dificuldades.

Reconhecemos que existiu, de facto, na generalidade das crianças uma progressão positiva neste sentido. Contudo, apercebemo-nos igualmente, que seria necessário mais tempo, para explorar e aprofundar a reflexão. Especialmente no grupo com baixos níveis de bem-estar e implicação, verificámos persistir um sentimento pouco positivo acerca de si próprias.

Procurámos estabelecer um clima onde as crianças pudessem expressar as suas necessidades, emoções e sentimentos de forma adequada. Este foi conseguido ao longo de todas as sessões, mas especialmente nas sessões n.º 2 e 3, nas quais podemos refletir sobre as suas emoções, tentando abordar não só os sentimentos positivos, mas também os sentimentos mais negativos.

Procurámos, ainda, que as crianças se apercebessem do que é viver em sociedade e das responsabilidades que todos os cidadãos têm uns para com os outros. Neste caso, atendendo às respostas dadas, as crianças parecem entender as várias responsabilidades de um cidadão, tal como o respeito que devem ter pelas pessoas. No entanto, entendem essa responsabilidade como atitude a ter em relação às pessoas que conhecem e que merecem esse respeito. Não o entendem como um



dever e um direito de qualquer indivíduo da sociedade. Sendo assim, penso que estas questões deveriam continuar a ser trabalhadas.

Era, ainda, nosso objetivo, que as crianças contribuíssem para o funcionamento e aprendizagem do grupo, partilhando ideias, perspectivas e saberes e reconhecendo o contributo dos outros; que, perante opiniões diferentes das suas, escutassem, questionassem e argumentassem, procurando chegar a conclusões e que manifestassem respeito pelas necessidades, sentimentos e opiniões dos outros. Mais uma vez, destaco a elevada participação, nos vários debates, do grupo que apresentava níveis mais elevados de implicação e bem-estar, sendo que as restantes crianças se mantinham mais reservadas, mas igualmente atentas, face às opiniões geradas. No entanto, penso que esta estratégia foi muito interessante, uma vez que as crianças contribuíram com opiniões muito pertinentes e respeitaram as diferentes ideias surgidas pelos outros.

O nosso objetivo ao recorrer à abordagem da Filosofia para Crianças deveu-se sobretudo, à possibilidade de estimular a capacidade de verbalização de ideias das crianças, bem como, de organizarem o seu pensamento e questionarem-se criticamente. Penso que as crianças se familiarizaram muito facilmente com a estratégia escolhida e souberam organizar o seu pensamento de uma forma muito coerente. No entanto, dada a idade e o curto espaço de tempo, no sentido de as crianças desenvolverem o seu questionamento crítico de forma mais consistente, necessitarão de mais experiências de discussão e de tomadas de posição.

O desenvolvimento do projeto neste contexto foi muito pertinente e apesar de alguns dos objetivos estabelecidos inicialmente, não terem sido atingidos, plena e conscientemente, denotamos que as crianças evoluíram nas suas relações com os outros e no comportamento adotado perante as mais diversas situações. As crianças com baixos níveis de bem-estar e implicação, crianças mais preocupantes, continuaram a ser mais reservadas e inseguras, demonstrando alguns sinais de mal-estar emocional.

Sendo o desenvolvimento de competências sociais essencial no sucesso escolar e pessoal das crianças, será muito pertinente dar continuidade ao projeto para que no futuro surjam mudanças comportamentais mais duradouras.

## **6. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Quando iniciei esta nova etapa tinha a percepção que seria um período bastante trabalhoso, onde teria que dar o melhor de mim com muito empenho e dedicação, na medida em que queria que tudo corresse da melhor forma.

A primeira abordagem ao contexto foi realizada com a utilização do SAC, que nos ajudou a perceber a realidade do contexto, bem como as características das crianças com as quais desenvolvemos este projeto. Tivemos, desta forma, oportunidade de perscrutar os interesses de cada criança, bem como, as suas expectativas, para assim, conseguirmos melhorar as nossas intervenções, tendo em vista a concretização de experiências positivas que fossem ao encontro dos seus interesses.

Com este projeto, queríamos sobretudo, desenvolver os níveis de competência social do grupo de crianças, aumentando a sua consciência e compreensão face aos sentimentos do outro, para que os tivessem em consideração nas ações que tomam e igualmente, melhorar os seus níveis de bem-estar e implicação, proporcionando-lhes estratégias adequadas às suas capacidades e preferências.

Para isso, investimos significativamente em estratégias que envolvessem o trabalho de grupo e de pares, pois estas crianças revelavam alguma dificuldade em interagir de forma harmoniosa e eficaz.

Ao longo das diversas sessões desenvolvemos a temática da competência social com recurso à Filosofia para Crianças, nas quais utilizamos principalmente jogos de pergunta/resposta, diálogo e discussão de temas em grupo, jogos com recurso à caixa das emoções e a elaboração do blog aberto a toda a comunidade escolar. A escolha das estratégias teve como intenção, o desenvolvimento da sensibilidade das crianças para com as atitudes demonstradas com os outros, os seus comportamentos nas mais diversas situações e a revelação de sentimentos de amizade e consideração para com os colegas.

As sessões correram bastante bem e obtivemos por parte do grupo, um feedback muito interessante, com comentários e respostas realmente surpreendentes.

Penso que, os professores têm um papel determinante na formação de atitudes sociais positivas ou negativas na sala de aula, cabendo-lhes assegurar o bem-estar, despertar a curiosidade, desenvolver a autonomia e criar as condições necessárias para o sucesso da educação.

Nas intervenções realizadas tentei sempre não me esquecer que a criança é o centro de tudo e o professor aparece como um suporte indispensável mas menos visível e com grandes responsabilidades na sua educação e formação. Desta forma, posso concluir que esta nova etapa da minha vida em muito contribuiu para o meu crescimento profissional pois o desenvolvimento deste projeto inserido no estágio curricular possibilitou-me uma aprendizagem permanente e importante para a minha formação profissional. Fico feliz por ter contribuído para a evolução destas crianças, pois isso reflete a minha própria evolução.

## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### 7.1. BIBLIOGRAFIA

- Arada, Jorge Daniel. Machado, Celeste Maria. (2008/2011). Projeto Educativo – Colégio D. José I. Santa Joana, Aveiro.
- Bell, Judith. (1993). *Como realizar um Projeto de Investigação – Um guia para a pesquisa em ciências sociais e da educação*. Lisboa. Gradiva.
- Boavida, João. (1991). *Filosofia – do Ser e do Ensinar. Proposta para uma nova abordagem*. Centro de Psicopedagogia da Universidade de Coimbra. Coimbra. Instituto Nacional de Investigação Científica.
- Bodgan, Robert. Biklen, Sari. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Coleção Ciências da Educação. Porto. Porto Editora.
- Borger, Robert. Seaborne, A. E. M. (1974). *A Psicologia da Aprendizagem*. Editora Ulisseia.
- Brenifier, Oscar. (2006). *O que é viver em sociedade?. Filosofia para Crianças*. Lisboa: Dinalivro.
- Brenifier, Oscar. (2005). *O que são o bem e o mal?. Filosofia para Crianças*. Lisboa: Dinalivro.
- Brenifier, Oscar. (2006). *Quem sou eu?. Filosofia para Crianças*. Lisboa: Dinalivro.
- Brenifier, Oscar. (2005). *O que são os sentimentos? Filosofia para Crianças*. Lisboa: Dinalivro.
- Bullock, M. Lyndal, Gable, A. Robert, Rutherford, Robert B., Rutherford Jr. (1996). *Improving the Social Skills of Children and Youth with Emotional / Behavioral Disorders*. United States of America. Council for Children with Behavioral Disorders (CCBD).
- Estrela, Albano e Ferreira, Júlia. (2001). *Investigação em Educação (Métodos e Técnicas)*. Lisboa. Educa.
- Guerra, Miguel Santos. (2003). *Aprender a conviver na Escola*. Porto. Asa Editores, S.A.

- Kog, M., Moons, J. & Depondt, L. (1994). *A box full of feelings*. Leuven: Publicações CEGO.
- Lopes, J., Rutherford, R., Cruz, C., Mathur, S. & Quinn, M. (2006). *Competências sociais. Aspectos comportamentais emocionais e de aprendizagem*. Psiquilíbrios.
- Martins, Gilberto de Andrade. (2006). *Estudo de Caso – Uma Estratégia de Pesquisa*. São Paulo, Brasil. Editora Atlas.
- Portugal, G. & Laevers, F. (2010). *Avaliação em Educação Pré-Escolar. Sistema de Acompanhamento das crianças*. Porto: Porto Editora.
- Sharp, Ann Margaret. (2008). *Hospital das Bonecas. Programa Filosofia para Crianças*. Lisboa: Dinalivro.
- Sharp, Ann Margaret. Splitter, Laurance Joseph. (2008). *Compreendendo o meu mundo. Manual do Professor para o Hospital das Bonecas*. Programa Filosofia para Crianças. Lisboa: Dinalivro.
- Sheppy, Sue. (2010). *Personal, Social and Emotional Development in the Early Years Foundation Stage – Practical guidance in the EYFS*. New York, USA. Routledge.
- Stratton, C. (1999). *How to Promote Children's Social and Emotional Competence*. London: Paul Chapman Publishing Ltd.

## 7.2. DOCUMENTOS OFICIAIS

- Ministério de Educação (2001). Decreto-Lei n.º 240/2001, de 30 de Agosto (Perfil geral de desempenho profissional do educador de infância e dos professores dos ensinos básico e secundário);
- Ministério de Educação (2001). Decreto-Lei n.º 241/2001, de 30 de Agosto (Perfis específicos de desempenho profissional do educador de infância e do professor do 1.º ciclo do ensino básico);
- Ministério da Educação (ed.). (2001). *Currículo Nacional do Ensino Básico. Competências essenciais*. Lisboa: ME.

### 7.3. WEBGRAFIA

- Adolfo Pizzinato & Jorge Castellá Sarriera. (2003). **Competência Social Infantil: Análise Discriminante entre Crianças Imigrantes e Não Imigrantes no Contexto Escolar de Porto Alegre**. Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil. [consultado em 3 Abril 2011]. Disponível em WWW:URL: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v8n2/v8n2a11.pdf>>;
- Amy G. Halberstadt, Susanne A. Denham, Julie C. Dunsmore. (2001). **Affective Social Competence**. Department of psychology. North Carolina State University. United States of America. [consultado em 1 Março 2012]. Disponível em WWW:URL: <http://www.isce.vt.edu/files/ASC%20target.pdf>>;
- Ana Maria Sarmiento Coelho. (2004). **Educação e Cuidados em Creche – Conceptualizações de um grupo de educadoras**. Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para a obtenção do grau de Doutor. Aveiro. [consultado em 4 Abril 2011]. Disponível em WWW:URL: [http://www.esec.pt/cdi/ebooks/DOCENTES/A\\_Coelho/Tese.pdf](http://www.esec.pt/cdi/ebooks/DOCENTES/A_Coelho/Tese.pdf)>;
- Arménio Martins Fernandes. (2006). **Projecto SER MAIS – Educação para a sexualidade online**. Universidade de Coimbra. [consultado em 9 Dezembro 2011]. Disponível em WWW:<URL: [http://nautilus.fis.uc.pt/cec/teses/armenio/TESE\\_Armenio/TESE\\_Armenio/vti\\_cnf/TESE\\_Armenio\\_web/cap3.pdf](http://nautilus.fis.uc.pt/cec/teses/armenio/TESE_Armenio/TESE_Armenio/vti_cnf/TESE_Armenio_web/cap3.pdf)>;
- B. A. Gatti. (1997). **Habilidades cognitivas e competências sociais**. Laboratorio Latinoamericano de Evaluación de la calidad de la educación. UNESCO. [consultado em 3 Abril 2011]. Disponível em WWW:<URL: <http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001836/183655por.pdf>>;
- Carmo Rocha & Ana Maria Morais. (1999). **Desenvolver competências sociais nos primeiros anos da escola: Uma inovação possível**. Centro de Investigação em Educação Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. [consultado em 3 Abril 2011]. Disponível em WWW:<URL: [http://essa.ie.ul.pt/ficheiros/artigos/revistas\\_com\\_revisao\\_cientifica/1999\\_desenvolvercompetenciassociais.pdf](http://essa.ie.ul.pt/ficheiros/artigos/revistas_com_revisao_cientifica/1999_desenvolvercompetenciassociais.pdf)>;

- Cidália Araújo, Emília Pinto, José Lopes, Luís Nogueira, Ricardo Pinto. (2008). **Estudo de Caso**. Instituto de Educação e Psicologia. Universidade do Minho. [consultado em 27 Fevereiro 2012]. Disponível em WWW:<URL: [http://grupo4te.com.sapo.pt/estudo\\_caso.pdf](http://grupo4te.com.sapo.pt/estudo_caso.pdf)>;
- Daniela Gonçalves & Cláudia Azevedo. (2006). **O valor e a utilidade da filosofia para crianças. Cadernos de estudo**. Porto: ESSE de Paula Frassinetti. [consultado em 8 Janeiro 2012]. Disponível em WWW:<URL: [http://repositorio.esepf.pt/bitstream/handle/10000/58/Cad4\\_FilosofiaDaniela.pdf?sequence=1](http://repositorio.esepf.pt/bitstream/handle/10000/58/Cad4_FilosofiaDaniela.pdf?sequence=1)>;
- Dina Mendonça. (2008). **A Filosofia para Crianças**. UNL. [consultado em 9 Janeiro 2011]. Disponível em WWW:<URL: <http://www.portaldacrianca.com.pt/artigosa.php?id=71>>;
- Dina Mendonça, Maria João Lourenço, Filipe Marques da Finseca. (2010). **Brincar a pensar**. Lisboa. [consultado em 9 Janeiro 2011]. Disponível em WWW:<URL: <http://www.brincarapensar.pt/fpc/que>>;
- Edite Gonçalves, Lurdes Sá, Maria Caldeira. (2004/2005). **Estudo de Caso. Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa**. [consultado em 22 Fevereiro 2012]. Disponível em WWW:<URL: <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/ichagas/mi1/editemcaldeialurdesestcaso.pdf>>;
- GPAP – Gabinete de Psicologia e Apoio Psicopedagógico. (2007) **Competências Sociais**. Serviços Médicos e Sociais da Universidade do Algarve. [consultado em 7 Maio 2011]. Disponível em WWW:<URL: <http://www.sas.ualg.pt/sasgpap/csociais.htm>>;
- Helena Ferreira. (2000). **A competência social no contexto escolar. Um estudo da interface entre a competência social e a realização académica da criança**. Universidade do Porto. [consultado em 22 Maio 2011]. Disponível em WWW:<URL: <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/49923/2/70116.pdf>>;
- Joana Carriço, Joana Costa, Marisa Martins, Patrícia Garcia. (2008). **O Estudo de Caso. Investigação em Educação II**. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação. Universidade de Lisboa. [consultado em 27 Fevereiro 2012].

- Disponível em WWW:<URL: <http://www.slideshare.net/calaisgarcia/o-estudo-de-caso>>;
- João Pedro da Ponte. (2006). **Estudos de Caso em Educação Matemática**. Centro de Investigação em Educação e Departamento de Educação da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. [consultado em 27 Fevereiro 2012]. Disponível em WWW:<URL: [http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/jponte/docs-pt/06-Ponte%20\(Estudo%20caso\).pdf](http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/jponte/docs-pt/06-Ponte%20(Estudo%20caso).pdf)>;
  - José B. Duarte. (2008). **Estudos de caso em Educação. Investigação em profundidade com recursos reduzidos e outro modo de generalização**. Revista Lusófona de Educação. [consultado em 22 Fevereiro 2012]. Disponível em WWW:<URL: <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/rle/n11/n11a08.pdf>>;
  - Lisandra Fernandes & Maurília Gonçalves. (2007). **Promoção de Competências Sociais em Contexto Escolar**. [consultado em 2 Abril 2011]. Disponível em WWW:<URL: <http://pt.scribd.com/doc/48560192/Promocao-de-Competencias-Sociais-em-Contexto-Escolar>>;
  - Marina Serra de Lemos & Helena Isabel Meneses. (2002). **A Avaliação da Competência Social**. Universidade do Porto. [consultado em 2 Abril 2011]. Disponível em WWW:<URL: <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v18n3/a05v18n3.pdf>>;
  - Maurice J. Elias. (2003). **Academic and social-emotional learning**. International Academy of Education, Belgium. International Bureau of Education, Switzerland. UNESCO. [consultado em 1 de Março 2012]. Disponível em WWW:<URL: [http://www.ibe.unesco.org/fileadmin/user\\_upload/archive/publications/EducationalPracticesSeriesPdf/prac11e.pdf](http://www.ibe.unesco.org/fileadmin/user_upload/archive/publications/EducationalPracticesSeriesPdf/prac11e.pdf)>;
  - Ramiro Marques. **O Ensino dos Valores em Kohlberg**. Instituto Politécnico de Santarém. Santarém. [consultado em 27 de Maio 2012]. Disponível em WWW:<URL: <http://www.eses.pt/usr/ramiro/Kohlberg.htm>>;
  - Sandra Silva. (2010). **Relatório Final de Estágio apresentado à Escola Superior de Educação de Bragança**. Bragança. [consultado em 2 de Março 2012]. Disponível em WWW:<URL:



<http://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/3583/1/relatorio%20final,%20sandra%20silva.pdf>>;

- Sônia Afonso, Andréia Saugo, Lia Geovana Sala. (2008). **Estudo de Caso. Planejamento e Métodos.** Universidade Federal de Santa Catarina. Brasil. [consultado em 27 Fevereiro 2012]. Disponível em WWW:<URL: <http://soniaa.arq.prof.ufsc.br/arg1001metodologiacinetificaaplicada/met2008/yin.pdf>>;
- UNESCO. (2007). **Philosophy – A School of Freedom. Teaching Philosophy and learning to Philosophize.** Social and Human Sciences Sector. France. [consultado em 1 Março 2012]. Disponível em WWW:<URL: <http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001541/154173e.pdf>>.

## 8. ANEXOS

### 8.1. ANEXO 1 – Conceitos de implicação e bem-estar e respetivas escalas de avaliação (Portugal e Laevers, 2010)

**Bem-estar emocional:** Estado particular de sentimentos que pode ser reconhecido pela satisfação e prazer, enquanto a pessoa está relaxada e expressa serenidade interior, sente a sua energia e vitalidade e está acessível e aberta ao que a rodeia. Isto porque a situação conjuga-se com as suas necessidades, a pessoa tem um autoconceito positivo e está bem consigo própria. Em resultado: a sua saúde emocional está garantida.

#### **Níveis de bem-estar emocional:**

**Baixo** – A criança nunca ou raramente se sente feliz; nunca ou quase nunca desfruta do contexto educativo; está intranquila ou tensa; é pouco aberta e espontânea; é vulnerável e pouco flexível; tem falta de confiança em si mesma; nunca ou quase nunca se sente à vontade.

**Moderado ou Médio** – A criança, em geral não está nem feliz nem infeliz; de vez em quando parece desfrutar de alguma coisa; por vezes está intranquila ou tensa; por vezes é aberta e espontânea; por vezes é vulnerável; tem confiança limitada; por vezes sente-se à vontade, ousando ser ela própria.

**Alto** – A criança, sempre ou quase sempre está à vontade, sente-se bem e feliz; desfruta bem do programa educativo em oferta; sempre ou quase sempre irradia tranquilidade; sempre ou quase sempre está aberta e é espontânea e flexível; é capaz de se defender; denota confiança em si mesma.

**Implicação:** Qualidade da atividade humana que pode ser reconhecida pela concentração e persistência, caracterizando-se por motivação, interesse e fascínio, abertura aos estímulos, satisfação e um intenso fluxo de energia. É determinada pela necessidade de exploração e pelo nível de desenvolvimento. Em resultado, o desenvolvimento acontece.

**Níveis de implicação:**

**Baixo** – A criança nunca ou quase nunca está concentrada; desliga ou distrai-se facilmente; está sempre ou quase sempre desmotivada ou desinteressada; nunca ou quase nunca está mentalmente ativa; nunca ou quase nunca realiza uma atividade com prazer evidente; limita-se a utilizar as suas competências atuais.

**Moderado ou Médio** – A concentração é mediana; por vezes custa-lhe prestar atenção; não está verdadeiramente motivada ou interessada; tem uma atividade mental pouco intensa; não desfruta inteiramente das atividades; não mobiliza completamente as suas competências.

**Alto** – Muitas vezes denota concentração; não se distrai facilmente e persiste na atividade; muitas vezes está motivada e interessada; é mentalmente ativa, com intensidade; desfruta plenamente das atividades e explorações; funciona no limite mais elevado das suas atuais capacidades.

## 8.2. ANEXO 2 – Descritivo da sessão n.º 1

Sessão	Data	Hora	Nome da sessão
N.º 1	24 de outubro de 2011	9h00 – 10h30	<i>“Quem sou eu?”</i>

### 1.ª Atividade:

Utilização da estratégia de confronto de perguntas e obtenção de respostas. Realizada em grande grupo, com recurso a um PowerPoint.

As perguntas foram colocadas, e cada criança registou a sua opinião. Depois, foram expostas várias situações hipotéticas, sendo que as crianças poderiam concordar ou não com estas. Foi realizado um debate com as várias opiniões e reflexões feitas.

#### **1.ª Pergunta:** Quem sou eu... és um animal?

##### Situações colocadas:

- Sim, porque respiro, alimento-me e posso reproduzir-me... como todos os animais.  
Sim, mas... As plantas também não se reproduzem?  
Sim, mas... O homem pode decidir não se alimentar?  
Sim, mas... O homem vive só para respirar, comer e reproduzir-se?  
Sim, mas... O teu cão sabe que respira?
- Sim, porque no início éramos macacos.  
Sim, mas... Ficamos para sempre iguais ao que já fomos?  
Sim, mas... Podes casar com um macaco?  
Sim, mas... Os macacos de hoje vão tornar-se homens?  
Sim, mas... Podemos saber com segurança o que existia há milhões de anos?
- Não, porque sou inteligente.  
Sim, mas... És inteligente o tempo todo?  
Sim, mas... Basta ser inteligente para não ser um animal?  
Sim, mas... Já discutiste com um golfinho para saber se ele é inteligente?  
Sim, mas... Se não fores inteligente, és um animal?
- Não, porque eu falo.  
Sim, mas... Os animais não possuem todos a sua linguagem própria?  
Sim, mas... Os papagaios não falam como os homens?  
Sim, mas... Um bebé na barriga da mãe é um animal?  
Sim, mas... Quando se é muito falador, é-se mais humano?
- Não, porque quando eu morrer vão enterrar-me num cemitério.  
Sim, mas... Isso torna a tua morte diferente da de um animal?  
Sim, mas... Que significado tem o facto de enterrar os mortos?  
Sim, mas... Não é humano legar o corpo à ciência?

Sim, mas... Por vezes os homens não enterram os animais?

**2.ª Pergunta:** Quem sou eu... és igual aos outros?

Situações colocadas:

- Sim, porque tenho dois olhos, duas orelhas, uma boca... como toda a gente.  
Sim, mas... Todos os olhos são parecidos?  
Sim, mas... Todas as bocas gostam de comer a mesma coisa?  
Sim, mas... E se deixasses de ter nariz, serias diferente?  
Sim, mas... E se tivesses dois olhos que não pudessem ver, serias diferente?
- Não, porque alguns são mais pobres do que eu.  
Sim, mas... Os pobres não têm nada a ver contigo?  
Sim, mas... Para ser rico basta ter dinheiro?  
Sim, mas... Como é que se pode saber se se é rico ou pobre?
- Não, porque sou um rapaz... e também há raparigas.  
Sim, mas... Entre os rapazes e as raparigas só existem diferenças?  
Sim, mas... Raparigas e rapazes têm de ser parecidos para poderem gostar uns dos outros?  
Sim, mas... Podes ter mais coisas em comum com uma rapariga do que com um rapaz?  
Sim, mas... Uma rapariga que se parece com um rapaz deixa de ser uma rapariga?
- Sim, porque sou normal.  
Sim, mas... Quem decide o que é ou não normal?  
Sim, mas... Ser normal é ser como os outros?  
Sim, mas... Como é que podemos parecer-nos com os outros, se eles são todos diferentes?  
Sim, mas... Devemos procurar ser como os outros, ou tentar sermos nós próprios?
- Não, porque eu sou eu.  
Sim, mas... Não há em ti também qualquer coisa dos outros?  
Sim, mas... Sabes sempre quem és?  
Sim, mas... És todos os dias a mesma pessoa?  
Sim, mas... Às vezes, preferias parecer-te com outra pessoa qualquer?

**3.ª Pergunta:** Quem sou eu... Gostas de te ver ao espelho?

Situações colocadas:

- Sim, porque sou bonito.  
Sim, mas... Achas-te bonito sempre que olhas para ti?  
Sim, mas... A beleza é sempre visível?

Sim, mas... És bonito ou achas-te bonito?

Sim, mas... Achas-te bonito porque gostas de ti?

- Não, porque só vejo os meus defeitos.

Sim, mas... Porque é que não vês também as tuas qualidades?

Sim, mas... Existe alguém que não tenha defeitos?

Sim, mas... O que consideras defeitos não será aquilo que te distingue dos outros?

Sim, mas... Gostas das outras pessoas, apesar dos defeitos delas?

- Sim, para ver como sou realmente.

Sim, mas... Tu és realmente o que aparece no espelho?

Sim, mas... Como fazem os cegos para saber quem são?

Sim, mas... Não podes ter uma aparência simpática e seres, na verdade, mau?

Sim, mas... Não gostas de fazer caretas horríveis ao espelho?

- Sim, quando estou bem vestido.

Sim, mas... A tua roupa diz quem tu és?

Sim, mas... Passamos a ser feios se estivermos mal vestidos?

Sim, mas... Os teus gostos em matéria de roupa não variam com a moda?

Sim, mas... Gostas mais de olhar para a tua roupa do que olhar para ti?

- Não, porque no espelho só vejo a minha aparência.

Sim, mas... Não precisas de ver o que os outros vêem em ti?








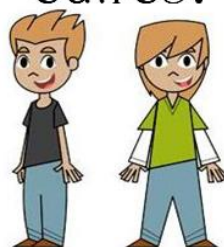
Sim, mas... Não devemos aceitar a nossa aparência?

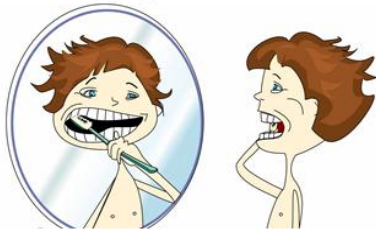

Sim, mas... Podias conhecer os outros se eles não tivessem uma aparência?

### **2.ª Atividade:**

Cada criança escreveu num papel três coisas acerca de si próprio.

8.3. ANEXO 3 – Powerpoint da sessão n.º 1

<p><b>CRESCER... Comigo e com os Outros!</b></p> <p><b>Quem sou eu?</b></p> <p>24 de outubro de 2011</p> 	<p>... És um animal?</p> 
<p>... És um animal?</p> <p><b>O Ulisses respondeu...</b></p>  <p>Sim, porque respiro, alimento-me e posso reproduzir-me... Como todos os animais.</p> <p>Concordam?</p>	<p>... És um animal?</p> <p><b>A Sara respondeu...</b></p>  <p>Sim, porque no início éramos macacos.</p> <p>Concordam?</p>
<p>... És um animal?</p> <p><b>O Rodrigo respondeu...</b></p>  <p>Não, porque sou inteligente.</p> <p>Concordam?</p>	<p>... És um animal?</p> <p><b>A Mariana respondeu...</b></p>  <p>Não, porque eu falo.</p> <p>Concordam?</p>
<p>... És um animal?</p> <p><b>O Miguel respondeu...</b></p>  <p>Não, porque quando eu morrer vão enterrar-me num cemitério.</p> <p>Concordam?</p>	<p>... És igual aos outros?</p> 

<p>... És igual aos outros?</p> <p>O Ulisses respondeu...</p>  <p>Sim, porque tenho dois olhos, duas orelhas, uma boca... como toda a gente.</p> <p>Concordam?</p>	<p>... És igual aos outros?</p> <p>A Sara respondeu...</p>  <p>Não, porque alguns são mais pobres do que eu.</p> <p>Concordam?</p>
<p>... És igual aos outros?</p> <p>O Rodrigo respondeu...</p>  <p>Não, porque sou um rapaz... e também há raparigas.</p> <p>Concordam?</p>	<p>... És igual aos outros?</p> <p>A Mariana respondeu...</p>  <p>Sim, porque sou normal.</p> <p>Concordam?</p>
<p>... És igual aos outros?</p> <p>O Miguel respondeu...</p>  <p>Não, porque eu sou eu.</p> <p>Concordam?</p>	<p>... Gostas de te ver ao espelho?</p> 
<p>... Gostas de te ver ao espelho?</p> <p>O Ulisses respondeu...</p>  <p>Sim, porque sou bonito.</p> <p>Concordam?</p>	<p>... Gostas de te ver ao espelho?</p> <p>A Sara respondeu...</p>  <p>Não, porque só vejo os meus defeitos.</p> <p>Concordam?</p>



<p>... Gostas de te ver ao espelho?</p> <p>O Rodrigo respondeu...</p>  <p>Sim, para ver como sou realmente.</p> <p>Concordam?</p>	<p>... Gostas de te ver ao espelho?</p> <p>A Mariana respondeu...</p>  <p>Sim, quando estou bem vestida.</p> <p>Concordam?</p>
<p>... Gostas de te ver ao espelho?</p> <p>O Miguel respondeu...</p>  <p>Não, porque no espelho só vejo a minha aparência.</p> <p>Concordam?</p>	<p><b>CRESCER... Comigo e com os Outros!</b></p> <p>Vamos crescer juntos nas nossas atitudes?</p>

#### 8.4. ANEXO 4 – Descritivo da sessão n.º 2

Sessão	Data	Hora	Nome da sessão
N.º 2	31 de outubro de 2011	9h00 – 10h30	“As emoções”

Ao longo desta sessão, o recurso utilizado foi a caixa de emoções. Esta pretende ajudar as crianças a:

- Ficarem mais próximas do que se passa dentro delas;
- Reconhecerem as emoções e sentimentos;
- Dar-lhes um nome;
- Diferenciá-los, aos seus próprios sentimentos e aos dos outros;
- Identificar emoções através de sinais físicos;
- Aceitar os seus próprios sentimentos.

A sessão foi realizada no palco, existente no polivalente do colégio.

Numa grande roda, tivemos uma pequena conversa sobre as emoções sentidas em diversas situações. Para isso, foi utilizada uma roleta, que contém as emoções: feliz, triste, com medo e zangado. Cada aluno, um de cada vez, rodou a roleta e teve de explicitar uma situação em que já se sentiu assim, de acordo com a emoção que a roleta lhe indicou.

Depois disso, foram ouvidas várias músicas, que expressavam diversas emoções. As crianças tentaram descobrir que emoção lhes despertava cada música.

De seguida, foram realizados quatro grupos e foi entregue a cada grupo, um papel, com uma emoção. Cada grupo teve de dramatizar, através de mímica, a emoção correspondente, sendo que as restantes crianças tiveram que adivinhar a emoção que estava a ser representada.

Por fim, apresentámos a “caixa do correio”. Esta foi colocada na sala e cada criança foi convidada a escrever, desenhar, ou expressar-se com alguém da turma, sempre que assim o desejasse, visto a caixa permanecer na sala todos os dias. Todas as segundas-feiras o correio seria distribuído.

### 8.5. ANEXO 5 – Descritivo da sessão n.º 3

Sessão	Data	Hora	Nome da sessão
N.º 3	7 de novembro de 2011	9h00 – 10h30	<i>“O que são os sentimentos?”</i>

#### **1.ª Atividade:**

Utilização da estratégia de confronto de perguntas e obtenção de respostas. Realizada em grande grupo, com recurso a um PowerPoint.

As perguntas foram colocadas, e cada criança registou a sua opinião. Depois, foram expostas várias situações hipotéticas, sendo que as crianças poderiam concordar ou não com estas. Foi realizado um debate com as várias opiniões e reflexões feitas.

#### **1.ª Pergunta:** Porque é que te zangas com aqueles de quem gostas?

##### Situações colocadas:

- Porque se eles me aborrecem, eu defendo-me.
- Porque estou furiosa.
- Porque sou mau.
- Porque isso me faz sentir bem.
- Para resolver problemas.

#### **2.ª Pergunta:** É melhor estar sozinho ou com os amigos?

##### Situações colocadas:

- Prefiro estar sozinho, porque quero estar em paz.
- Prefiro estar sozinha, para pensar na minha vida.
- Prefiro estar com os amigos, porque assim brincamos juntos.
- Prefiro estar sozinho, porque quero guardar os brinquedos só para mim.
- Prefiro estar com os meus amigos, porque gosto muito deles.
- Prefiro estar com os meus amigos, porque não gosto de estar sozinha.

#### **3.ª Pergunta:** Tens medo de falar sozinho em frente da turma?

##### Situações colocadas:

- Não, é engraçado e faço palhaçadas.
- Sim, não gosto que olhem para mim.
- Sim, porque eles são muitos e eu sou só um.
- Sim, porque me posso enganar e ficar com cara de parvo.
- Sim, porque fico corado e começo a gaguejar.

**2.ª Atividade:**

Cada criança foi convidada a escrever num papel, um aspeto positivo e outro negativo acerca do seu par. Esta atividade teve a sua continuidade numa sessão posterior.

8.6. ANEXO 6 – Powerpoint da sessão n.º 3

<p><b>CRESCER... Comigo e com os Outros!</b></p> <p>O que são os sentimentos?</p> <p>7 de novembro de 2011</p> 	<p>... Porque é que te zangas com aqueles de quem gostas?</p> 
<p>... Porque é que te zangas com aqueles de quem gostas?</p> <p><b>O Ulisses respondeu...</b></p>  <p>Porque se eles me aborrecem, eu defendo-me.</p> <p>Concordam?</p>	<p>... Porque é que te zangas com aqueles de quem gostas?</p> <p><b>A Sara respondeu...</b></p>  <p>Porque estou furiosa.</p> <p>Concordam?</p>
<p>... Porque é que te zangas com aqueles de quem gostas?</p> <p><b>O Rodrigo respondeu...</b></p>  <p>Porque sou mau.</p> <p>Concordam?</p>	<p>... Porque é que te zangas com aqueles de quem gostas?</p> <p><b>A Mafalda respondeu...</b></p>  <p>Porque isso me faz sentir bem.</p> <p>Concordam?</p>
<p>... Porque é que te zangas com aqueles de quem gostas?</p> <p><b>O Miguel respondeu...</b></p>  <p>Para resolver problemas.</p> <p>Concordam?</p>	<p>... É melhor estar sozinho ou com os amigos?</p> 

<p>... É melhor estar sozinho ou com os amigos?</p> <p>O Manuel respondeu...</p>  <p>Prefiro estar sozinho, porque quero estar em paz.</p> <p>Concordam?</p>	<p>... É melhor estar sozinho ou com os amigos?</p> <p>A Sara respondeu...</p>  <p>Prefiro estar sozinha, para pensar na minha vida.</p> <p>Concordam?</p>
<p>... É melhor estar sozinho ou com os amigos?</p> <p>O Rodrigo respondeu...</p>  <p>Prefiro estar com os amigos, porque assim brincamos juntos.</p> <p>Concordam?</p>	<p>... É melhor estar sozinho ou com os amigos?</p> <p>O Tó respondeu...</p>  <p>Prefiro estar sozinho, porque quero guardar os brinquedos só para mim.</p> <p>Concordam?</p>
<p>... É melhor estar sozinho ou com os amigos?</p> <p>O Miguel respondeu...</p>  <p>Prefiro estar com os meus amigos, porque gosto muito deles.</p> <p>Concordam?</p>	<p>... É melhor estar sozinho ou com os amigos?</p> <p>A Rafaela respondeu...</p>  <p>Prefiro estar com os meus amigos, porque não gosto de estar sozinha.</p> <p>Concordam?</p>
<p>... Tens medo de falar sozinho à frente da turma?</p> 	<p>... Tens medo de falar em frente à turma?</p> <p>O Luís respondeu...</p>  <p>Não, é engraçado e faço palhaçadas!</p> <p>Concordam?</p>

<p>... Tens medo de falar em frente à turma?</p> <p>O Ulisses respondeu...</p>  <p>Sim, não gosto de que olhem para mim.</p> <p>Concordam?</p>	<p>... Tens medo de falar em frente à turma?</p> <p>O Rodrigo respondeu...</p>  <p>Sim, porque eles são muitos e eu sou só um.</p> <p>Concordam?</p>
<p>... Tens medo de falar em frente à turma?</p> <p>O Igor respondeu...</p>  <p>Sim, porque me posso enganar e ficar com cara de parvo.</p> <p>Concordam?</p>	<p>... Tens medo de falar em frente à turma?</p> <p>O Gustavo respondeu...</p>  <p>Sim, porque fico corado e começo a gaguejar.</p> <p>Concordam?</p>
<p>... Tens medo de falar em frente à turma?</p> <p>A Teresa respondeu...</p>  <p>Não, porque gosto de que eles me oiçam!</p> <p>Concordam?</p>	<p><b>CRESCEM... Comigo e com os Outros!</b></p> <p><b>Vamos crescer juntos nas nossas atitudes?</b></p>



### 8.7. ANEXO 7 – Descritivo da sessão n.º 4

Sessão	Data	Hora	Nome da sessão
N.º 4	14 de novembro de 2011	9h00 – 10h30	<i>“O que são o bem e o mal?”</i>

#### 1.ª Atividade:

Utilização da estratégia de confronto de perguntas e obtenção de respostas. Realizada em grande grupo, com recurso a um PowerPoint.

As perguntas foram colocadas, e cada criança registou a sua opinião. Depois, foram expostas várias situações hipotéticas, sendo que as crianças poderiam concordar ou não com estas. Foi realizado um debate com as várias opiniões e reflexões feitas.

#### **1.ª Pergunta:** Deves ser simpático com os outros?

##### Situações colocadas:

- Sim, se eles forem simpáticos comigo.
  - Sim, mas... Quem é que deve ser simpático primeiro?
  - Sim, mas... Nunca te irritam as pessoas simpáticas?
  - Sim, mas... Podemos ser simpáticos sem o sermos?
  - Sim, mas... Podemos ser simpáticos sem parecer?
- Sim, mesmo que eles não sejam simpáticos comigo.
  - Sim, mas... E se eles te baterem?
  - Sim, mas... É possível ser simpático o tempo todo com toda a gente?
  - Sim, mas... Ajudas os maus sendo simpático com eles?
  - Sim, mas... Porque é que te esforças tanto para ser simpático?
- Sim, assim posso pedir-lhes coisas.
  - Sim, mas... A verdadeira simpatia não será desinteressada?
  - Sim, mas... E se os outros também te pedirem coisas? Vais dá-las só para seres simpático?
    - Sim, mas... Tornas-te mau se não obtiveres aquilo que queres?
    - Sim, mas... Gostas de que as pessoas sejam simpáticas como tu só por interesse?
- Não, porque alguns não gostam de mim.
  - Sim, mas... Devemos ser maus para com aqueles que são maus?
  - Sim, mas... Devemos desconfiar de toda a gente?
  - Sim, mas... Podes encontrar desculpas para aqueles que não gostam de ti?
  - Sim, mas... A professora que te castiga não gosta de ti?
- Só se eu estivesse bem-disposto.



Sim, mas... Tornas-te mau quando estás maldisposto?

Sim, mas... És tu que determinas o teu humor ou é o teu humor que te determina a ti?

Sim, mas... Achas bem teres de suportar o humor dos outros?

- Sim, senão os outros não vão gostar de mim.

Sim, mas... É o receio de desagradar os outros que te torna simpático?

Sim, mas... Podemos por vezes não ser simpáticos com aqueles de quem gostamos?

Sim, mas... É preciso que toda a gente goste de nós?

Sim, mas... Devemos aceitar tudo para que gostem de nós?

Objetivos da pergunta:

- Compreender que os sentimentos e os comportamentos das pessoas são complicados.
- Saber como agir perante os outros e não reagir apenas em função deles.
- Tentar definir o que é a simpatia para lá das aparências.

**2.ª Pergunta:** Deves dizer tudo?

Situações colocadas:

- Não, porque a verdade pode causar discussões.

Sim, mas... Não valerá a pena discutir pela verdade?

Sim, mas... A mentira e o silêncio também não provocam discussões?

Sim, mas... Porque é que a verdade poderia ser desagradável?
- Não, caso isso possa magoar alguém.

Sim, mas... É preferível mentir ou ficar calado?

Sim, mas... Devemos viver na ignorância para não nos magoarmos?

Sim, mas... Pode dizer-se uma coisa desagradável de uma forma simpática?
- Sim, porque posso dizer o que me apetece, pois estamos em democracia.

Sim, mas... Teremos também o direito de dizer tudo o que nos vem à cabeça?

Sim, mas... Será que falamos só por falar?

Sim, mas... Não será importante saber pensar primeiro antes de falar?
- Não, caso tenha prometido guardar segredo.

Sim, mas... Não haverá segredos demasiado pesados para guardarmos?

Sim, mas... E se esse segredo permitir acusar um inocente?

Sim, mas... Porque é que te confiam um segredo se é um segredo?

Sim, mas... Temos o direito de pedir o silêncio a alguém?
- Sim, porque isso me alivia.

Sim, mas... A palavra é suficiente para exprimirmos o que verdadeiramente sentimos?

Sim, mas... Não é melhor guardar alguns pensamentos para nós mesmos?

Sim, mas... E se isso fizer alguém infeliz?

Sim, mas... A mentira ou o silêncio não são por vezes mais confortáveis do que a palavra?

- Não, porque há coisas que só me dizem respeito a mim.

Sim, mas... Não deves partilhar tudo com aqueles que gostas?

Sim, mas... Devemos ter medo ou vergonha de falar sobre nós?

Sim, mas... Quando não dizemos a verdade, podemos estar a esconder coisas de nós mesmos?

Sim, mas... Continuarás a ser tu próprio se disseres tudo aos outros?

Objetivos da pergunta:

- Tomar consciência do que significa a verdade para si e para os outros.
- Pensar na pessoa com quem está a falar e pôr-se no seu lugar.
- Aperceber-se de que as palavras não são o único meio de expressão.

8.8. Anexo 8 – Powerpoint da sessão n.º 4

<p><b>CRESCER... Comigo e com os Outros!</b></p> <p><b>O que são o bem e o mal?</b></p> <p>14 de novembro de 2011</p> 	<p><b>... Deves ser simpático com os outros?</b></p> 
<p><b>... Deves ser simpático com os outros?</b></p> <p><b>O Ulisses respondeu...</b></p>  <p>Sim, se eles forem simpáticos comigo.</p> <p>Concordam?</p>	<p><b>... Deves ser simpático com os outros?</b></p> <p><b>A Sara respondeu...</b></p>  <p>Sim, mesmo que os outros não sejam simpáticos comigo.</p> <p>Concordam?</p>
<p><b>... Deves ser simpático com os outros?</b></p> <p><b>O Rodrigo respondeu...</b></p>  <p>Sim, porque assim posso pedir-lhes coisas.</p> <p>Concordam?</p>	<p><b>... Deves ser simpático com os outros?</b></p> <p><b>A Mafalda respondeu...</b></p>  <p>Não, porque alguns não gostam de mim.</p> <p>Concordam?</p>
<p><b>... Deves ser simpático com os outros?</b></p> <p><b>O Miguel respondeu...</b></p>  <p>Sim, senão os outros não vão gostar de mim.</p> <p>Concordam?</p>	<p><b>... Deves dizer tudo?</b></p> 

<p>... Deves dizer tudo?</p> <p>O Manuel respondeu...</p>  <p>Não, porque a verdade pode causar discussões.</p> <p>Concordam?</p>	<p>... Deves dizer tudo?</p> <p>A Sara respondeu...</p>  <p>Não, caso isso possa magoar alguém.</p> <p>Concordam?</p>
<p>... Deves dizer tudo?</p> <p>O Rodrigo respondeu...</p>  <p>Sim, porque posso dizer o que me apetecer, pois estamos em democracia.</p> <p>Concordam?</p>	<p>... Deves dizer tudo?</p> <p>A Rafaela respondeu...</p>  <p>Não, porque há coisas que só me dizem respeito a mim.</p> <p>Concordam?</p>
<p>... Deves dizer tudo?</p> <p>O Tó respondeu...</p>  <p>Não, caso tenha prometido guardar segredo.</p> <p>Concordam?</p>	<p><b>CRESCER... Comigo e com os Outros!</b></p> <p><b>Vamos crescer juntos nas nossas atitudes?</b></p>

## 8.9. ANEXO 9 – Descritivo da sessão n.º 5

Sessão	Data	Hora	Nome da sessão
N.º 5	21 de novembro de 2011	9h00 – 10h30	“O que é viver em sociedade?”

### 1.ª Atividade:

Utilização da estratégia de confronto de perguntas e obtenção de respostas. Realizada em grande grupo, com recurso a um PowerPoint.

As perguntas foram colocadas, e cada criança registou a sua opinião. Depois, foram expostas várias situações hipotéticas, sendo que as crianças poderiam concordar ou não com estas. Foi realizado um debate com as várias opiniões e reflexões feitas.

### **1.ª Pergunta:** Deves ajudar os outros?

#### Situações colocadas:

- Sim, porque não devo ser egoísta.
  - Sim, mas... Não é importante pensar primeiro em nós para sobreviver?
  - Sim, mas... Sabes sempre como ajudar os outros?
  - Sim, mas... Os outros não são muito numerosos?
  - Sim, mas... Devemos ajudar os outros sem que eles nos tenham pedido?
- Sim, porque eu gosto de ajudar os outros.
  - Sim, mas... Ajudas os outros para agradares a ti mesmo ou a eles?
  - Sim, mas... E se eles não te agradecerem, ficas aborrecido?
  - Sim, mas... E tu? Gostas sempre de ser ajudado?
- Sim, porque assim tenho muitos amigos.
  - Sim, mas... Aquele que está contigo porque tu o ajudas é um verdadeiro amigo?
  - Sim, mas... E se os teus amigos não te ajudarem? Podes continuar a ser amigo deles?
  - Sim, mas... Quando estás longe e não podes ajudar os teus amigos, perde-los?
  - Sim, mas... Ficamos sempre amigos daqueles que ajudamos?
- Não, os desconhecidos não.
  - Sim, mas... Porque é que a lei nos obriga por vezes a ajudar um desconhecido em perigo?
  - Sim, mas... Os desconhecidos precisam menos de ajuda do que os que nos são próximos?
  - Sim, mas... Pode ser perigoso ajudar alguém?
  - Sim, mas... Ajudar alguém não é aprender a conhecê-lo?
- Não, porque cada um deve aprender a desenvencilhar-se sozinho.

Sim, mas... Não precisamos todos uns dos outros quando vivemos em sociedade?

Sim, mas... Não precisamos dos outros para aprendermos a ser autónomos?

Sim, mas... As crianças ou os doentes também são capazes de se desenhencilhar sozinhos?

Sim, mas... É mau precisar dos outros?

Objetivos da pergunta:

- Aceitar que não precisa de se esquecer de si para poder pensar nos outros.
- Aprender a viver em sociedade.
- Saber agir perante os outros, sem receios e de forma ponderada.
- Tomar consciência de que só podemos ajudar os outros se aceitarmos ser ajudados.

**2.ª Pergunta:** És obrigado a respeitar sempre os outros?

Situações colocadas:

- Não, só respeito aqueles que me respeitam.

Sim, mas... E se eles também ficarem à espera de que tu os respeites para eles te respeitarem?

Sim, mas... Teremos todos a mesma ideia sobre o que é o respeito?

Sim, mas... De que vale o teu respeito se ele depende do respeito dos outros?

- Não, não respeito os ladrões nem os criminosos.

Sim, mas... Existem homens que não devemos respeitar?

Sim, mas... Com que direito decidimos quem merece ou não respeito?

Sim, mas... Os outros devem deixar de te respeitar quando cometeres erros?

Sim, mas... Pode-se respeitar alguém sem respeitar os seus atos?

- Não, porque não posso gostar de toda a gente.

Sim, mas... Só deves respeitar as pessoas de quem gostas?

Sim, mas... Podes não gostar de pessoas que respeitas?

Sim, mas... Às vezes, podes faltar ao respeito àqueles de quem gostas?

- Sim, porque senão vão pensar que sou mal-educado.

Sim, mas... Podes faltar ao respeito a alguém sem seres mal-educado?

Sim, mas... Podes ter boas razões para ser mal-educado?

Sim, mas... Deves preocupar-te sempre com o que os outros pensam?

- Sim, porque toda a gente tem o direito de ser como é e de proceder como quiser.

Sim, mas... Devemos tolerar tudo aos outros?

Sim, mas... Não devemos dizer às pessoas que respeitamos aquilo que pensamos de verdade?

Sim, mas... Respeitar os outros não significa também querer que eles se aperfeiçoem?

Sim, mas... A liberdade de cada um é mais importante do que o bem-estar de todos?

Objetivos da pergunta:

- Dar valor aos outros como gostaria que lhe dessem valor a si.
- Estabelecer a diferença entre uma pessoa e os seus atos.
- Aperceber-se da forma como as suas palavras e os seus atos podem atingir os outros.

**2.ª Atividade:**

O grupo reuniu-se em roda. A intenção deste jogo foi que o grupo percebe-se que todos temos uma ligação e que precisamos uns dos outros nas mais diversas situações.

Por isso, foi colocado o desafio: “Eu acho que sou igual à (nome de uma pessoa do grupo) porque (aspeto que têm em comum)...” Utilizámos um novelo de lã para estabelecer as relações de cada um, sendo que o novelo passou por cada pessoa do grupo formando, no final, uma grande teia que nos ligou todos uns aos outros.

8.10. ANEXO 10 – Powerpoint da sessão n.º 5

<p><b>CRESCER... Comigo e com os Outros!</b></p> <p><b>O que é viver em sociedade?</b></p>  <p>21 de novembro de 2011</p>	<p><b>... Deves ajudar os outros?</b></p> 
<p><b>... Deves ajudar os outros?</b></p> <p><b>O Luís respondeu...</b></p>  <p>Sim, porque não devo ser egoísta.</p> <p>Concordam?</p>	<p><b>... Deves ajudar os outros?</b></p> <p><b>A Sara respondeu...</b></p>  <p>Sim, porque eu gosto de ajudar os outros.</p> <p>Concordam?</p>
<p><b>... Deves ajudar os outros?</b></p> <p><b>O Rodrigo respondeu...</b></p>  <p>Sim, porque assim tenho muitos amigos.</p> <p>Concordam?</p>	<p><b>... Deves ajudar os outros?</b></p> <p><b>A Mafalda respondeu...</b></p>  <p>Não, os desconhecidos não.</p> <p>Concordam?</p>
<p><b>... Deves ajudar os outros?</b></p> <p><b>O Miguel respondeu...</b></p>  <p>Não, porque cada um deve aprender a desenvolver-se sozinho.</p> <p>Concordam?</p>	<p><b>... És obrigado a respeitar sempre os outros?</b></p> 



<p>... És obrigado a respeitar sempre os outros?</p> <p>O Manuel respondeu...</p>  <p>Não, só respeito aqueles que me respeitam.</p> <p>Concordam?</p>	<p>... És obrigado a respeitar sempre os outros?</p> <p>A Sara respondeu...</p>  <p>Não, não respeito os ladrões nem os criminosos.</p> <p>Concordam?</p>
<p>... És obrigado a respeitar sempre os outros?</p> <p>O Rodrigo respondeu...</p>  <p>Não, porque não posso gostar de toda a gente.</p> <p>Concordam?</p>	<p>... És obrigado a respeitar sempre os outros?</p> <p>A Rafaela respondeu...</p>  <p>Sim, porque senão vão pensar que sou mal-educada.</p> <p>Concordam?</p>
<p>... És obrigado a respeitar sempre os outros?</p> <p>O Tó respondeu...</p>  <p>Sim, porque toda a gente tem o direito de ser como é e de proceder como quiser.</p> <p>Concordam?</p>	<p><b>CRESCER... Comigo e com os Outros!</b></p> <p><b>Vamos crescer juntos nas nossas atitudes?</b></p>

### 8.11. ANEXO 11 – Descritivo da sessão n.º 6

Sessão	Data	Hora	Nome da sessão
N.º 6	28 de novembro de 2011	9h00 – 10h30	<i>“O que é viver em sociedade? Relembrar o que aprendi...”</i>

#### **1.ª Atividade:**

Utilização da estratégia de confronto de perguntas e obtenção de respostas. Realizada em grande grupo, com recurso a um PowerPoint.

As perguntas foram colocadas, e cada criança registou a sua opinião. Depois, foram expostas várias situações hipotéticas, sendo que as crianças poderiam concordar ou não com estas. Foi realizado um debate com as várias opiniões e reflexões feitas.

#### **1.ª Pergunta:** Gostarias de viver completamente só?

##### Situações colocadas:

- Não, porque ia aborrecer-me muito.
  - Sim, mas... Os outros são menos aborrecidos do que tu?
  - Sim, mas... Não será preciso estarmos aborrecidos de vez em quando?
  - Sim, mas... Não és capaz de inventar o teu próprio mundo?
  - Sim, mas... Terias medo de teres de te encontrar contigo?
- Não, porque assim ninguém ia saber que eu existo... e ficava muito triste.
  - Sim, mas... A tua felicidade deve depender dos outros?
  - Sim, mas... Às vezes não preferias que te ignorassem?
  - Sim, mas... As pessoas famosas existem “mais” do que as outras?
- Sim, porque os outros impedem-me de fazer o que eu quero.
  - Sim, mas... Às vezes não te impedes a ti próprio de fazer o que queres?
  - Sim, mas... Os outros não te poderão também ajudar a fazer aquilo que queres?
  - Sim, mas... Os outros podem saber melhor do que tu aquilo que te convém?
- Não, gostava era de escolher as pessoas com quem ando.
  - Sim, mas... E eles, também te podem escolher?
  - Sim, mas... A tua família escolheu-te?
  - Sim, mas... Não será preciso conhecer bem as pessoas antes de as podermos escolher?
- Não, porque os homens foram feitos para viver em sociedade.
  - Sim, mas... Na verdade, os homens foram mesmo feitos para alguma coisa?

Sim, mas... E quem decidiu isso para todos, terá sido Deus, a natureza ou o destino?

Sim, mas... Cada homem não deverá decidir qual o sentido da sua vida?

- Não, porque preciso dos outros para fazer coisas.

Sim, mas... Não és capaz de apreciar alguém só por aquilo que a pessoa é?

Sim, mas... Não sentes necessidade de ser útil aos outros?

Sim, mas... Vives com os outros só por necessidade?

Sim, mas... Não podes bastar-te a ti próprio?

Objetivos da pergunta:

- Aprender a estar sozinho para descobrir o que é.
- Reconhecer que os outros o ajudam a viver e que ele também os ajuda.
- Compreender que precisar dos outros não o impede de ser livre.
- Entender os diferentes laços que unem as pessoas numa mesma sociedade.

**2.ª Atividade:**

Diálogo e discussão de ideias relativas às sessões anteriores. O objetivo da atividade era perceber o que significavam as palavras escolhidas para descrever cada colega, as suas virtudes e as suas atitudes menos positivas.

Focámo-nos nas atitudes menos positivas e pedimos-lhes sugestões para poderem melhorar.




**3.ª Atividade:**

Visualização de um pequeno filme com imagens de cada uma das atividades propostas. Diálogo sobre o que aprenderam e como vão explorar estas ideias no seu dia-a-dia futuro.

**4.ª Atividade:**

Preenchimento de um pequeno questionário, no qual descreveram o que aprenderam ao longo deste projeto, as atitudes que tencionavam melhorar e, finalmente, uma palavra que para eles caracterizasse o projeto.

8.12. ANEXO 12 – Powerpoint da sessão n.º 6

<p><b>CRESCE... Comigo e com os Outros!</b></p> <p><b>O que é viver em sociedade?</b></p>  <p>28 de novembro de 2011</p>	<p><b>... Gostarias de viver completamente só?</b></p> 
<p><b>... Gostarias de viver completamente só?</b></p> <p><b>O Luís respondeu...</b></p>  <p>Não, porque ia aborrecer-me muito.</p> <p><b>Concordam?</b></p>	<p><b>... Gostarias de viver completamente só?</b></p> <p><b>A Sara respondeu...</b></p>  <p>Não, porque assim ninguém ia saber que eu existo... e ficava muito triste.</p> <p><b>Concordam?</b></p>
<p><b>... Gostarias de viver completamente só?</b></p> <p><b>O Rodrigo respondeu...</b></p>  <p>Sim, porque os outros impedem-me de fazer aquilo que eu quero.</p> <p><b>Concordam?</b></p>	<p><b>... Gostarias de viver completamente só?</b></p> <p><b>A Sara respondeu...</b></p>  <p>Não. Eu gostava era de poder escolher as pessoas com quem ando.</p> <p><b>Concordam?</b></p>
<p><b>... Gostarias de viver completamente só?</b></p> <p><b>O Miguel respondeu...</b></p>  <p>Não, porque os homens foram feitos para viver em sociedade.</p> <p><b>Concordam?</b></p>	<p><b>... Gostarias de viver completamente só?</b></p> <p><b>O Manuel respondeu...</b></p>  <p>Não, porque preciso dos outros para fazer coisas.</p> <p><b>Concordam?</b></p>

### 8.13. ANEXO 13 – Convite de divulgação do *blog* para os pais

## Convite

As alunas estagiárias da Universidade de Aveiro, Joana Tavares e Rita Gonçalves, juntamente com a Professora Patrícia Simões, convidam os pais e encarregados de educação dos alunos da turma do 3º ano de escolaridade do Colégio D. José I, bem como toda a comunidade escolar, a visitarem o blog por nós criado.

Este blog surge no âmbito da publicação e partilha de ideias relativas à temática do nosso projeto de investigação, que denominamos:

### **“CRESCER.. Comigo e com os Outros”**

O objetivo deste projeto é desenvolver em cada criança o interesse espontâneo pelas pessoas, o reconhecimento dos seus próprios sentimentos e dos outros, das suas características pessoais, das diferentes formas de relação com o outro e a sensibilidade para com as necessidades, perspetivas e sentimentos do outro.

Agradecemos as vossas sugestões e comentários.

Endereço do blog:

<http://crescercomigoecomosoutros.blogspot.com/>

**Participem!**

8.14. ANEXO 14 – Questionário final entregue às crianças

**QUESTIONÁRIO DE AUTO-AVALIAÇÃO DO PROJETO:**

**“CRESCER... Comigo e com os Outros!”**

O que aprendi...

---

---

---

O que devo melhorar...

---

---

---



---